

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

PATRÍCIA ELISABEL BENTO TIUMAN

PRODUÇÃO LITERÁRIA INFANTIL E JUVENIL DE WALCYR CARRASCO: UMA
ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO NARRATIVA E DA REPRESENTAÇÃO DE GRUPOS
SOCIAIS (1979 - 2010)

MARINGÁ - PR
2011

PATRÍCIA ELISABEL BENTO TIUMAN

PRODUÇÃO LITERÁRIA INFANTIL E JUVENIL DE WALCYR CARRASCO: UMA
ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO NARRATIVA E DA REPRESENTAÇÃO DE GRUPOS
SOCIAIS (1979 - 2010)

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Concentração: Estudos Literários).
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mirian Hisae Yaegashi Zappone.

MARINGÁ
2011

Catálogo na Fonte
Biblioteca da UNICENTRO

TIUMAN, Patrícia Elisabel Bento.

Produção literária infantil e juvenil de Walcyr Carrasco : uma análise da construção narrativa e da representação de grupos sociais (1979-2010) / Patrícia Elisabel Bento Tiuman. – Maringá, PR, 2011.

157f.
ISBN

Dissertação (Mestrado) Estudos Literários - Universidade Estadual de Maringá.

Orientador : Profª Drª Mirian Hisae Yaegashi Zappone

1.Literatura infanto-juvenil. I. Zappone, Mirian Hisae Yaegashi.
II. Título.

CDD 028.5

PATRICIA ELISABEL BENTO TIUMAN

**PRODUÇÃO LITERÁRIA INFANTIL E JUVENIL DE WALCYR CARRASCO: UMA ANÁLISE DA
CONSTRUÇÃO NARRATIVA E DA REPRESENTAÇÃO DE GRUPOS SOCIAIS (1979-2010)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Literários.

Aprovado em 13 de julho de 2011.


BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Mirian Hisae Yaegashi Zappone
Universidade Estadual de Maringá – UEM
- Presidente -



Prof.ª Dr.ª Rosa Maria Graciotto Silva
Universidade Estadual de Maringá – UEM



Prof.ª Dr.ª Márcia Cabral da Silva
Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ/Rio de Janeiro–RJ

À minha família, Luciano e Gabriela pelo incentivo, carinho, amor e compreensão.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida e por possibilitar a realização desse sonho.

À professora Mirian Hisae Yaegashi Zappone, meus sinceros agradecimentos, não apenas pela orientação firme e segura demonstrada na elaboração deste trabalho, mas também pelo incentivo, confiança e amizade nesses anos de convivência.

A Walcyr Carrasco pelas entrevistas e esclarecimentos importantíssimos para a realização desse estudo.

A meus pais, João e Maria Ângela, à minha irmã Adriana e meu sobrinho Rodrigo pelo apoio e incentivo durante a realização dos meus estudos.

A meus sogros Ciozi e Áurea, meu cunhado Ricardo por me substituírem enquanto mãe durante as minhas inúmeras viagens a Maringá.

A meus tios Mario e Tereza pelo apoio e estadia em Maringá durante o curso.

À Tatiana pela inspiração e exemplo.

À tia Maria pela colaboração na leitura e por suas sugestões em minha pesquisa.

À Patrícia, minha colega de estudos e de estrada.

A meus avós, tios e primos pelo apoio e compreensão durante esses anos.

À Jaqueline pela importantíssima colaboração na elaboração das fichas e gráficos utilizados para a realização do trabalho.

E, finalmente, a Luciano e filha Gabriela pelo apoio incondicional, meu muito obrigada. Desculpe-me por tê-los privado de minha presença e da atenção merecida durante tantos momentos.

Há homens que lutam um dia e são bons.
Há outros que lutam um ano e são melhores.
Há os que lutam muitos anos e são muito bons.
Porém, há os que lutam toda a vida.
Estes são os imprescindíveis.
(Bertolt Brecht)

RESUMO

A pesquisa apresentada nesta dissertação teve como objetivo realizar uma análise de narrativas infantis e juvenis escritas por Walcyr Carrasco, visando uma compreensão de como o autor trabalha a construção narrativa em seus textos, bem como as representações sociais que são neles recorrentes, com base no estudo de suas personagens, dos espaços representados em sua obra e das temáticas nelas discutidas. Tal pesquisa justifica-se em função de a obra de Walcyr Carrasco receber grande acolhida junto ao público infantil e juvenil, tornando-a, portanto, um tema de interesse para os estudos da literatura infantil e juvenil brasileira, na medida que pode aclarar questões relativas ao gosto deste público. O *corpus* da pesquisa abarca textos produzidos e publicados por Walcyr Carrasco entre os anos de 1979 a 2010, num total de 13 narrativas, das quais foram levantados dados sobre 152 personagens. A pesquisa teve uma abordagem quali-quantitativa, na medida em que se baseou tanto na análise qualitativa das obras, observando suas formas composicionais, como também realizou levantamento estatístico de dados pontuais sobre as personagens dos textos analisados. O levantamento de dados quantitativos foi necessário para que pudéssemos obter uma configuração pontual das personagens, do tempo e dos espaços privilegiados nas narrativas a fim de que se pudesse refletir sobre representação de grupos sociais na obra do autor em tela. Os dados levantados e analisados apontam para o fato de que nos textos do *corpus* prevalece a representação de várias classes sociais, sendo a classe média a predominante, os espaços privilegiados pelo autor são os de grandes centros urbanos da região sudeste; quanto aos temas, o autor enfoca de forma enfática as questões familiares com proeminência nas novas estruturas familiares, abordando temas polêmicos como o desconhecimento da paternidade, o relacionamento homossexual e as variadas formas da discriminação; o narrador dos textos de Carrasco possui como narratário um indivíduo contemporâneo à época em que foi produzido o texto, tanto a linguagem quanto o tempo da narrativa representam características da contemporaneidade. Portanto, os textos produzidos por Walcyr Carrasco representam o mundo contemporâneo e o leitor pode se identificar com o texto seja pela estrutura estética, que é de fácil compreensão, seja pela temática que é atual e polêmica despertando a curiosidade e promovendo, quando bem explorado, a criticidade do leitor em formação.

Palavras chaves: Literatura infantil e juvenil brasileira, Narrativa, Walcyr Carrasco, Representação social.

ABSTRACT

The research presented in this thesis aims to perform an analysis of the books written for children and youth by Walcyr Carrasco, seeking an understanding of how the author works on the narrative construction in his texts, as well as the social representations that are recurring in them, based on the study of their characters, spaces represented in his work and themes discussed in them. Such research is justified because by the great reception Walcyr Carrasco's books receive by the child and youth public, making it therefore a topic of interest for the study of Brazilian Children's literature, as they can clarify issues related to the preference of this public. The research corpus includes texts written and published by Walcyr Carrasco between the years 1979 to 2010, a total of 13 narratives, from which data were collected from over 152 characters. The research had a qualitative-quantitative approach, insofar it relied on the qualitative analysis of the works, observing their compositional forms, as also held a statistical analysis of points data about the characters of the texts analyzed. The quantitative data collection was necessary so a punctual configuration of the characters, time and space privileged in the narratives were obtained in order to reflect on the social groups representation in his works. The data collected and analyzed point to the fact that in the texts of the corpus prevail the representation of various social classes being predominantly the middle class, the spaces privileged by the author are the large urban centers in the Southeast; regard to issues, the author focuses emphatically on family issues prominently in the new family structures, addressing controversial issues such as lack of paternity, homosexual relationships and different forms of discrimination, the narrator of Carrasco's texts has as narratee an contemporary individual to the time the texts were produced, both language and narrative time represent contemporary characteristics. Therefore, the texts produced by Walcyr represent the contemporary world and the readers can identify themselves with the text as for the esthetic structure that is easy to understand, as for the theme that is current and controversy which arouses the curiosity, encouraging when well exploited, the criticism of the reader.

Key-Words: Brazilian Children's Literature, Narrative, Walcyr Carrasco, Social Representation.

GRÁFICOS

Gráfico 1	Idade da personagem X Sexo da personagem.....	84
Gráfico 2	Sexo da personagem X Orientação sexual da personagem.....	85
Gráfico 3	Cor da personagem X Escolaridade.....	86
Gráfico 4	Orientação sexual da personagem X Estrato socioeconômico da personagem.....	89
Gráfico 5	Idade da personagem X Estrato socioeconômico da personagem.....	90
Gráfico 6	Escolaridade da personagem X Sexo da personagem.....	91
Gráfico 7	Sexo da personagem.....	91
Gráfico 8	Sexo da personagem X Posição da personagem na trama.....	93
Gráfico 9	Tipo de narrador.....	94
Gráfico 10	Idade da personagem X Posição da personagem na trama.....	99
Gráfico 11	Época da fábula.....	105
Gráfico 12	Espaço da fábula.....	107
Gráfico 13	Região brasileira da fábula.....	109
Gráfico 14	Desfecho da personagem.....	135

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Relação entre o número das personagens e o título do livro.....	83
Tabela 2	Ocupações da personagem.....	87
Tabela 3	Populações residentes estimadas em 1º de julho de 2008.....	108
Tabela 4	Principal temática abordada na obra.....	134
Tabela 5	Tipo de morte da personagem X Cor da personagem.....	136

QUADROS EXPLICATIVOS

Quadro 1	Personagens.....	38
Quadro 2	Elementos da linguagem.....	49
Quadro 3	Funções da linguagem.....	49
Quadro 4	Obras publicadas por Walcyr Carrasco.....	54
Quadro 5	Obras que serão analisadas.....	55
Quadro 6	O narrador nos textos de Walcyr Carrasco.....	94
Quadro 7	Ilustrações nos textos de Walcyr Carrasco.....	113
Quadro 8	Temática dos textos de Walcyr Carrasco.....	127

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	15
1	CAPÍTULO I – Aspectos teóricos: Literatura, Leitor e Ensino de Literatura.....	21
1.1	Um tópico sobre Literatura.....	21
1.2	A leitura e o leitor.....	26
2	CAPÍTULO II - LEITURA LITERÁRIA DE TEXTOS NARRATIVOS.....	30
2.1	Estrutura da narrativa.....	32
2.2	Fábula e trama.....	34
2.3	Intriga, enredo, nó, clímax e desfecho.....	35
2.4	Personagens.....	36
2.5	Narrador.....	40
2.6	Tempo, espaço e ambientação.....	44
2.7	A ilustração.....	47
2.7.1	Literatura e imagem: um diálogo possível.....	47
2.7.2	Funções da imagem.....	49
2.7.3	Elementos de análise de ilustrações.....	51
3	CAPÍTULO III – Metodologia da pesquisa.....	53
3.1	O <i>corpus</i> da pesquisa	53
3.2	Procedimentos da pesquisa.....	55
4	CAPÍTULO IV – Considerações sobre Walcyr Carrasco e suas produções artísticas.....	57
4.1	Walcyr Carrasco e a Literatura infantil e juvenil.....	57
4.2	Walcyr Carrasco: jornalista e dramaturgo.....	62
4.3	Walcyr Carrasco: tradutor, adaptador, folclorista e cronista.....	65
4.4	Walcyr Carrasco: escritor de obras para os públicos infantil, juvenil e adulto.....	66
4.5	Premiações recebidas por Walcyr Carrasco.....	66
5	CAPÍTULO V – Primeiras palavras: recontando histórias.....	68
5.1	Recontando histórias.....	68
5.1.1	Quando o meu irmãozinho nasceu.....	68

5.1.2	Irmão negro.....	68
5.1.3	Meu primeiro beijo.....	70
5.1.4	O anjo linguarudo.....	70
5.1.5	O mistério da gruta.....	71
5.1.6	A ararinha do bico torto.....	72
5.1.7	Meus dois pais.....	73
5.1.8	Pituxa, a vira-lata.....	74
5.1.9	A corrente da vida.....	74
5.1.10	O caçador de palavras.....	75
5.1.11	Estrelas tortas.....	75
5.1.12	Vida de droga.....	76
5.1.13	A palavra não dita	77
5.2	Análise dos livros	78
5.2.1	Personagens.....	78
5.2.2	O narrador e a focalização em Walcyr Carrasco.....	93
5.2.3	Tempo, espaço e ambientação.....	101
5.2.3.1	Tempo.....	101
5.2.3.2	Espaço e ambientação.....	105
5.2.4	Linguagem	109
5.2.5	Ilustrações.....	112
5.2.6	Temática.....	126
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
7	REFERÊNCIAS	141
8	APÊNDICE	150
8.1	APÊNDICE 1 Entrevista cedida pelo autor	151
8.2	APÊNDICE 2 Questionário sobre as obras de Walcyr Carrasco	152
8.3	APÊNDICE 3 Relação dos livros publicados por Walcyr Carrasco	156

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é fruto de nossa preocupação em formar leitores assíduos e críticos. Sou professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II e professora alfabetizadora no Ensino Fundamental I, além de ter lecionado no Ensino Médio, na Educação Infantil e em cursinho pré-vestibular. Temos percebido que as crianças leem mais e se divertem muito mais com a leitura do que os adolescentes. Com o intuito de compreender esse processo de aversão à leitura, iniciamos pesquisas acerca das concepções de leitura e dos fatores responsáveis pela desmotivação dos adolescentes em relação à leitura.

Percebemos a existência de um abismo entre os livros lidos na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I e os exigidos no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio. Primeiramente, no município de Carlópolis PR, onde leciono, os professores não possuem o hábito de trabalhar com a leitura literária e, infelizmente, em sua maioria, também não são leitores.

Sendo assim, nosso objetivo foi encontrar obras literárias para serem utilizadas como intermediárias entre as obras de fruição, lidas nos primeiros anos de escolarização, e as obras canônicas exigidas nos currículos escolares e pelos vestibulares. No decorrer da pesquisa, notamos que o autor Walcyr Carrasco escreveu várias obras destinadas ao público infantil e juvenil as quais poderiam ser utilizadas como intermediárias no processo de formação de leitores críticos. Ao realizar a pesquisa exploratória sobre o autor, observamos a ausência de trabalhos sobre sua produção literária motivando esse estudo, pois, o autor em questão é apreciado pelos leitores infantis e juvenis¹.

Para a elaboração dessa dissertação, fez-se necessária a leitura dos trabalhos que citavam o autor ou alguma de suas obras como a tese de doutorado *A imagem esfacelada do professor: um estudo em textos de revistas* (PUC SP, 2009) de autoria de Daniella Barbosa

¹ Durante os anos de 2004 a 2011 lecionei as disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Fundamental II e Ensino Médio no Colégio Educacional de Carlópolis. O primeiro livro que li de autoria de Walcyr Carrasco foi *O menino narigudo* (1993c) que foi indicado por um aluno, no ano de 2008. No início de 2010, uma aluna me recomendou o livro *Vida de droga* (2002e). Esses textos foram utilizados nas aulas de literatura, obtendo grande receptividade por parte dos alunos. Durante o ano de 2010, os livros de Walcyr Carrasco foram lidos pelos alunos e professores do colégio abrangendo desde a Educação Infantil até a 8ª série culminando em um evento de encerramento do ano letivo, no qual os alunos apresentaram peças teatrais, danças e expuseram os trabalhos escolares realizados a partir dos textos de Walcyr Carrasco

Buttler, que utiliza as crônicas publicadas nas revistas *Veja São Paulo* e *Nova Escola* para investigar as (re-) configurações construídas em textos sobre o trabalho do professor. Para tanto, foram utilizadas as crônicas *Meus professores* (03/10/2001), *A didática do sexo* (02/03/2005) e *Maquiagem na educação* (08/03/2006) todas veiculadas pela revista *Veja São Paulo*.

A crônica *Direito à vaidade de autoria* de Walcyr Carrasco publicada na revista *Veja São Paulo* (16/03/2005) foi objeto de análise na dissertação de mestrado de Ângela do Nascimento, intitulada de *O movimento passionnal do discurso nas crônicas do cotidiano* (PUC SP, 2007). Este estudo está vinculado ao ensino de leitura, escrita e língua portuguesa e aos conceitos de retórica.

A dissertação de mestrado *Diários de bordo: uma viagem pela leitura de textos com o tema infância na Penitenciária Estadual de Maringá* de Sharlene Davantel Valarini (UEM, 2009) utilizou o texto *Os netos de Lennon* de Walcyr Carrasco com o intuito de propiciar aos detentos da Penitenciária Estadual de Maringá, uma reflexão sobre os comportamentos infantis, os relacionamentos familiares e os sentimentos inerentes às relações com pais, irmãos e educação.

Adalto Moraes de Souza escreveu a dissertação de mestrado *As conversações espontânea e literária: um estudo comparativo* (USP, 2004) na qual realiza um estudo sobre a oralidade ou interface oral/escrito em língua portuguesa descrevendo os processos gramaticais e textuais no português falado no Brasil utilizando para tanto as crônicas de Walcyr Carrasco.

As crônicas do autor também foram estudadas por Marlon Basso da Silva, que analisou cinco crônicas retiradas do livro *O golpe do aniversariante e outras crônicas* (Editora Ática, 1996) em seu Trabalho de Conclusão de Curso, *As crônicas de Walcyr Carrasco: uma análise estilística* (Centro Universitário Franciscano, 2000). Os textos são abordados sob o conceito de metáfora. Para o trabalho foram utilizadas as crônicas *O golpe do aniversariante*, *Olhos negros*, *Calorias e culpas*, *A arte do assalto* e *Os papas da costura*.

Com relação às novelas de Walcyr Carrasco encontramos os seguintes artigos: *Conhecimento e incompletude na ficção seriada* e *A vingança da mímesis: historicidade e mediatização da cultura na narrativa seriada televisiva*, artigos escritos pelo Prof. Dr. Adair M. Tesche (UNISINOS, 2002) sobre a novela *A Padroeira* de Walcyr Carrasco, utilizando os conceitos pertinentes ao estudo da teledramaturgia.

O Professor Ms. Valdeci Gonçalves da Silva estudou a novela *Caras & bocas* sob o viés psicanalítico observando a relação existente entre Cássio, um jovem homossexual, e

Léa uma socialite heterossexual no artigo “*Bofe escândalo*”: *a abominável criatura das grifes* (UEPB, 2009).

Daniela Jakubaszko, doutoranda em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, escreveu o artigo *Alma Gêmea: o indígena na telenovela* (USP, 2004) no qual discute a representação do indígena na telenovela *Alma Gêmea*, de Walcyr Carrasco.

Adalgisa Maria Oliveira Nunes publicou o artigo *A literatura na TV* (Universidade Metodista de São Bernardo do Campo, 2006), apresentando a relação dinâmica existente entre livros e minisséries de TV. Entre as minisséries analisadas estão *O guarani*, *Filhos do sol e Rosa dos rumos* de Walcyr Carrasco.

Renan de Oliveira Martins em um estudo de PIC (Programa de Iniciação Científica) (UEM, 2006), sobre religião apresenta o estudo *Espiritismo e Teledramaturgia: a clara evidência de um bom “casamento” na atualidade* no qual analisa as novelas cuja temática se destaca incluindo nesse rol *O Profeta*, obra original de Ivani Ribeiro, adaptada por Walcyr Carrasco e *Alma Gêmea*.

Marly Camargo Vidal e Jane A. Marques publicaram o artigo *O Cravo e a Rosa – uma tentativa de estudar a estilização paródica* (USP, 2001), realizando uma aproximação da telenovela *O Cravo e a Rosa*, de Walcyr Carrasco com a teoria de Mikhail Bakhtin referente ao dialogismo.

Danúbia Andrade publicou o artigo *Da senzala à cozinha: trajetória das personagens negras na telenovela brasileira* (PUC Minas, 2008), no qual reflete sobre a participação de atores e atrizes negras em telenovelas brasileiras, sendo que uma das telenovelas analisadas foi *Xica da Silva* de autoria de Walcyr Carrasco.

Alguns trabalhos foram publicados sobre as obras escritas, adaptadas e traduzidas por Walcyr Carrasco tendo como objetivo a sua utilização em sala de aula. Cecília Mancílio Xavier publicou o artigo *O resgate da leitura de clássicos e a exploração* (UENP-FAFIJA), apresentando uma proposta de trabalho que explora a transversalidade dos temas presentes no livro *Os miseráveis*, de Victor Hugo, adaptado por Walcyr Carrasco com o intuito de proporcionar aos professores do Ensino Fundamental II uma metodologia para introduzir o contato com os clássicos em sala de aula.

Alice Atsuko Matsuda Pauli, no capítulo *Tecendo a aula de português*, presente no livro *Educação literária em foco: entre teorias e práticas* (UENP-FAFICP, 2008), apresenta o relato de uma experiência desenvolvida durante um ano letivo com o tema exclusão social. Para a prática de leitura, foi utilizado dentre outros livros *Os miseráveis*, de Victor Hugo, adaptado por Walcyr Carrasco. Relato que se repete no artigo publicado

vinculado ao Programa de Desenvolvimento da Educação (PDE) *Formação do leitor: problemas e desafios*.

Com essa pesquisa exploratória pudemos perceber que os trabalhos publicados sobre Walcyr Carrasco abordam superficialmente algumas de suas crônicas ou analisam alguma novela sob o viés da psicologia ou da comunicação. Os estudos na área de literatura são rarefeitos e apresentam sugestões de leitura do livro *Os Miseráveis*. Sem apresentar um estudo sobre o autor e muito menos uma análise sobre sua produção literária. As suas obras televisivas ou suas crônicas são utilizadas como pano de fundo para outros tipos de análise, mas não a literária.

Embora Walcyr Carrasco seja reconhecido nacionalmente como um dos principais autores da teledramaturgia brasileira, ele tem sido ignorado pela crítica literária, apesar de possuir vários livros publicados que reclamam uma leitura crítica, pois o autor é lido e apreciado com frequência por jovens, fator evidenciado pela recente publicação de seus livros *A ararinha do bico torto* (2010a) e *Meus dois pais* (2010b) em versão interativa para ser lido em *tablets*. Sabemos da complexidade de se realizar um trabalho inédito sobre o autor e da dificuldade de se encontrar informações sobre ele e sua produção. Os dados são escassos e, muitas vezes, incompletos ou conflitantes. Para tanto, recorreremos às informações disponíveis em suas obras, em seu site, em entrevistas com o autor via internet e em outras notícias veiculadas na internet, sempre tendo o cuidado de confrontá-las para verificar a sua veracidade.

A literatura infantojuvenil surgiu no âmbito da cultura burguesa e possui uma tradição ocidental, eurocêntrica, masculina, branca, mas, não são apenas esses textos que se configuram como literários. Contudo, são os que, em sua maioria, compõem o cânone literário e são lidos e analisados tanto no ambiente escolar quanto no acadêmico. Atualmente, existem inúmeros autores dignos de serem estudados e analisados pela crítica literária, principalmente se levarmos em consideração a sua aceitação por parte do público leitor como ocorre com o autor Walcyr Carrasco. De posse dessas informações, iniciamos a pesquisa consolidada neste trabalho.

Como afirma Candido (1981), a crítica

parte de uma impressão para chegar a um juízo, e a história não foge a essa contingência. Isso não significa, porém, impressionismo nem dogmatismo, pois entre as duas pontas se impõe algo que constitui a seara própria do crítico, dando validade ao seu esforço e seriedade ao seu propósito: o trabalho construtivo de pesquisa, informações, exegese. (CANDIDO, 1981, p. 32)

O trabalho do crítico consiste em compreender para interpretar e explicar. Dessa forma, o crítico precisa extrapolar os limites do prazer estético para adentrar no universo da análise avaliativa quanto à estrutura textual e os elementos que a constituem. Sendo assim, “não há, porém, uma crítica única, mas vários caminhos”. (CANDIDO, 1981, p. 33) Apresentamos, nesse estudo, uma face dos textos analisados, sendo possível, porém, outras interpretações.

Para a realização dessa pesquisa foram formuladas indagações que se pretende responder no decorrer da dissertação.

1. Quais são as características do discurso narrativo das obras de Walcyr Carrasco?
2. Quais são as temáticas predominantes nos livros desse autor?
3. Como o autor constrói as suas personagens, levando em consideração a faixa etária, raça, orientação sexual e a situação socioeconômica?
4. Quais são os estados e regiões brasileiras representados nos textos narrativos de Walcyr Carrasco?
5. As ilustrações, presentes nos livros de Walcyr Carrasco, estabelecem uma relação de completude e extrapolação do texto narrativo ou são apenas decorativas?

Com base nessas perguntas de pesquisa, o objetivo geral deste trabalho consistiu na análise quali-quantitativa de obras de Walcyr Carrasco, observando aspectos de sua construção narrativa e da representação de grupos sociais nelas presentes. Sendo assim, são seus objetivos específicos:

1. Verificar e explicar as características do discurso narrativo das obras de Walcyr Carrasco.
2. Analisar as temáticas predominantes nos textos do referido autor.
3. Estudar como o autor constrói as suas personagens, levando em consideração a faixa etária, raça, orientação sexual e a situação socioeconômica e a sua relação com a realidade sócio-econômica brasileira.
4. Determinar quais são os estados e regiões brasileiras representados nos textos narrativos de Walcyr Carrasco.

5. Averiguar se as ilustrações, presentes nos livros de Walcyr Carrasco, estabelecem uma relação de completude e extrapolação do sentido do texto narrativo.

A dissertação, aqui apresentada, está organizada em cinco capítulos. O capítulo I *Aspectos teóricos: Literatura, Leitor e Ensino de Literatura*, busca discutir os conceitos de Literatura e suas modificações no decorrer dos tempos, assim como, a concepção de leitor: sujeito agente no processo ensino e aprendizagem de leitura literária.

No capítulo II *Leitura literária de textos narrativos*, apresentamos aspectos teóricos sobre as narrativas enquanto elementos importantes para a análise de obras literárias com qualidade a fim de promover a leitura literária no âmbito escolar.

No capítulo III *Metodologia da pesquisa*, descrevemos a maneira como foi elaborada a pesquisa, assim como, o *corpus* analisado neste estudo.

No capítulo IV *Considerações sobre Walcyr Carrasco e suas produções artísticas*, apresentamos o autor em suas atividades como dramaturgo, jornalista, tradutor, adaptador e autor de textos narrativos destinados aos públicos infantil, juvenil e adulto.

Por fim, no capítulo V *Primeiras palavras: recontando histórias*, analisamos treze livros de autoria de Walcyr Carrasco, utilizando como suporte teórico as informações contidas no capítulo II.

A obra literária é um objeto autônomo cuja essência é a maneira como apresenta os elementos transfigurados da realidade, formando uma nova realidade virtual, a do texto literário. Os elementos que serão os nossos objetos de estudo são os constituintes da estrutura da obra literária. O mais importante num estudo crítico é o que o texto exprime. Dessa maneira, elaboramos um estudo sobre a configuração do texto narrativo no *corpus* selecionado.

A relevância acadêmica dessa pesquisa se deve não somente à importância de se mapear a produção literária de Walcyr Carrasco que se encontra em plena produção, como também, promover a discussão sobre a necessidade de se estudar os autores contemporâneos amplamente adotados pelos professores e lidos no Ensino Fundamental.

CAPÍTULO I – ASPECTOS TEÓRICOS: LITERATURA, LEITURA, LEITOR E ENSINO DE LITERATURA

1.1 Um tópico sobre Literatura

Existiram, ao longo dos tempos, várias tentativas de definir a literatura. A primeira delas seria distinguir a ficção da realidade, mas essa definição é insatisfatória, pois autores de textos filosóficos, sermões, ensaios, autobiografias foram incluídos durante muito tempo no rol dos literatos. Para alguns pesquisadores como Eagleton (1997), a oposição entre verdade “histórica” e verdade “artística” nunca foi claramente explicada. Outra definição, proposta pelos formalistas russos, seria a de que a literatura utiliza a linguagem de forma peculiar.

Segundo Eagleton (1997), para os formalistas russos do início do século XX, a literatura é a escrita que representa uma violência organizada contra a fala comum, transformando-a e a intensificando, afastando-a da fala cotidiana. Ela se caracteriza por ser uma forma de linguagem que chama a atenção sobre si mesma e exibe sua existência material: ritmo, ressonância, tessitura. Os formalistas rejeitaram as doutrinas simbolistas que, com seu misticismo e transcendência, haviam influenciado a crítica literária até então e, voltaram-se para a realidade material do texto literário. O formalismo se caracterizou pela aplicação da linguística ao estudo da literatura e deixou de lado a análise dos conteúdos literários. Dedicaram-se ao estudo da forma e não a consideravam como expressão do conteúdo, este era simplesmente a “motivação da forma”; pretexto para exercício formal. Para os formalistas, a linguagem literária consistia em um conjunto de desvios da norma, uma espécie de violência linguística. A literatura é uma forma especial de linguagem, em contraste com a linguagem comum, utilizada cotidianamente.

No entanto, Eagleton (1997) critica essa tentativa de definição porque para se observar um desvio é necessário identificar a norma da qual a linguagem se afasta. O termo linguagem comum é uma concepção contraditória, pois a linguagem comum dos filósofos é diferente da linguagem comum de portuários. Portanto, não existe uma única linguagem “comum”, “normal”. O fato de o caráter literário advir das relações diferenciais entre um tipo de discurso e outro não era uma característica perene. Na verdade, os formalistas pretendiam definir a literaturidade (usos especiais da linguagem) e não a literatura. Pensar na literatura, como os formalistas pensavam, é considerar toda a literatura como poesia. Contudo, ela abarca muitas outras produções além da poesia. Dessa forma, “a literatura pode ser tanto uma

questão daquilo que as pessoas fazem com a escrita, como daquilo que a escrita faz com as pessoas.” (EAGLETON, 1997, p. 9)

Partindo desta análise, Eagleton chega à conclusão de que a literatura não pode ser definida objetivamente. Para o crítico, a sua definição fica dependendo da maneira pela qual alguém resolveu ler, e não da natureza daquilo que é lido. Assim, pode-se pensar na literatura menos como uma qualidade inerente, ou como um conjunto de qualidades evidenciadas, do que como as várias maneiras pelas quais as pessoas se relacionam com a escrita, pois isolar um conjunto constante de características inerentes dos textos literários seria tarefa impossível. Não existe uma essência da literatura, pois qualquer fragmento pode ser lido “não-pragmaticamente” como qualquer texto pode ser lido poeticamente. Literatura, segundo Eagleton (1997), é, nesse sentido, puramente formal, vazia. Ainda não se descobriu o que faz um texto ser literatura. Mas se literatura é a escrita bonita? Qual é o verdadeiro significado do termo bonito? Isso não implicaria num juízo de valor? As pessoas, de modo geral, consideram como literatura a escrita que lhes parece bonita. Se tal concepção fosse válida, não haveria a má literatura. Esses julgamentos de valor têm muita relação com a concepção de literatura. O estilo tem de ser o considerado belo. Dessa forma, qualquer texto pode ser literatura e qualquer texto considerado literatura (inquestionável) pode deixar de sê-lo, pois, os juízos de valor são notoriamente variáveis.

Sendo assim, qualquer ideia de que o estudo da literatura é o estudo de uma entidade estável é uma ilusão e deve ser abandonada. Alguns tipos de ficção são literatura, outros não. A literatura pode se preocupar com a beleza do estilo, mas muita escrita considerada bonita não é literatura. Até mesmo o cânone literário é passível de mudança. As transformações profundas em nossa história podem nos levar a, no futuro, produzir uma sociedade incapaz de atribuir qualquer valor às obras consideradas, atualmente, como alta literatura ou literatura de qualidade.

Umberto Eco (2004) apresenta o conceito de Verdade e seu significado tanto na estrutura ficcional, quanto no mundo real. As afirmações ficcionais só são verdadeiras, segundo este autor, na estrutura do mundo possível dentro da própria história. Já a noção de verdade no mundo real não é tão certa. Acharmos que o conhecemos a partir de nossa experiência, porém esses conceitos que acreditamos saber, só são verdades dentro de estruturas específicas. O modo como se aceita a representação do mundo real não difere muito do modo como aceitamos a representação do mundo ficcional, criado com base no mundo real, por isso um leitor pode se confundir ao interpretá-lo e trazer para ele elementos inadequados a respeito do mundo real. Isso acontece quando o leitor não age como um leitor-

modelo. Assim, não se espera apenas que os autores se apoiem no mundo real, mas também intervenham constantemente para informar aos leitores o que é necessário saber dele para uma melhor interpretação do mundo ficcional elaborado por eles. (2004, p. 99)

Antonio Candido (1967) apresenta a literatura como um dos direitos do homem em encontrar o equilíbrio. Segundo este autor, a literatura tem sido apresentada sob o ponto de vista do homem branco, adulto, civilizado. Existe, portanto um crivo deformante reduzindo a realidade do mundo a essa visão. Candido estuda as diferenças entre literatura primitiva e literatura ocidental. De acordo com seus estudos a arte primitiva possui uma estreita ligação com a vida social e seus fatores básicos. Nas literaturas orais, a autonomia do autor é menor e o papel exercido pela obra na organização social é maior. (1967, p. 54)

Apresenta, também, as funções da literatura: total, social e ideológica. “A função total deriva da elaboração de um sistema simbólico que transmite certa visão de mundo, por meio de instrumentos expressivos adequados.” (CANDIDO, 1967, p.54). A caracterização de um texto de grandeza literária procede dessa função total, na qual uma obra para ser considerada ou não de grande qualidade literária “depende da sua relativa intemporalidade e universalidade”. (CANDIDO, 1967, p.54) Assim, a obra pode ultrapassar as fronteiras geográficas e temporais e permanecer atual e significativa por séculos, quando se desliga dos fatores históricos que a prendem em um determinado período. A função social está intimamente ligada à importância da obra para determinado grupo social em um contexto histórico determinado. Ela tem por objetivo estabelecer relações sociais de maneira que o grupo se reconheça e encontre satisfação e está intimamente ligada à função ideológica. Com relação à função ideológica, autor e público estabelecem certos designos conscientes. O artista quer atingir determinado fim, enquanto o leitor deseja que o autor lhe mostre determinado aspecto da realidade. A obra se torna um sistema definido de ideias. Para ocorrer a compreensão da obra literária, faz-se necessário considerar simultaneamente essas três funções com o intuito de alcançar a função da literatura na sociedade.

Com relação à função da literatura Eco afirma:

à parte as muitas e importantes razões estéticas, acho que lemos romances porque nos dão a confortável sensação de viver em mundos nos quais a noção de verdade é indiscutível, enquanto o mundo real parece um lugar mais traiçoeiro. Esse “privilégio aletológico” dos mundos ficcionais também nos fornece parâmetros para questionarmos interpretações forçadas de textos literários. (2004, p. 97)

Para Antoine Compagnon (2006) o texto literário possui relação com seis outras noções: a intenção, a realidade, a recepção, a língua, a história e o valor. Com relação à extensão da literatura, Compagnon apresenta duas definições: primeiramente em sentido amplo, no qual literatura consiste em tudo o que já foi escrito, incluindo a literatura oral, ou seja, se assemelha à noção clássica de belas-lettras. E em sentido restrito, apresenta duas subdivisões: literário e não-literário. Essa concepção aparece no séc. XIX em decorrência da falência dos termos aristotélicos: *Épico*, *Dramático* e *Lírico* substituídos pelos termos modernos: *romance*, *teatro* e *poesia*, termos estes inseparáveis do romantismo e da nacionalização da literatura. No entanto, se literatura é tudo o que eu posso ler, o valor de uma literatura pode mudar com o tempo. Nesse sentido, entra a elaboração do cânone a ser estudado, embora possa ser revisto.

Assim como Candido, Compagnon (2006) também discorre sobre as funções da literatura. De acordo com os estudos apresentados por este autor, ela possibilita a experimentação de situações que talvez nós nunca poderíamos experimentar na vida real. “A literatura serve para produzir um consenso social; ela acompanha, depois substitui a religião como o ópio do povo” (COMPAGNON, 2006, p.36). Ela pode apresentar ideias favoráveis ou contrárias à sociedade. “Pode acompanhar o movimento, mas também precedê-lo.” (COMPAGNON, 2006, p.37)

Com relação à forma do conteúdo, “para a poética clássica, a literatura é caracterizada pela ficção enquanto forma de conteúdo, isto é, enquanto conceito e modelo.” (COMPAGNON, 2006, p.38) No entanto, Compagnon questiona: trata-se de uma definição ou de uma propriedade da literatura? Ele apresenta então a forma de expressão da literatura em oposição à linguagem cotidiana, ou seja, utilitária, a literatura é o uso estético da linguagem escrita. A cotidiana é mais denotativa, mais espontânea, o seu uso cotidiano é referencial e pragmático. A linguagem literária, por sua vez, é mais conotativa (ambígua, expressiva, auto-referencial), mais sistemática (densa, complexa). Dessa forma, o uso literário da língua é imaginário e estético. Os formalistas russos deram ao uso propriamente literário da língua, considerada a propriedade distintiva do texto literário, o nome de literariedade. Eles tentavam, graças a esse conceito, que não deixa de ser polêmico, tornar o estudo literário autônomo, por meio da definição da especificidade de seu objeto. Dentre as características analisadas pelos formalistas na obra literária, a que nos interessa de imediato, é a de que distinguiam a linguagem literária da não-literária. Mas qual fator torna os textos literários? Segundo os formalistas, como já foi comentado, seria o critério da literariedade, é o estranhamento ou a desfamiliarização. A literatura renova a sensibilidade linguística dos

leitores por meio de procedimentos que desarranjam as formas habituais e automáticas de sua percepção. O efeito de desfamiliarização resulta do domínio de certos procedimentos que, tomados do conjunto das invariáveis formais ou traços linguísticos, caracterizam a literatura como experimentação dos “possíveis da linguagem”.

Dessa forma, a essência da literatura está fundamentada nas invariantes formais passíveis de análise. Com relação à literariedade “como não existem elementos linguísticos exclusivamente literários, a literariedade não pode distinguir um uso literário de um uso não literário da linguagem” (COMPAGNON, 2006, p.42). Contudo, há textos literários que não se afastam da linguagem cotidiana, assim como há certos tipos de textos, como os publicitários, que hoje a condensam, muito mais que os textos literários. Para Compagnon, a literariedade compromete-se com uma preferência extraliterária. Não é simplesmente o que é escrito, mas sim como é escrito.

Como temos demonstrado, definir literatura é passear por um caminho tortuoso e pedregoso, portanto Compagnon apresenta algumas conclusões irônicas:

Literatura é uma inevitável petição de princípio. Literatura é literatura, aquilo que as autoridades (professores, editores) incluem na literatura. Seus limites se alteram lentamente, mas é impossível passar de sua extensão à sua compreensão, do cânone à essência. (COMPAGNON, 2006, p.46)

Umberto Eco, por sua vez, apresenta uma definição esclarecedora sobre a importância da literatura: “de qualquer forma, não deixamos de ler histórias de ficção, porque é nelas que procuramos uma fórmula para dar sentido à nossa existência” (ECO, 2004, p. 145). Se, por um lado, o terreno das conceituações da literatura são movediços e complexos, por outro lado, ela é construção cultural indispensável para a sociedade humana. Como salienta Candido (1967), a literatura se configura como um sistema vivo de obras que interagem umas sobre as outras e sobre os leitores. Dessa forma, conhecer e compreender o sujeito leitor é imprescindível:

A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. (CANDIDO, 1967, p. 86-7)

Sendo assim, a obra é mediadora entre o autor e o público leitor e o leitor, por sua vez estabelece a mediação entre o autor e a obra. O autor, segundo Candido (1967), precisa da reação do público para tomar consciência da magnitude de sua obra. A obra literária possui

uma posição dual, pois revela o autor implícito ao público e ao mesmo tempo, por meio da reação do público frente à obra revela o leitor real ao autor empírico. Essa relação justifica a relevância desse estudo, pois o autor Walcyr Carrasco possui um público leitor assíduo nas escolas brasileiras.

1.2 A leitura e o leitor

Segundo Compagnon (2006), durante muito tempo, o leitor não foi considerado pela crítica literária seja ela a impressionista, a historicista, a formalista ou o *New Criticism* Americano que apresentava a obra como uma unidade orgânica, auto-suficiente, propondo o *close reading*. O leitor começa a ser considerado após o estruturalismo que vê o leitor empírico como intruso. O leitor proposto pelo estruturalismo é abstrato ou perfeito.

Umberto Eco (2004), com relação ao leitor, distingue o leitor empírico do leitor modelo. Para Eco, o leitor empírico é o ser físico, que efetua o ato de ler, enquanto o leitor modelo é um esquema textual que guia este indivíduo pelos caminhos do texto. Eco distingue também os componentes da trindade narrativa, o autor-modelo, o narrador e o leitor convivem harmoniosamente na obra. Esses componentes “precisam aparecer juntos porque o autor-modelo e o leitor-modelo são entidades que se tornam claras uma para a outra somente no processo da leitura, de modo que uma cria a outra” (ECO, 2004, p. 30).

Eco afirma que há duas maneiras de se ler um texto. Pode lê-lo como um leitor de primeiro nível, com o intuito de apenas conhecer a história. Mas também se pode ler como um leitor de segundo nível desejando descobrir quais são os artifícios utilizados pelo autor-modelo para guiar o leitor. Para realizar a leitura de primeiro nível, basta ler o texto uma vez, no entanto, para realizar a leitura de segundo nível, se faz necessário ler o texto inúmeras vezes. O leitor empírico somente tornar-se-á um leitor-modelo maduro a partir do momento em que conseguir descobrir o autor-modelo do texto. Neste estudo, faremos uma leitura de segundo nível, coincidindo com a postura de Hansen (2005), defensor da leitura literária como aquela na qual o leitor é capaz de refazer os procedimentos do ato de fingir pressupostos na criação literária:

Para que uma leitura se especifique como leitura literária, é consensual que o leitor deva ser capaz de ocupar a posição semiótica do destinatário do texto, refazendo os processos autorais de invenção que produzem o efeito de fingimento. Idealmente, o leitor deve coincidir com o destinatário para receber a informação de modo adequado. Essa coincidência é prescrita pelos modelos dos gêneros e pelos estilos, que funcionam como reguladores

sociais da recepção, compondo destinatários específicos dotados de competências diversificadas; mas a coincidência é apenas teórica, quando observamos o intervalo temporal e semântico existente entre destinatário e leitor. Assim, a leitura literária é uma poética parcial ou uma produção assimétrica de sentido. (HANSEN, 2005, p. 19-20)

Seguindo os ensinamentos de Iser, nos livros *O ato da leitura I* (1996) e *O ato da leitura II* (1999), compreendemos que a obra literária possui dois pólos, o artístico: o texto do autor e o pólo estético, ou seja, a realização efetuada pelo leitor a partir da leitura. O sentido do texto, na verdade, é um efeito experimentado pelo leitor e, não algo que esteja definido previamente. Iser, para compor sua teoria, utiliza o método fenomenológico e o formalista. Para ele, a literatura possui uma existência dupla. Ela pode existir à revelia do leitor, nas livrarias e nas bibliotecas, mas ela somente se concretiza no ato da leitura. O texto literário é um esquema virtual feito de lacunas e indeterminações a serem acionadas e interpretadas pelo leitor.

Iser distingue o leitor real do leitor implícito. O leitor real é o sujeito que lê a obra. O leitor implícito é parte do texto, é uma construção textual, percebida como imposição pelo leitor real. O leitor implícito é um leitor ideal responsável por guiar o leitor real no processo de leitura. Iser compara o trabalho do leitor real com o de um viajante que percebe as paisagens sucessivamente, mas não consegue apreendê-las em sua totalidade. Para explicar esse procedimento ele utiliza os conceitos de horizonte e tema. No decorrer da leitura, o leitor real é conduzido pelo leitor implícito a seguir os passos da personagem “A”, essa personagem está no plano de tema. Todavia, quando esta personagem é abandonada temporariamente para ceder lugar às aventuras da personagem “B”, suas ações não se perdem, elas ficam guardadas na mente do leitor real. Essas ações passam a ser horizonte e serão acionadas e somadas às outras informações que o texto vai apresentando realizando, dessa forma, a leitura em sua plenitude.

Iser também apresenta o conceito de repertório: conjunto de normas sociais, históricas, culturais, trazidas pelo leitor como bagagem necessária à leitura. No ato da leitura ocorre a intersecção do repertório do leitor real com o repertório do texto (leitor implícito). O leitor real pode desempenhar o papel prescrito para ele pelo leitor implícito ou recusar suas instruções. “O autor e o leitor participam, portanto, de um jogo de fantasia; jogo que sequer se iniciaria se o texto pretendesse ser algo mais do que uma regra do jogo” (1999, p. 10). Iser descreve o leitor enquanto ponto perspectivístico que se move pelo universo da obra literária durante o processo da leitura. O leitor está diretamente envolvido e simultaneamente

transcendido pelo universo do texto no qual se move constantemente e só o compreende em fases que irão se somar para constituir a totalidade da obra:

O objeto do texto não é idêntico a nenhum de seus modos de realização no fluxo temporal da leitura, razão pela qual sua totalidade necessita de sínteses para poder se concretizar. Graças a essas sínteses, o texto se traduz para a consciência do leitor, de modo que o dado textual começa a constituir-se como correlato da consciência mediante a sucessão das sínteses. Essa atividade sintética continua em cada fase em que se move o ponto de vista do leitor. (ISER, 1999, p. 13)

Para o autor, cada correlato de enunciação é, simultaneamente, instituições satisfeitas e representações vazias, pois cada momento da leitura provoca uma mudança de perspectiva. E é “graças à acumulação das perspectivas que temos a ilusão de uma profundidade espacial matizada, que nos dá a impressão de estarmos presentes no mundo da leitura” (ISER, 1999, p. 23 e 24). Embora o ponto de vista do leitor se instale fora do texto ele é determinado pelos esquemas textuais. O leitor perde a liberdade que teria na percepção cotidiana, pois o seu lugar de “observador” é indicado pelos esquemas textuais. O sentido do texto precisa ser produzido por meio do entendimento das estruturas verbais do próprio texto. O sentido não está dado no texto, ele precisa ser produzido pelo leitor em consonância com o texto. Nas palavras do autor:

O sentido permanece relacionado ao que o texto diz, mas não é fruto arbitrário do leitor, pois este o reproduz na representação, uma vez que os esquemas textuais são apenas aspectos desse sentido que interagem entre si, razão pela qual a intenção de um aspecto ainda não pode ser o sentido do texto. (ISER, 1999, p.66 e 67)

Sendo o texto literário um construto cheio de convenções a serem compreendidas, muitos leitores não são capazes de ativar todos os elementos do repertório sendo assim, impedidos de compreender a plena significância do texto. Durante esse processo de constituição de sentido, de certa forma, é o próprio leitor que está sendo constituído. O fato de o leitor ter apreendido um sentido não lhe assegura o fato de ter encontrado o significado do texto. O sentido do texto, segundo Iser “representa a totalidade das referências, tal como implicada pelos aspectos do texto, e deve ser constituído no percurso da leitura” enquanto o significado “emerge no instante em que o leitor absorve o sentido em sua própria existência. Quando sentido e significado agem juntos, eles garantem a eficácia de uma experiência que

nos permite constituirmos a nós mesmos constituindo uma realidade que nos era estranha” (ISER, 1999, p.82).

Segundo Hansen (2005), temos interesse na leitura literária porque essa se configura como uma maneira de compreendermos as formas de dominação às quais nos sujeitamos.

(...) a leitura literária é uma parcialidade produtora de parcialidades, pois é um trabalho particular de apropriação intelectual que transforma matérias simbólicas produzindo novas versões delas como novas divisões sociais. Dizendo de outro modo, a leitura é uma enunciação que refaz imaginariamente a estrutura simbólica da enunciação do outro. (HANSEN, 2005, p. 14)

Sabendo que a leitura literária exige do leitor o conhecimento e a compreensão de determinados códigos e convenções que a norteiam e de sua importância na constituição do cidadão, justifica-se a preocupação sobre a leitura literária na Educação Básica.

CAPÍTULO II - LEITURA LITERÁRIA DE TEXTOS NARRATIVOS

Com a difusão dos textos impressos nos séculos XVIII e XIX, a leitura começou a adquirir importância e um novo mercado surgiu: o da publicação de literatura com fins mercadológicos, dedicados a um público específico.

A escola foi, e no Brasil principalmente, ainda é a maior consumidora de livros. Ela recebe a incumbência de ensinar a ler e a desenvolve de maneira mecânica e estática. Ler significa, num sentido amplo, toda ação racional executada por um indivíduo com relação ao mundo que o cerca.

Fregonezi (2003) apresenta uma visão da importância da leitura na atualidade:

de fato, a leitura é uma atividade essencial na vida do homem de nosso século. É através dela que se obtêm informações, que se entra em contacto com as novas descobertas, que se aprende a regular os comportamentos do homem em seu convívio social. (FREGONEZI, 2003, p. 3)

O aprendizado da leitura proporcionado pela escola é o primeiro passo para a aquisição dos valores da sociedade na qual o indivíduo se insere. No âmbito escolar, muitas atividades são desenvolvidas tomando o texto como ponto de partida para um lugar que não se sabe muito bem onde é, e para que serve. O ato da leitura em si nem sempre é valorizado. Na maioria dos casos, a escola não forma leitores, e muito menos leitores críticos. Por isso, sempre ouvimos: “o brasileiro não gosta de ler” ou “o brasileiro lê muito pouco”. Mas o que a escola pode fazer para reverter este quadro? Primeiramente, faz-se necessário perceber a distinção das diferentes modalidades de leitura, pois, como se sabe, pode-se ler para estudar, para se informar, mas também por prazer.

A leitura com o intuito de estudar é a mais difundida no âmbito escolar e é de fundamental importância para a aquisição dos conhecimentos acumulados. Nesta modalidade de leitura, é necessário pedir, antecipadamente, aos alunos, para fazerem resumos, esquemas e sínteses, pois ao realizar essas atividades, precisam re-elaborar o que foi lido, e assim, estarão realmente estudando e aprendendo. Como resultado desse trabalho, teremos leitores autônomos, capazes de compreender e organizar ideias sobre os textos lidos dentro e fora do recinto escolar.

A modalidade da leitura para se informar, quando se lê um jornal, uma revista, um periódico, etc., oportuniza ao professor explorar a leitura desses materiais voltados para o público adolescente, sem, contudo, abandonar os assuntos sócio-políticos cotidianos.

O ler por prazer envolve a descoberta de mundos, segundo a perspectiva e a imaginação de cada um. É um pacto entre o leitor e a obra, e toda interpretação, a princípio, é válida, pois revela o universo da obra em contato com o universo do leitor. Lendo, viaja-se por outros universos, experimenta-se sentimentos bons e maus, não se sofre as consequências reais dos atos. Cabe ao professor, a tarefa de ampliar os horizontes de expectativas de seus alunos, tendo como um dos objetivos, formar leitores conscientes de sua importância no ato da leitura. Dessa maneira, o indivíduo cresce cognitivamente e psicologicamente, ampliando seus valores. Tais potencialidades são viáveis, desde que o professor, enquanto mediador promova a interação texto-leitor-texto. No âmbito escolar, a literatura, quando mal utilizada pelos professores, perde a sua função primordial, pois, enquanto arte possui uma função emancipadora, à medida que provoca seus receptores, desestabilizando-os e ampliando seus horizontes de expectativas.

Este estudo pretende abordar uma forma específica de leitura: a literária com suas características próprias. Entende-se por textos literários os que são o resultado de uma escrita imotivada, gratuita, possuindo como marca fundamental, a ficcionalidade, podendo se apresentar de formas diversas: lírica, dramática, narrativa, épica. É necessário ressaltar que a escrita literária possui uma estrutura específica para cada gênero. O leitor de obras literárias precisa conhecer essas convenções que são particulares de tempos e espaços específicos. Fica evidente a necessidade de se conhecer a estrutura dos textos narrativos a fim de orientar as análises realizadas. Como Hansen afirma:

A leitura literária é uma experiência do imaginário figurado nos textos feita em liberdade condicional. Para fazê-la, o leitor deve refazer – e insisto no “deve” – as convenções simbólicas do texto, entendendo-as como procedimentos técnicos de um ato de fingir. (HANSEN, 2005, p. 26)

No meio acadêmico, os textos literários são lidos e analisados de acordo com normas e regras bem definidas denominadas de modelo autônomo de letramento literário. Sendo assim, ler literariamente implica conhecer algumas regras e interpretá-las:

Toda obra de arte impõe um decoro particular. No nível mais simples diríamos: de personagens cômicos, esperamos gestos cômicos; de trágicos, trágicos; e assim por diante. Mas há questões mais complexas. Ao ler um romance veremos seres – os personagens – muito parecidos conosco, as pessoas, digamos, reais. Mas *eles* não são *nós*. Não agem, no fundo, como nós, apesar de eventualmente o autor ter se esforçado por fazê-los agir exatamente como nós. Pode-se dizer até que são melhores do que nós. Não padecem da incoerência do nosso cotidiano; morrem com beleza; amam até

o fim; se atraíam, é por uma grande paixão, ou por motivos grandiosos, e neste mundo peculiar da obra de arte mesmo a mesquinha mais sórdida torna-se mais grandiosa do que a mais espetacular pregação da virtude no nosso mundo real. E se for um vilão da cepa, ele o será. Na arte, o vilão mais vilão será sempre mais virtuoso do que o mais virtuoso santo na vida real. Há um comportamento, portanto, que é próprio deste mundo, e que só a ele pertence. A esse conjunto de expectativas geradas e de gestos que com elas estejam de acordo chamamos *decoro*. Um conceito fundamental para entender o valor de uma obra literária, até porque hoje muitos efeitos surpreendentes derivam de quebras pertinentes do decoro, que geram ironia e despertam a reflexão. (AGUIAR, 2000, p.20-21, grifo do autor)

De posse dessas informações, verificamos quais são esses moldes por meio dos quais o texto narrativo se constitui, para analisarmos os textos de Walcyr Carrasco observando como são elaboradas suas narrativas.

2.1 Estrutura da narrativa

O homem possui uma estreita ligação com a narrativa desde as civilizações primitivas. O ato de contar e ouvir histórias está presente nas mais diversas culturas e perdura ao longo do tempo, seja em conversas ao redor da fogueira ou no meio cibernético. Atualmente, podemos verificar que as narrativas nos são apresentadas das mais diversas formas, e o advento da tecnologia possibilita cada vez mais a divulgação dessas histórias por meio da internet, pelos e-books, livros clip, livros interativos, filmes, minisséries ou telenovelas.

Segundo Culler (1999), a literatura, a princípio, designava, sobretudo, a poesia, a partir dos anos 1960 passa a ser dominada pela narrativa, de forma que o estudo e a leitura de poesias estão cada vez mais raros. Portanto, a narrativa é objeto desta pesquisa, dentre os inúmeros textos ficcionais abrangidos pelo conceito de literatura selecionamos as narrativas infantis e juvenis de autoria de Walcyr Carrasco.

Candido (1972) apresenta o caráter de ficcionalidade da literatura: por meio da ficção, o leitor pode experimentar situações e acontecimentos de uma maneira que ele jamais iria presenciar na vida real. Por meio da ficção, o leitor tem a oportunidade de conhecer pessoas, lugares e vivenciar emoções sem riscos à sua integridade física. As narrativas são um meio encontrado pelo homem para saciar a sua necessidade de fantasia. Dessa maneira, a leitura literária é de fundamental importância nas escolas, lugar de formação de cidadãos. Faz-se necessário apresentar obras de qualidade literária e, ao mesmo tempo, atuais e atrativas aos alunos, para que possam refletir sobre os mais diversos temas e tenham contato com pontos de

vista distintos, porém aceitáveis sobre o mesmo fato. A sociedade contemporânea é marcada pela agressividade, banalidade e intransigência. Acreditamos que a literatura pode auxiliar na formação de cidadãos mais críticos e tolerantes.

Na sociedade brasileira, é comum ouvirmos reclamações a respeito da ausência do hábito de leitura, visto que, a necessidade de se vivenciar a fantasia, inerente ao ser humano e, suprida durante muito tempo pelos gêneros literários sejam escritos ou orais, foi substituída pelas telenovelas, séries televisivas e filmes. No entanto, como afirma Zappone (2010), essas formas também constituem práticas de letramento literário, pois são suportes para o ficcional circular socialmente. Dessa forma, o homem continua a alimentar a sua fantasia, utilizando para isso as formas multimodais do mundo contemporâneo nas quais as personagens e os lugares são criados pela ajuda do diretor, dos atores e de toda a equipe que produzem as imagens por meio das quais as histórias nos chegam. É comum ouvirmos relatos de pessoas que não leram determinado livro, mas já assistiram ao filme adaptado a partir dele. O conceito de letramento literário é relativamente novo e refere-se ao conjunto de práticas sociais que utilizam a escrita como um sistema simbólico, e a usam dentro de padrões tecnológicos para finalidades específicas e em contextos específicos (KLEIMAN, 2004). Sendo assim, a audiência de novelas, filmes e séries televisivas também se constituem como práticas de letramento literário. Portanto, escolhemos como *corpus* de nossa pesquisa o autor Walcyr Carrasco, consagrado por seus trabalhos televisivos e pouco estudado enquanto autor de obras literárias destinadas aos públicos infantil e juvenil.

Para que o estudo da narrativa ocorra de forma consistente é necessário utilizar certos recursos pertencentes à teoria da narrativa ou à narratologia. Cabe ao crítico literário analisar os recursos utilizados pelo autor, como a obra foi construída e descrever essas técnicas. Todo texto narrativo possui uma estrutura a qual pretendemos descrever. As histórias precisam ser contadas de alguma forma e para contá-las, há o narrador. A mesma sequência de fatos pode ser narrada de diversas maneiras, possibilitando interpretações diferentes. A história também ocorre em um determinado ambiente seguindo certa lógica temporal. Esses elementos são combinados pelo autor de maneira a produzir os sentidos do texto. Mais importante do que saber classificá-los é perceber os efeitos de sentido por eles atribuídos ao texto, como podemos verificar no decorrer deste estudo.

O trabalho ao qual nos propomos é o de crítica. Para tanto, nos embasamos em Lodge que pondera sobre o tema:

Na prática, a crítica faz a distinção entre forma e conteúdo, na medida em que qualquer interpretação analítica de um texto é um esforço para expressar o significado do mesmo em palavras diferentes das do autor, embora sempre se descubra que isso não é possível. O fato a ser enfatizado é que o conteúdo não precede a forma, mas é revelado e definido na forma. A forma de um texto é o traçado de opções e exclusões do autor durante o processo de descoberta do que ele tem a dizer. (LODGE, 1996, p. 1)

Sendo assim, pretendemos demonstrar que o significado de uma obra literária é o resultado da soma de inúmeras combinações das variáveis estudadas, desde a seleção das palavras até a completa estrutura da narrativa. No discurso narrativo, podemos perceber a existência de vários elementos e, portanto, iniciamos o nosso estudo pela distinção entre a fábula e a trama ou a história e o discurso narrativo.

2.2 Fábula e trama

A fábula, de acordo com os formalistas russos do início do século XX, é a história tal qual ela ocorreu em tempo e espaços reais, seguindo a ordem da temporalidade e a lógica da causalidade. No entanto, a narrativa não precisa seguir essa mesma ordem. O leitor pode tomar conhecimento dos fatos narrados de diversas formas e a ordem cronológica é apenas um delas. É interessante ressaltar que, devido ao caráter de linearidade da linguagem, ela não pode imitar a simultaneidade da realidade. Os formalistas utilizavam, também, o termo trama em oposição à fábula. A trama é a forma pela qual o texto é apresentado ao leitor no ato da leitura e é por meio dela que os recursos literários se tornam evidentes. O trabalho de criação do escritor ocorre na trama, pois ele utiliza estratégias textuais para contar determinado fato e essa organização textual produz efeitos de sentido no leitor.

Dentre as estratégias textuais podemos citar o espaço que pode ou não ser apresentado ao leitor de acordo com a sua importância para aquele acontecimento; as personagens podem ser apresentadas superficialmente ou descritas minuciosamente, possibilitando ao leitor saber seus mais íntimos desejos e medos; a focalização pode ser externa ou interna, alternando ou não o(s) ponto(s) de vista. Esses elementos são responsáveis pela literariedade do texto.

A distinção entre fábula e trama foi elaborada pelos formalistas russos e explorada por vários críticos posteriores. A maioria dos teóricos utiliza a divisão binária, no entanto, Gérard Genette (1979) utiliza uma divisão tríplice segundo a qual *histoire* corresponde à fábula, *récit* ao discurso narrativo e *narration* ao ato de narrar. Dessa forma, elucidamos no

momento que um texto narrativo possui dois planos distintos, porém interligados: o plano dos acontecimentos, a fábula, e o plano do discurso narrativo, a trama.

2.3 Intriga, enredo, nó, clímax e desfecho

A obra literária, enquanto representação ou transfiguração do mundo real apresenta imitações da vida. Para que o texto faça sentido para o leitor, ele precisa estar organizado de tal maneira que a situação inicial vivida pelas personagens sofra uma ou várias transformações. Cabe ao autor ordenar esses fatos em forma de uma intriga. Dessa forma, o enredo ou a intriga é composto pela ordenação de determinadas ações que vão se desenvolvendo até serem solucionadas no desfecho do texto. O fator condicionante da existência da intriga na narrativa é a ação. O texto narrativo é um texto de ação, portanto, precisa de personagens interagindo no decorrer da história promovendo os conflitos e suas possíveis soluções. Dessa maneira, a fábula, a trama e a intriga, embora sejam conceitos distintos, estão intimamente ligados e são essenciais na construção da narrativa.

A fábula, como já afirmamos, refere-se ao que aconteceu em um discurso narrativo, enquanto a intriga ou o enredo expõe como o fato aconteceu. A beleza da literatura está presente muito mais na forma como os fatos são narrados do que nos fatos propriamente ditos, como afirma Lodge:

Na sua origem a narrativa é a representação de um ‘processo’. Deve haver alguma mudança, embora mínima, na situação de algo para esse algo gerar uma narrativa. ‘João é bonito’ não é uma narrativa. ‘João era um bebê feio, mas cresceu e se tornou um jovem bonito’ é uma narrativa rudimentar. [...] Uma narrativa mais sofisticada relata eventos que estão conectados de alguma maneira – isso envolve seleção e interpretação e confere mais organização e unidade à narrativa. (LODGE, 1996, p.19)

Ainda com relação ao termo *enredo* podemos recorrer à afirmação de Culler (1999, p. 87) “a distinção básica da teoria da narrativa, portanto é entre enredo e apresentação, história e discurso”. Embora a terminologia possa variar, utilizaremos neste texto os termos fábula ou história e discurso narrativo. Existem muitas variáveis que podem ser combinadas no texto literário possibilitando efeitos de sentidos diferentes. O mesmo fato, um casamento, por exemplo, pode ser o final feliz de uma narrativa ou o elemento desencadeador de uma complicação. A maneira como o autor trabalha com essas variantes (ambiente, narrador,

tempo, focalização, personagens, etc.) é que possibilita os efeitos de sentido do texto e pode qualificar literariamente obras ficcionais.

De acordo com Cunha:

Tanto na epopeia quanto no romance, a ação narrada, sempre apresentada, diz respeito a comportamentos humanos e a acontecimentos ligados entre si e combinados na fábula e na trama, constituindo o enredo. (CUNHA, 1979, p. 110)

Os autores utilizam determinadas estruturas para organizar os seus textos. O Formalismo russo é uma das correntes de crítica que ofereceram uma descrição dessas estruturas. Tomachevski (1976), um dos primeiros teóricos desse movimento, descreveu a maneira pela qual a maioria dos autores estruturam as suas narrativas em seu texto *Temática*.

Segundo Tomachevski (1976), denomina-se *nó* o fato ou o conjunto de fatos responsáveis pela modificação da situação inicial da história possibilitando a ação e o confronto de interesses que constituirão a trama do texto. O *desenvolvimento* ocorre após a instalação do conflito e abrange grande parte do texto. A maioria das ações é narrada no desenvolvimento. No *clímax* (*spanung*) ocorre um fato de grande importância para a resolução do conflito dramático, promovendo grande expectativa no leitor em relação à sua resolução que ocorrerá no desfecho do texto, sendo, portanto, o momento de maior tensão dentro da narrativa. O *desfecho* é o momento no qual o conflito dramático é solucionado e, normalmente, ocorre no final da história. No entanto, também pode acontecer no início da narrativa quando esta for uma narrativa *in ultimas res*.

2.4 Personagens:

O texto narrativo é conhecido pelo uso de personagens que transitam no tempo e no espaço elaborados pelo autor e, a este conjunto de fatores chamamos de enredo. Nas palavras de Candido: “o enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam.” (CANDIDO, 1972, p. 53 – 54)

No mundo real, não conhecemos totalmente uma pessoa. Só podemos conhecer alguém próximo de sua totalidade após a sua morte, pois o homem é um ser incoerente em sua essência. Na obra literária, porém, a personagem é um ser esquemático que pode se apresentar ao leitor plenamente tanto em seus aspectos físicos quanto em seus fatores psicológicos. O ser

humano encontra, na personagem literária, a coerência não encontrada nos seus pares. Como afirma Candido: “precisamente pela limitação das orações, as personagens tem maior coerência do que as pessoas reais (e mesmo quando incoerentes mostram pelo menos nisso coerência)” (CANDIDO, 1972, p. 35). É por meio da literatura que o homem pode contemplar e vivenciar situações talvez impossíveis em sua vida real. No encontro do leitor com a obra literária, no ato da leitura, surge “o prazer estético que integra no seu âmbito o sofrimento e a risada, o ódio e a simpatia, a repugnância e a ternura, a aprovação e a desaprovação com que o apreciador reage ao contemplar e participar dos eventos.” (CANDIDO, 1972, p. 47) A obra de arte promove tanto um distanciamento da realidade quanto uma aproximação, pois, por meio da leitura, o homem pode se reconhecer na personagem e se conhecer melhor enquanto ser humano.

A personagem do romance pode ser múltipla e complexa porque o autor pode combinar os elementos de caracterização que, embora sejam muito limitados em relação aos elementos responsáveis pela distinção dos seres humanos no mundo real, podem promover várias combinações possibilitando criar inúmeras personagens. Estudaremos a sua composição, embora seja mais importante a compreensão das suas funções dentro do enredo, estabelecendo sempre um paralelo com os efeitos de sentido que elas permitem construir no ato da leitura.

Prosseguindo no estudo das personagens, podemos verificar que existem, segundo proposição de Forster (1974), as *personagens de costumes ou planas* fortemente caracterizadas e muito próximas das caricaturas. As suas características são marcantes e superficiais e são também chamadas de planas, tipos ou caricaturais, pois elas não evoluem no decorrer da história e são facilmente reconhecidas e lembradas pelos leitores. Essas personagens possuem pouca densidade psicológica e podem ser explicadas em apenas uma frase.

Em oposição a essas personagens, existem as *personagens de natureza ou esféricas*, apresentadas pela sua maneira de ser e pelo seu íntimo. São, portanto, mais passíveis de incoerências e de surpreender o leitor, pois à medida que se modificam interiormente, tal qual o ser humano, o autor precisa reelaborá-las em seu texto. Podem ser chamadas de personagens esféricas ou redondas e são mais complexas, pois possuem uma maior densidade psicológica. Para Forster:

O teste para uma personagem redonda está nela ser capaz de surpreender de modo convincente. Se ela nunca surpreende, é plana. Se ela não convence, é

plana pretendendo ser redonda. Possui a incalculabilidade da vida – a vida dentro das páginas de um livro. E usando essa personagem, às vezes só e, mais frequentemente, em combinação com outra espécie, o romancista realiza sua tarefa de aclimação e harmoniza a raça humana com os outros aspectos de sua obra. (FORSTER, 1974, p. 61-62)

No entanto, fica o questionamento: de onde surgem essas personagens? A obra literária não é a realidade, pois o autor não conseguiria transpor toda a realidade para o texto literário. A literatura é uma transfiguração da realidade e, portanto, é nela que as personagens têm a sua origem, mas de diferentes formas. Candido apóia-se nas ideias de Mauriac (*apud* CANDIDO, 1972) para apresentar a origem das personagens que podem ser um disfarce leve do romancista, recorrente, principalmente nos autores memorialistas, cópias fiéis de pessoas reais ou, a que na opinião de Candido é a mais eficaz: a personagem inventada. Como o próprio autor afirma:

Tomando o desejo de ser fiel ao real como um dos elementos básicos na criação da personagem, podemos admitir que esta oscila entre dois pólos ideais: ou é uma transposição fiel de modelos, ou é uma invenção totalmente imaginária. São estes os dois limites da criação novelística, e a sua combinação variável é que define cada romancista, cada uma das personagens. (CANDIDO, 1972, p. 69 – 70).

Com relação ao mecanismo de criação das personagens, Candido apresenta esquemas que levam sempre em consideração os dois pólos descritos acima variando apenas o grau de cada um deles em cada criação, como podemos observar no quadro abaixo:

Quadro explicativo 1: Personagens

<i>Tipo de personagem</i>	<i>Artifícios utilizados pelo autor</i>
Personagens transpostas com relativa fidelidade de modelos dados ao romancista por experiência direta.	O autor incorpora ao texto a sua vivência ou a de pessoas próximas.
Personagens transpostas de modelos anteriores que o autor recompõe por meio de documentos ou testemunhos.	O autor estuda a vida da personagem e incorpora a sua imaginação.
Personagens construídas a partir de um modelo real, conhecido do autor que serve de eixo, ou ponto de partida.	O autor desfigura o modelo, mas esse ainda pode ser identificado.
Personagens elaboradas em torno de um modelo, direta ou indiretamente conhecido.	O autor utiliza o modelo como um pretexto e acrescenta outras características à personagem que a distanciam do modelo. Há maior presença da fantasia criadora do autor do que da realidade.
Personagens construídas em torno de um modelo real dominante. Que serve de eixo, ao	O autor constrói a personagem com base em várias outras personagens e em sua

qual vêm juntarem-se, outros modelos secundários.	fantasia criadora.
Personagens elaboradas a partir de vários modelos vivos sem predominância sensível de uns sobre os outros, resultando uma personalidade nova.	O autor trabalha com vários modelos dos quais retira características para criar uma personagem.
Personagens que não possuem elementos conscientes que as liguem à realidade.	Algumas personagens não possuem ligação consciente com a realidade. Em tais casos, obedecem a certos estímulos que foram corporificados pelo autor. A personagem supera a sua inspiração no mundo real que nem sequer pode ser reconstruída.

Fonte: CANDIDO, 1972, p.71 – 73

Pretendemos elucidar com este quadro explicativo que o trabalho de construção da personagem está permeado pela realidade, pela observação e pela imaginação do autor combinadas em graus diferentes dependendo da concepção do romance e de suas pretensões. Definir exatamente o processo de criação da personagem de uma determinada obra é um trabalho passível de falhas, pois nem mesmo o autor poderá ser neutro o suficiente para poder relatar quais foram os processos utilizados na construção daquela personagem.

Com relação à função, da personagem na narrativa, podemos classificá-las em principais e secundárias. As ditas principais podem ser tanto protagonistas quanto antagonistas e é sobre elas que recai a maior atenção do leitor; elas podem ser heróis ou anti-heróis ocupando o espaço central na trama, enquanto as secundárias ocupam um lugar de pouco destaque no enredo, recebendo pouca atenção do leitor.

Com relação às personagens Forster afirma:

E, eis por que os romances, mesmo quando são sobre pessoas perversas, podem nos consolar; sugerem uma raça humana mais compreensível e, conseqüentemente, mais dócil, nos dão a ilusão de perspicácia e poder. (FORSTER, 1974, p.49)

Assim, as personagens possibilitam ao leitor momentos de reflexão sobre os seres humanos, observando suas virtudes e seus defeitos, enfim as imperfeições humanas, e é por meio delas que os homens são retratados na literatura.

2.5 Narrador

As narrativas são constituídas de fatos contados a outras pessoas por alguém, assim como as epopeias clássicas das quais o romance deriva. A entidade que conta a história é o narrador, um ser fictício criado pelo autor. Este narrador passa a fazer parte do universo narrado podendo se identificar com uma ou mais personagens. O ato de narrar pressupõe a existência de um fato interessante merecedor de ser contado a alguém e, para que isso ocorra na linguagem escrita, tal qual tratamos neste estudo, faz-se necessário a construção de certos esquemas textuais que serão utilizados possibilitando ao leitor real ou leitor empírico conhecer a história. Na construção do texto, o autor real ou empírico “cria” um autor virtual ao qual denominamos de *narrador* que irá relatar os fatos ao leitor real ou empírico. Ao apresentar a história, o narrador a destina a um leitor virtual, alguém que comunga dos mesmos conhecimentos de mundo podendo, assim, compreendê-la histórica, cultural e socialmente. Este leitor virtual denomina-se narratário.

Dessa forma, um texto publicado no início do século XX pressupõe um narratário (leitor implícito) desse mesmo período, embora possa ser lido e compreendido por leitores reais do século XXI, com os quais, certamente haverá uma distância histórica, linguística e semântica. Dessa forma, quanto maior for a distância entre o narrador e o leitor, maior será o esforço deste para resgatar as informações necessárias à compreensão do texto. A maneira como os elementos que compõem a estrutura narrativa podem ser utilizados pelo autor, possibilitam variações. Todavia, mais importante é a percepção dos efeitos de sentido causados por eles.

Verificamos quais são as funções do narrador e de quais maneiras ele pode se manifestar no texto literário. O narrador é uma personagem muito importante na narrativa, pois é ele quem detém a voz por meio da qual o texto se apresenta ao leitor. Dentre suas funções existem as primárias e as secundárias. Segundo Aguiar e Silva (1988), a primeira se subdivide em função narrativa e função organizadora, e a segunda se subdivide em três funções: comunicativa, testemunhadora e ideológica.

De acordo com Aguiar e Silva (1988), a função narrativa ou de representação fica evidente em toda narração, pois se refere ao ato de narrar ações, apresentar personagens, cenários e a temporalidade da narrativa. Possibilitando assim, ao leitor empírico recriar mentalmente o mundo no qual a narrativa ocorre. No entanto, o narrador pode escolher formas diferentes de apresentar esses fatos, pois a sua disposição demarca a sua função organizadora.

A função organizadora diz respeito ao fato de o narrador ser a personagem que propõe a coerência entre os fatos da história. O narrador estabelece uma função comunicativa com o leitor, pois ele relata fatos para determinados interlocutores, como estudaremos a seguir. A função testemunhadora ocorre à medida que o narrador, ao contar os acontecimentos, precisa organizá-los de tal forma a promover a verossimilhança. Já a função ideológica relaciona-se à ocorrência de o narrador apresentar menos ou mais enfaticamente, determinados posicionamentos e orientações ideológicas.

Na narrativa, o narrador pode contar o mesmo fato utilizando estratégias temporais distintas. O episódio pode ser relatado no mesmo momento no qual ocorre seguindo a ordem cronológica dos acontecimentos, como também pode ser narrado posteriormente. Esse espaço temporal, entre o fato ocorrido e o narrado, pode ser menor ou maior como nos casos em que o narrador, já adulto, pode contar passagens de sua infância. Cada uma dessas escolhas do narrador possui nomenclaturas próprias e produz sentidos diferentes. Segundo Aguiar e Silva (1988) existem as narrativas por anterioridade, nas quais o narrador apresenta os fatos da história de maneira premonitória, ou seja, o leitor é informado sobre o que ainda não ocorreu na trama; as narrativas por posterioridade ou ulterioridade, são as mais frequentes e nomeiam feitos já ocorridos, o narrador poderá escolher narrá-los com uma pequena distância temporal, como no caso de romances epistolares ou com uma distância temporal maior. Há uma grande recorrência das narrativas com uma distância temporal maior entre história e narração. Acontecem, também, ainda que raramente, as narrativas por simultaneidade. Nelas, as ações são relatadas no mesmo momento em que ocorrem, tal como a narrativa utilizada em monólogos interiores.

Assim como quem determina a relação temporal entre história e narração é o narrador, a posição ocupada por ele na narrativa também é de fundamental importância para a compreensão do texto. Segundo G. Genette (1979), o narrador pode ser heterodiegético, homodiegético ou autodiegético. Na narração heterodiegética, há um narrador que não participa da ação, ele possui a função de narrar os fatos ocorridos com as personagens, mas ele, embora detenha a voz da narrativa, não participa efetivamente dela. A narração homodiegética ocorre quando uma personagem narra os fatos, mas não é a protagonista da trama. Na autodiegética, o narrador não é apenas uma personagem, mas a principal relatando, assim, os fatos por ela vivenciados.

Em toda narrativa há, implicitamente, o interlocutor ao qual ela se destina que, como afirmamos anteriormente, é chamado convencionalmente de narratário. Este é um ser textual tal qual o narrador, diferente do leitor empírico ou leitor real. Embora a narrativa seja

destinada virtualmente a este leitor modelo, ela pode permanecer por séculos e ser apreciada por leitores jamais imaginados pelo autor. Quando ocorre essa distância histórica, o leitor real é desafiado a recuperar conceitos e ideologias próprias do contexto de surgimento da obra. Assim, quanto maior a distância entre texto e leitor, maior o desafio. No entanto, se o narratário e o leitor empírico coincidirem social e historicamente, a compreensão do texto ocorrerá de modo mais fácil. Destarte, o narrador assume a função de emissor e o narratário a de receptor.

Observar e analisar o narrador de uma obra literária é importante porque, como já afirmamos, ele detém a voz da narrativa. Ao utilizarmos o conceito de *voz* nos reportamos novamente a G. Genette (1979). A voz refere-se a todas as questões comunicacionais ocorridas entre o narrador e o narratário, permitindo assim, a construção de um eu que fala no discurso narrativo. Cabe ao narrador selecionar os fatos a serem narrados e a maneira como eles serão apresentados ao leitor. Dessa forma, ele é responsável tanto pelos aspectos qualitativos quanto pelos aspectos quantitativos do texto, tanto pela voz quanto pelo modo. Ao contar um episódio, o narrador suprime alguns fatos e salienta outros, assim, a narração é perpassada pela ideologia do autor. A *voz* da narrativa é quem fala no texto enquanto o *modo* refere-se ao como as informações da história nos são apresentadas. O narrador pode contar minuciosamente um fato que durou pouco tempo ou contar brevemente um episódio que durou anos ou pode, ainda, narrar os feitos sob sua ótica ou sob a ótica de outras personagens.

Assim, de acordo com G. Genette (1979), o modo, diz respeito especificamente à focalização ou ponto de vista. A focalização é o ponto de vista a partir do qual a história nos é apresentada, sendo mais complexa que a voz, referente a quem fala no discurso narrativo. A focalização vai além, pois, implica na constatação de características sociais, éticas, afetivas, sensoriais e cognitivas realizadas a partir da perspectiva ou campo de visão desta ou daquela personagem. Por meio da focalização percebemos qual é a personagem cujo ponto de vista orienta a narrativa. Assim como o narrador pode participar ou não da narrativa recebendo nomenclaturas diferentes de acordo com o grau de sua participação, a focalização também recebe nomenclaturas distintas atreladas às definições de narrador, a saber: focalização heterodiegética, focalização homodiegética e focalização autodiegética. Tais quais as definições de narrador, a focalização heterodiegética ocorre em obras nas quais a instância narrativa não participa da ação. Na homodiegética, a focalização ocorre a partir de um narrador que é personagem da trama, mas não é a personagem principal, enquanto a focalização autodiegética ocorre quando o ser focalizador é o protagonista da história. Nessa modalidade de focalização ocorre uma subdivisão, pois como o narrador é o protagonista da

história, ele pode tanto narrar um fato acontecido há pouco tempo, tendo uma distância mínima entre o “eu narrado” e o “eu narrador” quanto um fato com uma distância maior. O fator que diferenciará os dois “eus” pode ser psicológico, ideológico, ético, etc. No caso dos romances epistolares, a distância entre os dois “eus” é mínima. Normalmente, os romances autodiegéticos permitem ao leitor desbravar a intimidade da personagem principal, pois apresenta fatos significativos sobre a existência de um ser em especial.

Na focalização externa, ocorrem descrições dos ambientes, dos objetos, das personagens e de suas ações, mas não são apresentadas ao leitor as motivações interiores das personagens envolvidas nas ações. Já na focalização interna, a perspectiva é formada a partir do ponto de vista de uma das personagens da história, que, dessa forma, apresentará certas restrições dos fatos, pois a narração será filtrada por essa personagem. A focalização interna pode ser fixa quando ela for restrita a apenas uma personagem, múltipla quando a focalização for realizada por um grupo de personagens ou variável quando houver mudança de uma personagem a outra durante a narração. Nos textos nos quais ocorre a focalização onisciente, focalização zero ou narrativa não focalizada, temos a impressão de que não há um ponto de vista particular, embora ele esteja presente de forma explícita ou implícita, pois, o ponto de vista pode ser camuflado pelo discurso do narrador ao selecionar e interpretar os fatos a serem apresentados ao leitor. Vale salientar que nenhum narrador é neutro. A focalização restritiva ocorre em textos nos quais há a focalização onisciente, mas o narrador produz uma visão relativizada dos fatos, pois segue uma personagem ou um grupo de personagens. Na focalização interventiva, o narrador faz comentários sobre as personagens ou sobre os temas tratados na obra, apresenta posicionamentos ideológicos, éticos ou sociais sobre as personagens ou sobre a fábula. Embora haja a definição focalização neutral, esse tipo de focalização é impossível, pois a linguagem é perpassada por ideologias e marcada pela historicidade, portanto não é possível haver uma narração isenta de qualquer posicionamento.

A focalização, nas obras literárias, mais do que um mero esquema textual, possui a função de apresentar pontos de vista distintos sobre um mesmo fato, como podemos observar nas palavras de Culler:

Pois as histórias também têm a função, como enfatizam os teóricos, de nos ensinar sobre o mundo, nos mostrando como ele funciona, nos possibilitando – através dos estratagemas da focalização – ver as coisas de outro ponto de vista e entender as motivações dos outros que, em geral, são opacas para nós. (CULLER, 1999, p. 93)

Sendo assim, verificamos a importância de se ler obras literárias durante a escolaridade, leitura esta que possibilite aos alunos uma maior compreensão do mundo e de seus semelhantes. Uma atividade capaz de os desenvolver para perceberem que não existe uma única verdade, mas sim verdades relativas sobre o mesmo acontecimento observado por pessoas diferentes com histórias de vida distintas. Esses fatos podem estar marcados nas histórias por meio, não só de seus sentidos, mas também de sua forma particular de construção textual por meio dos recursos de composição aqui estudados.

2.6 Tempo, espaço e ambientação:

A narração literária é contada seguindo uma estrutura próxima à do mundo real possibilitando a verossimilhança, para tanto, ela possui uma temporalidade e uma espacialidade nas quais o enredo se desenvolve. Genette (1979), a respeito do tempo da narrativa o nomeou de tempo da história ou tempo da diegese tal como vemos em Aguiar e Silva:

O tempo da diegese comporta um tempo objetivo, um tempo ‘público’, delimitado e caracterizado por indicadores estritamente cronológicos atinentes ao calendário do ano cível – anos, dias, sem esquecer em certos casos as horas -, por informações relacionadas ainda com este calendário, mas apresentando, sobretudo um significado cósmico – ritmo das estações, ritmo dos dias e das noites, ou dados concernentes a uma determinada época histórica, etc. (AGUIAR E SILVA, 1988, p.747)

O tempo da história é representado dentro da narração e a ele denomina-se tempo do discurso no qual encontramos as estratégias utilizadas para a representação da história. No texto narrativo, os eventos não são narrados seguindo a mesma lógica temporal na qual ocorreram. De acordo com seu grau de importância, eles podem ser narrados com menos ou mais detalhes. O narrador pode escolher narrar um fato que durou anos em poucas linhas, assim como, pode utilizar inúmeras páginas descrevendo um acontecimento com uma duração de apenas alguns minutos. Essas escolhas temporais feitas pelo narrador revelam efeitos de sentido. Se o texto tiver um viés romântico, a descrição de uma troca de olhares pode se arrastar por páginas, enquanto, em textos de aventura, essa descrição seria feita em poucas palavras, dando maior ênfase à ação. Genette (1979) propõe três relações entre o tempo da história e o tempo do discurso: relação de ordem, relação de duração e relação de frequência.

A relação de ordem é relativa à ordem na qual os fatos são narrados. Normalmente ocorre uma dissonância entre a ordem do acontecimento dos fatos e a ordem em que eles são apresentados ao leitor. Esses desencontros são denominados de anacronias e podem ocorrer de quatro formas: *Narrativa in ultimas res*, *Narrativa in media res*, *Analepses* e *prolepses*.

A *narrativa in ultimas res* ocorre quando a narrativa é iniciada por um acontecimento pertencente ao final da história como ocorre no livro *O Caçador de palavras* (CARRASCO, 1993b), no qual o protagonista já está preso e apresenta as situações e os motivos que o levaram a esta condição. A *narrativa in media res* ocorre quando os fatos narrados pertencem ao desenvolvimento da história. No decorrer do enredo serão apresentados ao leitor tanto os fatos do início quanto os fatos finais da história.

Analepses são recursos utilizados para resgatar ao longo do enredo fatos passados. Isso acontece no livro *A senhora das velas* (CARRASCO, 2006a), pois o narrador intercala fatos sobre o passado da família da personagem Felipe, importantes para a compreensão da cena que é narrada. Esse recurso também é chamado por alguns teóricos de *flashback*.

Nas *prolepses*, ao contrário do recurso anterior, são apresentados ao leitor fatos futuros, de forma a se adiantar os eventos ou ações que serão narrados, como ocorre no livro *A corrente da vida* (CARRASCO, 1993a) quando a protagonista Raquel adianta não haver namorado Nel, fato narrado apenas próximo ao final do livro.

A duração é uma relação temporal importante entre discurso narrativo e história, pois é por meio dela que será marcado o tempo de duração de um acontecimento no plano do discurso. Como já havíamos afirmado, o acontecimento pode ser narrado de maneiras diferentes dependendo da sua significação no enredo e de seu grau de importância para o narrador. Estudaremos agora quais são as marcações de tempo mais recorrentes. Existe a isocronia, quando há semelhança entre o tempo da história e o tempo do discurso e as anisocronias quando ocorrem desencontros, no plano do discurso, da duração da história. Nas anisocronias, podemos encontrar tanto fatos que levaram anos para ocorrerem sendo narrados em poucas linhas, deixando o texto mais ‘veloz’, quanto eventos que aconteceram em poucos minutos sendo narrados em várias páginas. A duração diz respeito à velocidade da narrativa. Apresentaremos, a seguir, os principais recursos da duração responsáveis por conferir maior ou menor velocidade à narrativa, a saber: cena, sumário, eclipse, pausa descritiva e digressão.

O primeiro recurso é a *cena* que remete a uma relação de isocronia entre história e discurso. Há predominância de cenas quando ocorre o discurso direto, pois há coincidência entre os fatos da fábula e o relato deles no discurso narrativo. Outro recurso é o *sumário*, seu uso permite uma aceleração no ritmo da narrativa, pois o autor apresenta os fatos de forma

resumida ou sumarizada, constituindo, portanto, em anisocronia. A *elipse* é um recurso narrativo muito importante, pois é impossível o narrador apresentar, no plano do discurso, todos os fatos ocorridos no plano da história. Então o narrador apresenta o tempo transcorrido, mas não as ações ocorridas nesse espaço temporal, de modo a imprimir maior velocidade à narração. A *pausa descritiva* torna a narração mais lenta, pois o tempo narrativo é suspenso para serem introduzidas uma série de observações, descrições relativas tanto às personagens quanto ao ambiente. A velocidade da narrativa pode, também, ser diminuída utilizando-se o recurso da *digressão* que ocorre quando o narrador suspende a narração para inserir comentários, asserções ou reflexões sobre as personagens, o ambiente ou o assunto da narrativa.

Ainda com relação ao tempo, a frequência narrativa diz respeito à quantidade de vezes que determinados fatos são apresentados na narrativa em relação à quantidade de vezes em que aconteceram na fábula ou história. Há a frequência *singulativa, repetitiva ou iterativa* (GENETTE, 1979). A *narrativa singulativa* ocorre quando há consonância entre a quantidade de vezes da ocorrência do fato na história e a quantidade de vezes em que ele é narrado. O narrador relata uma vez um fato acontecido apenas uma vez ou relata n vezes o fato ocorrido n vezes. A *narrativa repetitiva* se refere aos casos nos quais o narrador apresenta várias vezes, no plano do discurso, um fato ocorrido apenas uma vez no plano da história. Nos textos em que ocorre a *narrativa iterativa*, o narrador apresenta apenas uma vez, no plano do discurso, um fato sucedido várias vezes na história.

Apresentadas as principais questões sobre a temporalidade em uma narrativa, serão feitas a seguir algumas ponderações sobre a questão do espaço. A obra literária, para manter sua verossimilhança precisa criar e recriar os espaços nos quais o enredo irá se desenvolver. O espaço ou a ambientação em um texto literário pode acrescentar informações acerca das personagens e das ações, pois será neste ambiente que a trama ocorrerá. Em alguns textos como os naturalistas, por exemplo, a ambientação assume um nível maior de importância tornando-se, em alguns momentos, tão importante quanto as personagens.

Lins (1976), em seu estudo sobre a obra de Lima Barreto descreve as diferentes maneiras de apresentar a ambientação em uma obra literária, criando, também, o conceito de ambientação. Segundo Lins (1976), há três diferentes formas de ambientação: *a franca, a reflexa e a dissimulada*.

A *ambientação franca* acontece quando o ambiente é descrito por meio da voz do narrador. Na *ambientação reflexa* o espaço é construído por meio do discurso e das impressões subjetivas de uma das personagens que apresenta o espaço a partir da sua

focalização. Enquanto, a *ambientação dissimulada* ocorre quando o espaço é construído indiretamente a partir das ações da personagem, e precisa ser inferido pelo leitor ao somar as pistas apresentadas no decorrer da narração.

2.7 A ilustração

2.7.1 Literatura e imagem: um diálogo possível

Em se tratando do estudo e análise de livros destinados ao público infantil e juvenil, não poderíamos deixar de contemplar e analisar as ilustrações, pois o livro ilustrado é “um texto híbrido que exige um leitor híbrido, capaz de ler palavras e imagens. E não só capaz de ler os dois textos separadamente – o verbal e o visual – mas a sua interação.” (CAMARGO, 2010, p. 01)

Como se trata de um objeto que associa dois sistemas semióticos – o verbal e a imagem - a ilustração não possui um caráter apenas decorativo, mas estimula a imaginação do leitor que, ao visualizá-la, realiza uma leitura antecipada do texto, funcionando assim, como um prólogo. Contudo, é necessário ressaltar a existência de níveis diferentes de interação entre a imagem e o texto ao qual ela se refere.

Porém, antes de nos aprofundarmos no estudo da ilustração gostaríamos de relembrar que a aproximação da arte literária com a pictográfica não é recente. A relação existente entre a literatura e as artes plásticas tem sido objeto de estudo de inúmeros pesquisadores. A aproximação entre essas artes iniciou-se na Antiguidade greco-latina. Atualmente, estamos vivendo na sociedade da imagem e nos encontramos envoltos por imagens que lemos de uma maneira totalmente natural embora nem sempre recebam a devida atenção. Resgatemos os estudos existentes acerca das artes irmãs: Literatura e Pintura, embora a ilustração não seja considerada uma obra de arte tal qual a pintura, ela utiliza alguns elementos próprios da pintura e passíveis de análise similar.

A comparação entre as artes, desde seu início, é um assunto polêmico. Existem tanto os críticos que concordam com a aproximação da pintura com a literatura quanto os que a contestam. Segundo Oliveira, “produzir arte literária é correlacionar os diferentes códigos, estabelecendo correspondências entre as diferentes artes.” (1999, p. 14) Assim sendo, faz-se necessário delimitarmos o termo imagem, para tanto, recorreremos a Platão (427-347 a.C) para quem a imagem é uma sombra, um reflexo, um objeto segundo que se relaciona a um objeto primeiro. (*apud* JOLY, 1996, p. 14) A imagem, portanto é a transfiguração do objeto

real, assim como a literatura. Quando lemos formamos uma imagem mental que se assemelha à imagem visual, pois é como se estivéssemos no lugar descrito pelo autor.

O termo imagem, tal qual o termo literatura, é difícil de ser conceituado, pois

parece que a imagem pode ser tudo e o seu contrário – visual e imaterial, fabricada e “natural”, real e virtual, móvel e imóvel, sagrada e profana, antiga e contemporânea, vinculada à vida e à morte, analógica, comparativa convencional, expressiva, comunicativa, construtora e destrutiva, benéfica e ameaçadora. (JOLY, 1996, p. 27)

A arte é uma construção, um fazer, uma produção humana e, portanto, pressupõe trabalho. A literatura é necessária para a constituição saudável do ser humano, de acordo com Umberto Eco, “de qualquer forma, não deixamos de ler histórias de ficção, porque é nelas que procuramos uma fórmula para dar sentido à nossa existência” (2004, p. 145). A obra literária apresenta uma verdade que, embora seja fictícia, não pode ser refutada. Esse contato com verdades inquestionáveis nos ajuda a aceitar e a conviver com determinadas situações de nossa vida, impossíveis de serem mudadas como a perda ou a morte de um ente querido.

Para compreendermos o estudo da imagem, faz-se necessário estabelecermos a distinção entre percepção e interpretação. Perceber e reconhecer os motivos nas mensagens visuais é diferente de interpretá-los. A percepção e a interpretação são duas operações mentais complementares, mas não simultâneas. O trabalho do crítico numa análise da imagem “é precisamente decifrar as significações que a ‘naturalidade’ aparente das mensagens visuais implica.” (JOLY, 1996, p. 43) Ao crítico cabe descobrir as significações implícitas na imagem e, para tanto, ele pode recorrer ao contexto histórico da produção da obra. No entanto, ao conhecer e compreender o contexto de produção da obra não quer dizer que ele encontrará as intenções do autor.

Como método de análise, utilizaremos o procedimento da permutação, com seus dois princípios básicos de oposição e de segmentação. Elaborar uma análise a partir do princípio de permutação requer do pesquisador a substituição mental dos elementos que a imagem ou o texto dispõe, por outros similares, embora não estejam presentes neles. Essa análise ocorre por meio do binômio presença/ausência. Caberá ao pesquisador interpretar os elementos constitutivos da obra pelo que são e também pelo que não são, pelo que o autor apresenta e pelo que exclui. Cada elemento presente na obra foi escolhido dentre outros elementos ausentes, mas a ele se referem de uma maneira ou de outra.

2.7.2 Funções da imagem

A ilustração pode ser lida como um texto visual, caracterizando-se como um discurso visual. Fazendo essa aproximação entre os estudos da linguagem e os da imagem, recorreremos às funções da linguagem propostas por Roman Jakobson (*apud* JOLY, 1996). De acordo com sua teoria numa situação de comunicação há um *remetente* que envia uma *mensagem* (assunto ou *referente*) a um *destinatário*, por meio de um suporte físico: o *canal*, para isso utiliza um *código* conhecido ou parcialmente conhecido tanto pelo *remetente* quanto pelo *destinatário*.

Elementos da linguagem segundo Jakobson:

Quadro explicativo 2: Elementos da linguagem

	REFERENTE	
REMETENTE	MENSAGEM	DESTINATÁRIO
	CANAL	
	CÓDIGO	

Fonte: JAKOBSON, *apud* JOLY, 2001, p. 56

Esse esquema é de fundamental importância para a compreensão dos princípios norteadores da comunicação verbal ou não-verbal. Sabemos que estes fatores originam as diferentes funções linguísticas que uma mensagem pode apresentar de acordo com a sua relação entre o remetente, a mensagem e o destinatário. No entanto, essas funções não são puras, assim, deve-se analisar a função predominante.

Quadro explicativo 3: Funções da linguagem

	Funções da linguagem segundo Jakobson	
	REFERENCIAL	
EXPRESSIVA	POÉTICA	CONATIVA
	FÁTICA	
	METALINGUÍSTICA	

Fonte: JAKOBSON, *apud* JOLY, 2001, p. 56

Baseando-se no esquema da comunicação da linguagem criado por Jakobson, Camargo (2010) propôs a apropriação do mesmo esquema, adaptando-o para a análise das imagens. Assim, pressupõe que no processo de produção e recepção de imagens, as mesmas

funções poderiam ser observadas. Neste texto, apropriamo-nos das ideias de Camargo a fim de realizar uma leitura das ilustrações presentes nos textos de Walcyr Carrasco.

A imagem enquanto imitação da aparência do objeto ao qual se refere foi denominada por Camargo de *função representativa*. Na *função descritiva* o objeto é apresentado de maneira mais detalhada ocorrendo assim uma diferença não de natureza com a função representativa, mas sim de grau. A *função narrativa* ocorre quando o objeto a ser representado é inserido no tempo e no espaço, sendo assim, a imagem apresenta transformações no estado do objeto representado ou ações que são realizadas por ele.

O autor apresenta também a *função simbólica* na qual a imagem está orientada para uma significação sobreposta ao seu referente que por muitas vezes é arbitrária, como exemplos, poderíamos citar os ícones utilizados para caracterizar grupos sociais tais como times de futebol ou partidos políticos. A *função expressiva* ocorre quando a imagem não está orientada para o destinatário, mas sim para o próprio remetente, pois revela seus sentimentos e valores, ou quando ressalta os sentimentos e valores do ser representado.

Na *função estética*, a imagem está orientada para a sua forma, podendo ocorrer de duas maneiras: *sintática*: quando enfatiza a sua composição visual – cor, linha, forma, espaço, luz, etc. - ou *semântica* quando utiliza figuras de linguagem que enfatizam ou modificam o objeto representado – hipérbole, metonímia, metáfora e personificação -. Na linguagem visual, entende-se por *hipérbole* os procedimentos de exageração; a *metonímia* ocorre quando um ser é representado por uma imagem que possui com ele uma relação de contiguidade. A *metáfora* consiste em representar um ser por uma imagem estabelecendo uma relação de similaridade. Enquanto a *personificação* ocorre quando são atribuídas características humanas a animais, plantas ou seres inanimados.

Camargo (2010) apresenta também a *função lúdica* que ocorre quando a imagem está orientada para o jogo. Podendo ser direcionada ao emissor, ao referente, à forma da mensagem visual ou ao destinatário. A *função conativa* é muito utilizada nos textos publicitários, pois visa influenciar o comportamento do observador por meio de procedimentos persuasivos. A *função metalinguística* ocorre quando a imagem está orientada para o seu próprio código, ou seja, a linguagem visual como em situações de produção e recepção de mensagens visuais, citação de imagens, etc. Há a *função fática* na qual a imagem é orientada para o suporte material da imagem, ou seja, para o canal.

Por fim, o autor apresenta a função da imagem de *pontuação*, ocorrida quando a imagem está orientada para o próprio texto, tendo como função indicar o início e o término de

um capítulo. Essa função é exercida pela *capitular* – letra que inicia um capítulo - e pela *vinheta* – ilustração pequena – podendo destacar pausas ou elementos do texto verbal.

Sendo assim, a imagem associada a um texto verbal pode representar, descrever, narrar, simbolizar, expressar, brincar, persuadir, normatizar, pontuar, mas também enfatizar a sua própria configuração, seu suporte ou sua linguagem visual. Dessa forma, como afirma Camargo:

Ilustração e texto convivem e interagem no mesmo espaço: seja um livro, seja uma página de revista, seja um cartaz, seja uma tela de computador. Nesse sentido, a ilustração não pode ser vista – repito não pode ser vista – como uma tradução do texto, como uma espécie de tradução da linguagem verbal para a visual. (CAMARGO, 2010, p. 9)

Assim, a ilustração é uma imagem que estabelece uma relação de interação com o texto, pois ela o acompanha e, neste momento, se diferencia de uma pintura inspirada na obra literária para assim poder traduzi-la. O texto literário e a ilustração convivem no mesmo espaço, compartilham o mesmo suporte. “No livro ilustrado interagem duas linguagens e, assim, dois tipos de texto, compondo um texto híbrido, verbo-visual. Dois textos ou dois discursos – em diálogo”, como salienta o autor. (CAMARGO, 2010, p. 9).

2.7.3. Elementos de análise de ilustrações

Para um pensamento se transformar em texto, ele precisa ser enunciado, receber uma configuração material que pode ser oral, escrita, pictográfica, audiovisual, etc. Quando este texto se materializa em forma escrita, ele se torna legível e visível. Sendo assim, o texto verbal também é uma imagem. No caso da literatura infantil e juvenil, o aspecto gráfico do texto recebe uma atenção extra se comparado com a literatura adulta e com o fascínio que o aspecto não-verbal do texto desperta no leitor em formação:

A relação entre texto e ilustração é um dos diferentes tipos de interação entre texto e imagem na literatura infantil. Essas interações – que não são exclusivas da literatura para crianças – são de quatro tipos: 1) o texto como imagem (a enunciação gráfica); 2) a imagem como texto (a ilustração como texto visual); 3) as imagens do texto (a visualidade e a visualização); 4) o diálogo entre texto e ilustração. (CAMARGO, 2010, p. 18)

Compreender essa interação entre texto verbal e imagem em livros de literatura infantil é pertinente, pois possibilitará uma maior compreensão e interpretação dos livros que nos propusemos a analisar. É válido ressaltar que:

Do ponto de vista da presença da imagem, os livros infantis podem ser classificados em três blocos: 1) *livros de imagem*, em que a textualidade é exclusivamente – ou quase exclusivamente – visual e que narram uma história apenas com imagens; 2) *livros em que a textualidade é híbrida*, verbo-visual, e nos quais o texto e as ilustrações têm a mesma importância, configurando um diálogo a duas (ou mais) vozes; 3) *livros em que a textualidade é predominantemente verbal* e as ilustrações acompanham o texto. (CAMARGO, 2010, p. 18)

Fizemos todo esse percurso pelos aspectos constituintes da narrativa, com o intuito de apresentar ferramentas teóricas para nortear os estudos aos quais nos propusemos. Estes conceitos não devem ser decorados por leitores ou estudantes de literatura, no entanto, podem servir de suporte ou de ferramenta para análise e compreensão dos recursos utilizados pelo autor para atingir determinado fim. Mais importante que classificar ou catalogar uma obra literária, é compreendê-la.

Com o objetivo de analisarmos as obras de Walcyr Carrasco, fizemos um estudo que nos permitiu conhecer e apresentar os elementos constitutivos da obra literária. Posteriormente, ao executarmos o trabalho proposto, eles serão de primordial importância para mapear os esquemas utilizados pelo referido autor, a fim de melhor conhecê-lo e de orientar as futuras leituras de seus livros.

CAPÍTULO III – METODOLOGIA DA PESQUISA

A presente pesquisa tem caráter científico e, como tal, precisa estar baseada em procedimentos e metodologias que permitam conhecer, compreender e analisar a realidade estudada, adequando-os aos objetivos a serem alcançados e à realidade questionada.

De acordo com Severino (2000), o método adotado em uma pesquisa determina a trajetória dos estudos a serem realizados, de modo a alcançarem-se os objetivos propostos pelo pesquisador frente ao objeto pesquisado.

Esta pesquisa utilizou a metodologia quali-quantitativa, pois pretendeu por meio da coleta e do levantamento de dados via preenchimento de fichas, mapear as produções literárias destinadas ao público infantil e juvenil de autoria de Walcyr Carrasco. A pesquisa quantitativa, no caso do preenchimento das fichas, proporcionou dados estatísticos sobre a construção dos textos literários em relação ao narrador, às personagens, ao tempo e ao ambiente. Portanto, faz-se necessária a análise qualitativa desses dados e a interpretação dos gráficos e tabelas elaborados por meio da pesquisa quantitativa.

3.1 O *corpus* da pesquisa

As obras selecionadas para este estudo são de autoria de Walcyr Carrasco destinadas preferencialmente aos públicos infantil e juvenil. A escolha desse autor ocorreu em virtude do relevante interesse de alunos do Ensino Fundamental II, na leitura de seus livros.

Definido o projeto de estudo, realizamos uma pesquisa exploratória, ou seja, uma pesquisa sobre os estudos já existentes sobre o autor, na qual constatamos a ausência de trabalhos sobre suas narrativas literárias, contrapondo-se ao estudo de algumas de suas crônicas e a uma farta premiação em outros setores profissionais como a teledramaturgia e o teatro.

Posteriormente, realizamos a leitura de grande parte de seus livros com a finalidade de selecionar o *corpus* dessa pesquisa, visto que o autor possui vinte e sete livros publicados para o público infantil e juvenil até a presente data, tal como se apresenta no quadro a seguir:

Quadro explicativo 4: Obras publicadas por Walcyrr Carrasco

Obra	Ano de publicação	Público
Quando meu irmãozinho nasceu	1979	Infantil
A menina que queria ser anjo	1986	Infantil
Meu encontro com o papai Noel	1987	Infantil
O garoto da novela	1996	Infantil
O menino que trocou a sombra	1998	Infantil
O selvagem	2000	Infantil
O mistério da gruta	2002	Infantil
Cadê o super-herói	2002	Infantil
Mordidas que podem ser beijos	2002	Infantil
As asas do Joel	2002	Infantil
Abaixo o bicho-papão	2005	Infantil
Carolina	2005	Infantil
Camarões x Tartarugas a grande copa do mar	2006	Infantil
O jacaré com dor de dente	2008	Infantil
A ararinha do bico torto	2010	Infantil
Meus dois pais	2010	Infantil
Pituxa, a vira-lata	2010	Infantil
O caçador de palavras	1993	Juvenil
A corrente da vida	1993	Juvenil
Irmão Negro	1995	Juvenil
Meu primeiro beijo	1997	Juvenil
Balança coração	1997	Juvenil
Estrelas tortas	1997	Juvenil
O anjo linguarudo	1999	Juvenil
Vida de droga	2002	Juvenil
Este seu olhar	2006	Juvenil
A palavra não dita	2007	Juvenil

Fonte: Produção literária infantil e juvenil de Walcyrr Carrasco: uma análise da construção narrativa e da representação de grupos sociais (1979 – 2010)

Na tabela acima, estão relacionados apenas os textos originais do autor, pois as obras traduzidas e adaptadas não foram contempladas na pesquisa. Como o *corpus* ficaria muito extenso para uma pesquisa de caráter qualitativo, optamos por selecionar obras que

abarcassem diferentes períodos de sua produção literária, a saber, período inicial, período intermediário e período contemporâneo.

Assim sendo, foram selecionadas as obras constituintes do *corpus* dessa pesquisa, tal como se apresentam no quadro a seguir:

Quadro explicativo 5: Obras que serão analisadas

Obra	Público	Período
Quando meu irmãozinho nasceu	Infantil	Inicial
O caçador de palavras	Juvenil	Inicial
A corrente da vida	Juvenil	Inicial
Irmão Negro	Juvenil	Inicial
Meu primeiro beijo	Juvenil	Intermediário
O anjo linguarudo	Juvenil	Intermediário
Estrelas tortas	Juvenil	Intermediário
Vida de droga	Juvenil	Intermediário
O mistério da gruta	Infantil	Intermediário
A ararinha do bico torto	Infantil	Contemporâneo
Meus dois pais	Infantil	Contemporâneo
Pituxa, a vira-lata	Infantil	Contemporâneo

Fonte: Produção literária infantil e juvenil de Walcyrr Carrasco: uma análise da construção narrativa e da representação de grupos sociais (1979 – 2010)

No entanto, no decorrer das análises, outras obras do autor são utilizadas a título de exemplificação, uma vez que o objetivo da pesquisa é apresentar o autor Walcyrr Carrasco e seus textos literários quantitativa e, principalmente, qualitativamente. Sendo assim, algumas de suas características estão mais evidentes em algumas obras que não fazem parte do *corpus* selecionado.

3.2 Procedimentos da pesquisa

Iniciamos a pesquisa com a pré-leitura dos textos com a finalidade de delimitar o *corpus*. Após a primeira leitura, elaboramos, para cada narrativa, uma ficha de análise dos principais elementos que compõem a trama. A ficha, em anexo, contempla dados como: editora, ano de publicação, ambiente – estado e região do Brasil onde a trama ocorre -, a posição da personagem na trama - sexo, idade, ocupação profissional, raça, estrato econômico, orientação sexual, grau de escolaridade, esfera social de atuação, morte - e desfecho. Esses dados, depois de compilados e interpretados, formaram as estatísticas utilizadas como um dos suportes para a análise da produção literária de Walcyrr Carrasco.

Para o presente estudo, foram analisadas todas as personagens das treze narrativas selecionadas, perfazendo um total de 152 personagens.

Os dados obtidos por meio das fichas foram aplicados ao *Software Sphinx Survey 5.1* – versão *Léxica*, programa que possibilita a elaboração de tabelas com as informações adquiridas, bem como cruzar dados como, por exemplo, posição da personagem na trama e profissão, sexo e classe social, raça e classe social e outros cruzamentos de duas variáveis. Esses recursos do programa são de suma importância na realização desta pesquisa, uma vez que possibilitam o mapeamento das obras e das características literárias do autor Walcyr Carrasco.

Esses dados foram analisados e interpretados qualitativa e quantitativamente, com o objetivo de observar como o autor representa a sociedade brasileira em suas narrativas. Segundo Gil (2006), em pesquisas de cunho social, é muito comum a utilização de levantamento de dados por meio de entrevistas a fim de obter informações quantitativas a respeito do objeto estudado. No entanto a pesquisa não se limita a compilar dados, mas sim a interpretá-los qualitativamente.

De acordo com Gil (2006), entre as vantagens de realizar levantamentos estão: o conhecimento direto da realidade; a economia e a rapidez na obtenção dos dados; a quantificação, que possibilita o agrupamento dos dados em tabelas e gráficos, permitindo, assim, uma análise estatística correlacionando-os.

De posse das características desta pesquisa quantitativa, percebemos que a referida metodologia é a mais adequada ao presente estudo, pois a utilização do levantamento de dados, enquanto técnica é de suma importância ao desenvolvimento deste trabalho cujo objetivo é mapear a produção literária de Walcyr Carrasco que representa uma incógnita no universo acadêmico, pois não possui uma fortuna crítica sobre suas narrativas literárias destinadas aos públicos infantil e juvenil. Pretendemos apresentar as principais características do autor com relação à construção da narrativa, assim como, observar quais parcelas da sociedade brasileira são contempladas em seus textos e quais regiões brasileiras predominam em suas narrativas. Comparando os dados obtidos sobre a representação dos sujeitos nas obras analisadas com os dados oficiais do censo demográfico 2010 elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

CAPÍTULO IV – CONSIDERAÇÕES SOBRE WALCYR CARRASCO E SUAS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS

4.1 Walcyr Carrasco e a literatura infantil e juvenil

Dentre as formas literárias existentes, encontra-se a literatura infantil, que ao contrário da literatura clássica, possui uma data de início, de nascimento, e funções, a princípio bem definidas, que foram evoluindo e de certa forma perdendo seu caráter estritamente didático. Torna-se impossível ao discorrer sobre a historicidade dessa modalidade da literatura, não apontar as suas principais funções em cada período histórico.

O hábito da leitura solidificou-se no século XVIII com a ascensão da classe burguesa. A leitura tornou-se um meio popular e barato de disseminação das informações e da cultura com o advento da imprensa, a circulação dos folhetins e dos jornais. Ler, neste contexto, é ser civilizado. Com relação ao leitor mirim, ler é estar engajado no mundo adulto e participar da dualidade presente na literatura infantil: conhecer e experimentar a realidade e também, participar do cotidiano burguês de individualismo e isolamento, processos que a criança passa a vivenciar desde cedo.

A literatura infantil, enquanto gênero surgiu nos últimos anos do século XVII impulsionada pela ascensão da família burguesa, da obrigatoriedade do ensino, da formulação do conceito atual de infância e do surgimento de novos campos epistemológicos, como a pedagogia e a psicologia. Dessa forma, a criança e o jovem adquiriram um novo *status* na sociedade. Desde seu início, foi utilizada como meio de transmissão de padrões sociais, por isso, está tão intimamente ligada à cultura de massa e à pedagogia.

Segundo Lajolo e Zilberman (1999), a literatura infantil possui uma duplicidade, pois, de acordo com os pressupostos do adulto se caracteriza por ser um instrumento de dominação, de doutrinação do jovem. Sendo que, quando se compromete com o interesse da criança permite-lhe o acesso ao real por meio de histórias que, talvez, ela nunca pudesse experimentar, facilitando a ordenação de fatos e experiências e a expansão do domínio linguístico por parte da criança.

A literatura infantil brasileira surgiu de fato no século XX. Sendo que, no século XIX, foram publicadas uma ou outra obra destinada à criança, sem relevância. A produção editorial no Brasil surge, oficialmente, em 1808 com a implantação da Imprensa Régia. Alguns livros destinados às crianças são publicados esporadicamente, como as traduções e os livros destinados à educação dos meninos.

Entre 1890 e 1920 ocorre o desenvolvimento das cidades, o aumento da população urbana e o surgimento das classes sociais intermediárias, com a aristocracia rural e a alta burguesia de um lado e os escravos e trabalhadores rurais de outro. O saber passa a ocupar um lugar de destaque nesta nova sociedade brasileira. Dessa forma, ocorrem as campanhas de alfabetização e os esforços para criar uma literatura infantil nacional devido à falta de material adequado para o ensino da leitura nas escolas. Os escritores desse período eram bem relacionados com o governo o que lhes garantia a adoção em massa de seus livros infantis. A literatura infantil “nasce” no Brasil com escritores conceituados que escreviam livros encomendados e com retorno financeiro certo. Como as autoras afirmam: “escrever para crianças, já no entre séculos, era uma das profissionalizações possíveis para o escritor.” (LAJOLO, ZILBERMAN, 1999. p. 29). Isso ocasionou mudanças no comportamento dos editores que passaram a dedicar muito mais espaço à publicação de livros didáticos.

Durante esse período, as obras infantis que circulavam em território nacional eram apenas traduções e adaptações de obras europeias. A maioria eram traduções editadas na Europa em um português diverso do falado em território brasileiro. Os livros de autores brasileiros como Machado de Assis e José de Alencar eram impressos em Paris.

Lajolo e Zilberman (1999) historicam alguns dados sobre a produção literária voltada para a juventude e infância no Brasil. Em 1886, Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira publicam o livro *Contos infantis*. Em 1894 o cronista da Gazeta de Notícias, Figueiredo Pimentel, publica o livro *Contos da Carochinha* inaugurando a coleção Biblioteca Infantil Quaresma. Os *Contos pátrios* de Olavo Bilac e Coelho Neto são editados em 1904. Em 1905, surge a revista infantil *O Tico-Tico*. Júlia Lopes de Almeida lança, em 1907, as *Histórias da nossa terra*. Mas somente em 1910 surge a narrativa longa *Através do Brasil* de autoria de Olavo Bilac e Manuel Bonfim. No ano de 1915, a editora Melhoramentos inaugura, sob a direção do educador Oliveira Barreto, a Biblioteca Infantil. Em 1919, Tales de Andrade publica o seu romance *Saudade*, tendo como temática a exaltação do campo.

No decorrer desse período, também foram publicadas algumas poesias infantis e narrativas folclóricas e temáticas para serem utilizadas nas escolas. Os livros publicados eram patrióticos, ufanistas e moralizantes. Eram inspirados em obras europeias. As personagens, geralmente crianças, eram estereotipadas. Havia uma grande preocupação com a linguagem que deveria ser a mais correta possível, em consonância com os preceitos parnasianos que marcaram a arte literária valorizada então.

De acordo com Lajolo e Zilberman (1999), na década de 20, Monteiro Lobato inicia sua trajetória como escritor infantil, publicando em 1921 *Narizinho Arrebitado*

(segundo livro de leitura para escolas primárias) e inaugura a editora Monteiro Lobato e Cia., depois a Companhia Editora Nacional e a Brasiliense. O autor, adaptador e editor investe em obras infantis. Cria o Sítio de Picapau Amarelo e suas personagens mais famosas que viajam pelos clássicos universais. O sítio não é apenas o local onde as ações se passam, mas também uma representação do Brasil. Nesse ambiente, ocorre uma nacionalização dos produtos estrangeiros assim que chegam ao sítio.

Devido à consolidação da classe média, o avanço da modernização e da industrialização e o aumento da escolarização, o mercado editorial infantil se torna cada vez mais promissor com mais consumidores e, conseqüentemente, mais obras são publicadas.

O tema dominante da década de 30 foi o nacionalismo presente nas obras infantis juntamente com o patriotismo e a exploração da tradição popular. Ocorre o predomínio do ambiente rural e de personagens crianças como protagonistas. Nas obras lobatianas, as personagens apresentam mudanças de comportamento e transitam em outras obras. As criadas por Viriato Corrêa, Graciliano Ramos e Lúcia Miguel Pereira também apresentam mudança de atitude no decorrer da narrativa, mas não são protagonistas em outras obras.

De acordo com Lajolo e Zilberman (1999), na década de 40, havia cerca de 600 livros infantis publicados, sendo a maioria traduções e adaptações, as obras de autores nacionais eram, em sua maioria, de baixa qualidade literária. A preocupação dos autores não é mais com a conquista do mercado editorial, mas sim em se manter nele, mesmo que para isso, tenham de escrever obras repetitivas explorando suas personagens à exaustão.

No final da década de 50, segundo Lajolo e Zilberman (1999), os livros infantis inauguram novas fases, deixam de ser estritamente rurais e passam a retratar o ambiente urbano. Essa tendência é iniciada por Isa Silveira Leal com a série das Glorinhas: *Glorinha* (1958), *Glorinha e o mar* (1962), *Glorinha bandeirante* (1964), *Glorinha e a quermesse* (1965) e *Glorinha radioamadora* (1970). Em 1970, o livro *Justino, o retirante* de Odette de Barros Mott inaugura a temática da pobreza, da miséria, do preconceito, da injustiça e do autoritarismo nas obras infantis. (LAJOLO e ZILBERMAN, 1999, p. 125-6) Esse tema será utilizado em outros textos desse contexto histórico perdurando até a atualidade como podemos verificar nos textos de Walcyr Carrasco.

A partir da década de 60 ocorrem grandes avanços na produção literária infantil. São criadas várias entidades de incentivo à leitura, tais como: a Fundação do Livro Escolar (1966), a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (1968), o Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil (1973), Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil (1979). Importante dado sobre esse período é que a literatura infantil começa a romper seus

laços com a pedagogia, assume uma postura crítica e passa a ser objeto de estudo nos meios acadêmicos.

Com o propósito de desenvolver o crescimento intelectual das crianças, o livro tornou-se um objeto de destaque e imprescindível nas escolas. Em 1982, a Universidade de Campinas promoveu o III Congresso de Leitura no qual foi fundada a Associação de Leitura do Brasil tendo por objetivo democratizar e melhorar as condições de leitura do povo brasileiro. A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, juntamente com a Fundação Roberto Marinho e a empresa Hoechst do Brasil, desenvolveu o projeto “Ciranda de Livros” responsável por distribuir livros a escolas carentes. A Fundação de Assistência ao Estudante, do Ministério da Educação em conjunto com o seu programa de livro didático – PLIDEF – instituiu o Programa Salas de Leitura que distribuía para escolas de primeiro grau livros de literatura infantil. Com o fomento à leitura e o surgimento de várias instituições e programas voltados à formação do leitor, a literatura infantil ganha força e autonomia enquanto produção cultural, sendo valorizada nas esferas dos públicos, dos criadores e também da crítica.

A pesquisadora Nelly Novaes Coelho considerou os anos 70 a 80 como sendo o “boom” da literatura infantil e juvenil. Nesse período,

as pesquisas da psicanálise ligadas à pedagogia (...) provaram ser a *linguagem-das-imagens* um dos mediadores mais eficazes para estabelecer relações de prazer, de descoberta e de conhecimento entre a criança e o mundo-das-formas (seres e coisas) que a rodeia e que ela começa a explorar desde que abre os olhos para o mundo. (COELHO, 2000, p. 131, grifos da autora)

Surgem, nesse contexto, os livros sem texto ou narrações por imagem destinados aos pré-leitores, crianças ainda não alfabetizadas. As obras desse período possuem diferentes estilos, linguagens e formas. Divertindo, informam e instruem os pequenos leitores a se tornarem conscientes de si mesmos e do mundo que os cerca, seja por meio do realismo cotidiano ou do realismo mágico.

A imagem da criança que a princípio era estereotipada como uma criança dócil e obediente migra para uma criança mais crítica nas obras de autores como Fernanda Lopes de Almeida, Elvira Vigna, Eliane Ganem, Ana Maria Machado, Bartolomeu Campos Queiroz, Ruth Rocha, Mirna Pinsky, Ziraldo, Domingos Pellegrine, Lygia Bojunga Nunes e tantos outros.

A produção literária das décadas de 70 e 80 refletem as transformações culturais da sociedade brasileira na qual está inserida:

- a concepção da literatura como um *fenômeno de linguagem*, resultante de uma experiência existencial/social/política/cultural;
- a consciência do *poder da palavra*, não só como *representativa* da realidade, mas principalmente como *nomeadora* ou *ordenadora* do real (isto é, consciência de que é a palavra que permite aos seres, coisas, emoções, percepções, etc., tornarem-se existentes e comunicantes, ou melhor, *reais*);
- a consciência de que é no *leitor* que o texto literário se completa ou encontra o seu significado final (daí o recurso à *metalinguagem* e a voga atual da *estética da recepção*);
- a compreensão da *escrita* como ato-fruto da *leitura* assimilada e/ou da criatividade estimulada por influxos culturais;
- a certeza de que a *esfera da literatura* é a da plena *liberdade interior*, sem a qual não há realização individual fecunda; e
- a valorização da *imagem* ou da *ilustração* como linguagem altamente sedutora e essencialmente formadora da consciência-de-mundo das crianças, porque estimula o olhar de descoberta e o *pensar* – fundamentais para a descoberta e conhecimento-de-mundo. (COELHO, 2000, p.132-3 grifos da autora)

A produção literária desse período apresenta histórias tanto do realismo cotidiano quanto do realismo fantástico. A linguagem utilizada nessas obras incorpora palavras e expressões utilizadas no cotidiano, seguindo o legado do modernismo. As histórias destinadas ao pequeno leitor são vivas e bem humoradas procurando diverti-los sem, contudo, deixar de instruí-los e de torná-los mais críticos e atuantes socialmente. Os autores enfatizam a palavra literária ou a imagem (no caso dos livros de imagens) como agente da criação de novas realidades ampliando a consciência de mundo do leitor.

A industrialização da cultura afeta não só o modo de produção do livro infantil contemporâneo, mas também a sua temática e favorece o surgimento e a permanência de determinados gêneros como a ficção científica e os mistérios policiais. Outro aspecto modificado com a era da industrialização foram as ilustrações que evoluíram de elemento decorativo para elemento autônomo, acrescentando informações ao texto e, não apenas o refletindo ou exemplificando como ocorria anteriormente. Nos anos 80 e 90 a imagem se tornou ainda mais presente nas obras infantis. Inúmeros livros mesclam a poesia e a imagem e são considerados verdadeiras obras de arte. Ocorre, dessa forma, a fusão entre o texto verbal e o imagético.

Os livros destinados aos públicos infantil e juvenil são produzidos dentro de um sistema editorial mais moderno, há uma preocupação maior com os aspectos gráficos dos textos, incluindo neles a ilustração e o papel utilizado. Normalmente, esses livros são lançados com maior rotatividade o que promove uma manutenção do público leitor, além do

fato, de muitas dessas publicações estarem vinculadas a programas de fomento à leitura garantindo a sua vendagem e o lucro certo das editoras.

O autor Walcyr Carrasco inicia a sua produção literária em 1979, está, portanto, inserido no rol dos novos autores que seguem os passos do mestre Lobato como o próprio autor afirma:

Fascinado pelos livros, decidi: eu me tornaria escritor.
Bem, a verdade é que eu não tinha a menor ideia do que significava ser escritor. Só que... escreveria livros! Em um dos textos, Lobato aconselhava: para escrever bem, é preciso ler muito. Passei a devorar qualquer texto que me caísse na frente. Quando revelei a minha nova vocação, papai gemeu:
__Escritor morre de fome! (CARRASCO, 2006b p. 30)

Atualmente a literatura está invadindo o “cyberspace”. Ao contrário da previsão de alguns a tecnologia não conseguiu excluir os livros, mas, sim eles (os livros) é que estão aproveitando a tecnologia em benefício próprio. Como é o caso de Walcyr Carrasco que teve duas de suas obras: *A ararinha do bico torto* (2010a) e *Meus dois pais* (2010b) publicados em formato de livro digital interativo. Apesar de toda essa evolução, alguns autores da literatura infantil continuam presos a dois objetivos marcantes na literatura infantil desde o seu surgimento. Primeiro: a de que o livro destinado ao público infantil deva ser didatizante e moralizante; e, em segundo, a questão de que a produção deva ocorrer em grande escala (literatura de massa), pois a escola é a maior consumidora desse material, prova disso são os livros publicados em série pelas editoras visando à leitura em sala de aula.

Portanto, conhecer a gênese da literatura infantil e as teorias que permitem a análise tanto do texto verbal quanto do visual é primordial para o desenvolvimento desse estudo. Principalmente, se considerado, o autor em estudo, Walcyr Carrasco, não só pertencente à geração de autores contemporâneos como também com obras que possuem características desse contexto literário.

4.2 Walcyr Carrasco: jornalista e dramaturgo

O autor, cronista e dramaturgo Walcyr Rodrigues Carrasco é natural de Bernardino de Campos, interior de São Paulo, nascido em 2 de dezembro de 1951. Provém de uma família de classe média baixa, seu pai, João, era telegrafista do setor ferroviário e sua mãe, Angela, uma pequena empresária proprietária de um bazar na cidade de Marília onde o

autor viveu dos três aos quinze anos com seus dois irmãos Airton, o mais velho e Ney, doze anos mais novo. Mudou-se para São Paulo e estudou no Colégio de Aplicação da USP.

Conforme informações veiculadas no site do próprio autor, ele é formado em jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Trabalhou por muitos anos como jornalista nas revistas *Veja* e *IstoÉ* e nos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *Diário Popular*. Paralelamente a esses trabalhos iniciou a sua carreira como escritor publicando histórias para a revista *Recreio*. Atualmente publica crônicas na revista *Veja São Paulo*.

Walcyr Carrasco iniciou a sua carreira escrevendo contos e livros para crianças e jovens. Depois se tornou autor de peças teatrais e dramaturgo de telenovelas e minisséries. Segundo suas afirmações, conquistou estabilidade econômica com as suas peças teatrais:

Graças ao teatro sobrevivi ao Plano Collor, pois estava desempregado e todo meu dinheiro ficou preso. Não tinha nem para o supermercado. Mas duas peças que estavam sendo encenadas garantiram meus direitos autorais, a comida na mesa e a gasolina.

Graças ao teatro, ganhei um prêmio importante, o Shell.

(CARRASCO, Walcyr disponível em: <http://bloglog.globo.com/blog/blog.do?act=loadSite&id=90&postId=7057&permalink=true> acessado em 10/01/2011, 13:58)

Pertence à Academia Paulista de Letras, ocupando a cadeira de número 14, desde 4 de setembro de 2008 para suprir a vaga deixada pelo poeta Cyro Pimentel. É imortal ao lado de José Mindlin, Ignácio de Loyola Brandão, Ruth Rocha, Gabriel Chalita, Paulo Bomfim, Lygia Fagundes Telles e Antônio Ermírio de Moraes. A autora Ruth Rocha manifestou a sua opinião sobre o ingresso do autor na Academia Paulista de Letras, para quem Walcyr Carrasco "é uma pessoa que veio trazer ideias novas, uma colaboração original para a Academia. É uma aquisição maravilhosa". (Disponível em: <http://extra.globo.com/tv-e-lazer/walcyr-carrasco-empossado-na-academia-paulista-de-letras-571277.html> acessado em 10/01/2011)

A sua estréia como dramaturgo ocorreu no teatro com a comédia de costumes *O terceiro beijo* em 1984; com a peça *Êxtase* (2002) ganhou o prêmio Shell de Melhor Autor em 2002. Seguindo a ordem cronológica, de acordo com o site Wikipédia e o site pessoal do autor ele escreveu as seguintes peças teatrais: *O terceiro beijo* (1984), *Uma cama entre nós* (1994), *Batom* (1995), *Êxtase* (2002), *Até que o sexo nos separe* (2005), *Toalete* (2006), *A mulher do candidato* (2007), *Seios* (2009 – 2010), *O mistério do fantasma apavorado* (2010) e *Eu sei que você vem* (2010). Realizando uma pesquisa mais aprimorada verificamos que o autor

possui outras peças encenadas, mas neste estudo, apresentaremos um breve resumo apenas das principais.

A peça *O terceiro beijo* (1984) conta a história de um marido bissexual que leva o amante para uma relação a três com a esposa. O drama *Êxtase* (2002) retrata o cotidiano dos usuários de droga e a relação das personagens (duas amigas e a mãe de uma delas) com o submundo. A peça *Até que o sexo nos separe* (2005) foi escrita baseada em relatos de casais. A comédia conta a história de Renato e Livia, que após 30 anos de casados têm a relação desgastada pela rotina. Eles passam a viver quase como irmãos até Livia decidir não aceitar mais o desinteresse do marido. A comédia *Toalete* (2006) explora o universo feminino, tendo como ambiente o banheiro de um hotel de luxo no qual transitam executivas, prostitutas, modelos e palestrantes. Essa peça teatral ganhou o Prêmio Contigo de Teatro. A peça *A mulher do candidato* (2007) é uma comédia política. A peça *Seios* (2009 - 2010) é uma mescla de drama e humor e trata de um assunto polêmico: a mulher está recém separada e encontra o ex-marido na porta do colégio onde espera pelo filho do casal, uma situação rotineira nos dias atuais, porém o ex-marido é um transsexual que apesar de ter implantado seios, ama o filho e a esposa. A peça infantil *O mistério do fantasma apavorado* (2010) é baseada em *O fantasma de Canterville* de Oscar Wilde. O texto *Eu sei que você vem* (2010) é uma das dez peças do espetáculo *Te amo, São Paulo* composto por textos escritos por autores diferentes, dirigidos por diretores distintos, porém encenadas pelos mesmos atores.

Podemos perceber neste breve estudo sobre as suas produções teatrais que alguns temas como o consumo de drogas, o drama vivido por homossexuais, bissexuais e transsexuais, assim como, uma estrutura familiar diferente da considerada convencional pela sociedade são frequentes em seus textos. Fator analisado nos textos literários.

A sua primeira telenovela foi *Cortina de vidro*, (SBT, 1989). Escreveu, em 1991, as minisséries *O Guarani*, uma adaptação do romance homônimo de José de Alencar, e *Filhos do sol*, ambas para a extinta TV Manchete. Para essa mesma emissora, escreveu o sucesso *Xica da Silva* - telenovela brasileira (1996), que o consagrou nacionalmente sob o pseudônimo de Adamo Angel. Escreveu a novela *Fascinação* em 1998 veiculada no SBT. No ano de 2000, foi contratado pela TV Globo para a qual escreveu as novelas: *O Cravo e a Rosa*, uma livre adaptação do clássico *A megera domada* de Shakespeare; *A Padroeira* (2001), baseada no romance *As Minas de Prata*, de José de Alencar; *Chocolate com Pimenta* (2003) e *Alma Gêmea* (2005). Todas essas novelas, encenadas em contextos históricos distintos, são comumente denominadas de novelas de época. Somente em 2007, escreveu a sua primeira novela ambientada na contemporaneidade, *Sete Pecados*, seguida da novela

Caras & Bocas (2009). Atualmente, escreve a novela *Morde & Assopra* para a TV Globo veiculada às dezenove horas.

Com relação à produção teledramatúrgica de Walcyr Carrasco, podemos perceber que ele costuma realizar adaptações de clássicos da literatura mundial, característica também transposta para seus livros como verificamos no decorrer deste estudo.

4.3 Walcyr Carrasco: tradutor, adaptador, folclorista e cronista

Carrasco é um autor atuante e versátil que, desde 1993, publica obras traduzidas e adaptadas as quais foram elencadas nesta pesquisa: *Os Miseráveis* (Editora FTD, 2001) de Victor Hugo, *A dama das camélias* (Editora FTD, 2003) de Alexandre Herculano, *Sonho de uma noite de verão* (Editora Global, 2003) e *A megera Domada* (Editora FTD, 2009) de William Shakespeare. No caso do livro *O menino Narigudo*, o autor realizou duas adaptações livres do texto *Cyrano de Bergerac*, de Edmond Rostand, uma em forma narrativa (Editora Moderna, 1993) e a outra em texto dramático (Editora Moderna, 2003). Realizou a adaptação do clássico brasileiro *Iracema* de José de Alencar intitulado de *Iracema em cena* (Editora Ática, 2008).

Ainda com relação à tradução e adaptação encontramos as narrativas clássicas da literatura universal *Dom Quixote* (Editora FTD, 2002) de Miguel de Cervantes, *A volta ao mundo em 80 dias* (Editora FTD, 2007), *Viagem ao centro da Terra* (Editora FTD, 2007) e *Vinte mil léguas submarinas* (Editora FTD, 2007) de Júlio Verne.

O autor realiza um trabalho de resgate dos contos clássicos com os livros *A Rainha da Neve* (Editora Manole, 2006a), *O Patinho Feio e outras histórias* (Editora Manole, 2006b), *O Soldadinho de Chumbo e outras histórias* (Editora Manole, 2006c), *A Gata borralheira e outros contos* (Editora Manole, 2009), *Branca de Neve e a Rosa Vermelha* (Editora Manole, 2009), *Chapeuzinho Vermelho e outras histórias* (Editora Manole, 2009), *Cinderela e outras histórias* (Editora Manole, 2009), *João e Maria e outras histórias* (Editora Manole, 2009) e *O Gato de botas e outras histórias* (Editora Manole, 2009).

Em seu repertório de tradutor e adaptador encontramos também as obras de cunho folclórico: *Lendas e Fábulas do Folclore Brasileiro (Volumes I, II e III)*, Editora Manole, 2008 e 2009). Além das crônicas publicadas na revista *Veja São Paulo* reunidas nos livros *O Golpe do Aniversariante e outras crônicas* (Editora Ática, 2003), *Pequenos delitos e outras crônicas* (Editora Best Seller, 2004) e *Histórias para a sala de aula* (Editora Moderna, 2009).

4.4 Walcyr Carrasco: escritor de obras literárias para os públicos infantil, juvenil e adulto.

Walcyr Carrasco, além de dramaturgo, tradutor, adaptador e cronista também escreve livros para o público adulto. As suas produções para esse público são *A senhora das velas* (Editora Arx, 2006a) e *Anjo de quatro patas* (Editora Gente, 2008) e a autobiografia *Em Busca de um Sonho* (Editora Moderna, 2006b). O autor publicou o conto *Pânico ou Felina* no livro *Contos de Pânico* (Editora Marco Zero, 2004).

Publicou seu primeiro livro infantil, em 1979, *Quando meu irmãozinho nasceu*, incentivado por Ruth Rocha. O autor possui vinte e sete textos originais destinados aos públicos infantil e juvenil que foram organizadas em ordem cronológica de acordo com o *copyright*: *A menina que queria ser anjo* (Companhia Cultrix, 1986), *Quando meu irmãozinho nasceu* (obra inaugural) (Editora Quinteto Editorial, 1987), *Meu encontro com o Papai-Noel* (Editora Quinteto Editorial, 1987), *As asas do Joel* (Editora Quinteto Editorial, 1987), *O garoto da novela* (Editora Moderna, 1996a), *Mordidas que podem ser beijos* (Editora Moderna, 1997), *O menino que trocou a sombra* (Editora Ática, 1999), *O selvagem* (Editora Global, 2000), *O mistério da gruta* (Editora FTD, 2001), *Cadê o Super-herói* (Editora Global, 2002), *Abaixo o bicho-papão* (Companhia Editora Nacional, 2005), *Carolina* (Companhia Editora Nacional, 2005), *Camarões x Tartarugas: a grande copa do mar* (Editora Moderna, 2006), *O jacaré com dor de dente* (Editora Companhia Nacional, 2008), *A ararinha de bico torto* (Editora Ática, 2010), *Meus dois pais* (Editora Ática, 2010), *Pituxa, a vira-lata* (Editora Ática, 2010); As juvenis: *A corrente da vida* (Editora Moderna, 1993a), *O caçador de palavras* (Editora Ática, 1993b), *Irmão Negro* (Editora Moderna, 1995), *Estrelas tortas* (Editora Moderna, 1997a), *Meu primeiro beijo* (Editora Quinteto Editorial, 1997b), *Balança coração* (Editora Ática, 1997c), *O anjo linguarudo* (Editora Moderna, 1999), *Vida de droga* (Editora Ática, 2002), *Este seu olhar* (Editora Moderna, 2006) e *A palavra não dita* (Editora Moderna, 2007).

4.5 Premiações recebidas por Walcyr Carrasco.

Walcyr Carrasco conquistou vários prêmios no decorrer de sua carreira. Pelos trabalhos realizados no teatro ganhou os prêmios: Prêmio Shell de Melhor Autor, com a peça *Êxtase* e o Prêmio Contigo de teatro, pela comédia *Toalete*.

As suas novelas também foram premiadas. Em 2000, recebeu o prêmio TV Press de melhor novela: com *O Cravo e a Rosa*; em 2001 o Prêmio Qualidade Brasil RJ de melhor novela com *A Padroeira*; em 2004 o Super Cap de Ouro com *Chocolate com Pimenta*; no ano de 2005 a novela *Alma Gêmea* recebeu os prêmios Poptevê de melhor novela, Troféu Leão Lobo de melhor novela, Troféu Leão Lobo de melhor autor e Prêmio Contigo de melhor autor; em 2009 o Prêmio Paulistanos do Ano da revista *Veja* com a novela *Caras & Bocas*.

Em literatura possui a menção de “Altamente Recomendável” da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil pela adaptação de *Os Miseráveis* de Victor Hugo e de *A Dama das Camélias*, de Alexandre Herculano. Segundo o site da Editora FTD, o autor recebeu, no Concurso Nacional e Internacional de Literatura da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro (UBE-RJ), o prêmio Martins Pena, sendo contemplado com o segundo lugar na categoria teatro, por sua adaptação literária para *A Megera Domada* de William Shakespeare. (Disponível em <http://www.ftd.com.br/Releases/d63> acessado em 10/01/2011)

Em 2001 foi eleito pela Federação Brasileira de Colunistas o cronista do ano pelos seus textos na revista *Veja São Paulo*. Foi curador da Bienal do Livro de São Paulo em 2010.

No ano de 2001, a sua adaptação de *Os Miseráveis* foi incluída no programa do MEC Literatura em minha casa. Em 2003, foi incluída a adaptação em peça teatral *O menino narigudo* baseado no livro *Cyrano de Bergerac* de Edmond Rostand. Em 2003, foi incluída também, a adaptação da peça teatral *Sonho de uma noite de verão* de William Shakespeare.

Sendo assim, ressaltamos a necessidade de se realizar um estudo aprimorado sobre a produção literária infantil e juvenil de Walcyr Carrasco, uma vez, que o autor não possui uma fortuna crítica na área de literatura, embora seja amplamente lido no Ensino Fundamental I e II. Dessa maneira, se faz necessário o reconhecimento dos artifícios utilizados na análise de narrativas literárias.

CAPÍTULO V – PRIMEIRAS PALAVRAS: RECONTANDO HISTÓRIAS

5.1 Recontando histórias

O autor Walcyr Carrasco possui vários textos dedicados à prosa infantil e juvenil, dos quais, alguns são contemplados neste trabalho. Para a elaboração deste estudo, embora tenhamos lido todos os seus textos, foi necessário selecionar os que seriam analisados. Dentre os seus livros, foram escolhidos os representantes das três fases de produção do autor: a inicial, a intermediária e a contemporânea com ênfase nos que abordam temas polêmicos. Primeiramente, apresentamos a fábula dos textos analisados, seguindo a ordem cronológica das narrativas infantis e posteriormente, das juvenis.

5.1.1 Quando meu irmãozinho nasceu

A obra inaugural do autor é *Quando meu irmãozinho nasceu*, publicada em 1979. A história é narrada pelo protagonista Pedrinho muito preocupado com a saúde de sua mãe, que repentinamente começa a se sentir mal. Mas ao saber da gravidez dela fica muito contente. Na escola, conversa com seus amigos que apresentam versões conflitantes sobre ter irmãos. Nesse trecho, são apresentadas diferentes estruturas familiares e fica evidente a naturalidade com que as personagens convivem com o fato de possuírem pais separados e meio-irmãos provenientes de outros casamentos de seus progenitores.

Durante um sarau na escola, Pedrinho fica nervoso e faz xixi na calça. Envergonhado decide nunca mais ir à escola e foge de casa. Durante a fuga, que durou apenas algumas horas, aproxima-se de uma senhora, a “véia Zefa” apelidada de bruxa pelos meninos, essa senhora cuida dele, alimenta-o e ensina-lhe o caminho de volta para sua casa. O irmão de Pedrinho nasce e a história termina com o protagonista segurando o bebê no colo pela primeira vez.

5.1.2 Irmão Negro

Em *Irmão Negro* (1995), o narrador homodiegético Leonardo (Leo) apresenta a história de seu primo Sérgio, que após a morte de sua mãe, é acolhido pela família de Leo.

Leonardo sempre quis ter um irmão, mas a mãe não podia ter mais filhos, sendo assim, o fato de Sérgio ir morar em sua casa era a concretização de seu sonho e, para ele e

seus pais, Sérgio ser negro não representava nenhum problema. No entanto, seus amigos passaram a evitá-lo e a proibi-lo de frequentar a piscina do prédio da Joyce, amiga de Leo, porque Sérgio iria acompanhá-lo.

O livro apresenta várias situações de discriminação racial, dentre as quais a mais dramática é a ocorrida em um shopping. Leo compra dois bonés idênticos, um para ele e o outro para Sérgio. Enquanto Leo vai comprar balas, o dono de outra loja desconfia que Sérgio havia roubado o boné. Inicia-se uma perseguição dentro do shopping, com os guardas chamando o menino de trombadinha. Ele fica preso até a chegada do pai de Leo, que é advogado, e consegue resolver o mal entendido. Neste trecho, fica evidente o fato de a cor da pele ser um agravante para o menino ser preso, pois Leo utilizava um boné igual ao dele e não foi detido.

Outra cena interessante no livro é o relato de Sérgio sobre a chacina presenciada quando estava morando nas ruas de Salvador e que originou o seu trauma de policiais e música alta. Neste trecho, algumas atitudes de Sérgio no decorrer da narrativa são compreendidas.

O livro evidencia o preconceito racial, nas palavras do próprio autor:

A situação das crianças de rua e o preconceito racial são problemas graves, que dependem de mais educação e melhor qualidade de vida para toda a população. Mas ninguém constrói uma casa sem o primeiro tijolo. Acredito que, com *Irmão negro*, todos nós podemos pensar sobre o problema. Para os leitores brancos, será a oportunidade de refletir sobre a realidade que nos cerca. Para os negros e mulatos, a oportunidade de encarar mais de frente o preconceito, e de descobrir novas formas de derrubá-lo. Resta também uma reflexão importante: o que é o povo brasileiro? Somos formados por todas as raças. Quem hoje demonstra uma atitude preconceituosa talvez tenha uma avó negra, um bisavô escravo.

Ao escrever *Irmão negro*, também quis lembrar que somos todos irmãos. E que o mundo será melhor quando tivermos todos uma relação fraternal. (CARRASCO, 1995, p. 72)

As situações descritas na narrativa são próprias do universo adolescente e o preconceito racial aparece, em alguns momentos de forma velada e, em outros, de forma declarada. As reflexões do narrador e suas atitudes instigam o leitor a refletir também sobre essas questões, possibilitando-lhe tornar-se cada vez mais crítico.

5.1.3 Meu primeiro beijo

No livro *Meu primeiro beijo* (1997b) ocorre uma narração autodiegética. A protagonista Clara, uma menina órfã de pai, vive as primeiras dúvidas e paixões da adolescência. Clara é filha de Cristina (Nina), uma ex-modelo, não conheceu o pai falecido quando ela era muito pequena. A menina se considera feia, principalmente quando começa a usar óculos.

Cristina é jovem e bonita, Clara tenta arrumar um marido para a mãe, pois, assim, encontraria também um pai. Ela se apaixona por Braz, um ex-pretendente da mãe, no entanto, na sua inocência de criança não percebe que o interesse dele é em conquistar Cristina. Com o intuito de se declarar a ele, a menina foge de casa, se esconde no caminhão que ela pensava ser de Braz, mas que, naquele dia, era dirigido por outro motorista. Cristina fica apavorada ao perceber a fuga de sua filha e com a ajuda de Braz consegue descobrir onde Clara está. O caminhão é interceptado na rodovia, a confusão é desfeita, Cristina e Braz tornam-se namorados.

No dia do casamento de sua mãe, Clara percebe-se apaixonada por Rosendo, um amigo da escola, e neste momento ocorre seu primeiro beijo. A menina apresenta um amadurecimento, pois passa a se sentir mais bonita após conhecer Pietra, namorada de seu tio Álvaro, que apesar de ter um nariz grande como o dela e usar óculos como Clara é uma modelo famosa na Itália.

5.1.4 O anjo linguarudo

O livro *O anjo linguarudo* (1999) possui um narrador autodiegético, Felipe, um menino que tem sua vida marcada por tragédias. Primeiramente, seus pais perdem o pouco que tinham em uma enchente, precisam abandonar, no meio da noite, a casa alugada e a quitanda da qual provinha o sustento da família. São alojados na quadra de esportes de um colégio. Neste ambiente nasce seu irmão Gabriel. O pai de Felipe se muda juntamente com a mulher e o filho bebê para São Paulo a fim de trabalhar como caseiro. O protagonista passa a viver com os avós, pois o patrão do pai não gosta de crianças e permitira que os novos caseiros levassem apenas o bebê. A nova vida é muito sofrida e pobre, o menino sente muita falta dos pais que voltam ao Paraná para buscar umas mudas de pinheiro e levam a avó, única pessoa que era carinhosa com Felipe, para trabalhar como cozinheira em São Paulo. Durante a viagem, ocorre um acidente no qual falecem o pai, a mãe, a avó e Gabriel.

A situação financeira de Felipe e seu avô é crítica e Samuel, antigo patrão dos pais do menino, decide adotá-lo. Ele viaja para São Paulo juntamente com seu avô, conhece a sua tia Noeli e passa a morar com Samuel. No novo ambiente, surgem novas personagens, as outras são raramente citadas. Felipe é matriculado em uma escola em tempo integral onde conhece Raquel, Ricardo, André e Geraldo. Para se vingar de Geraldo, que havia cortado um botão da sua roseira, Raquel e André decidiram colocar um bombom com pimenta na lancheira dele. Após a confusão, a orientadora do colégio interrogou as crianças. Felipe, com medo de decepcionar o tio Samuel, delatou os amigos que foram suspensos. Esse episódio gerou vários conflitos entre Felipe e os amigos e entre Felipe e Samuel. O menino pede ajuda à sua tia que decide mandá-lo de volta ao Paraná.

O menino faz de tudo para ser um “anjo” para Samuel, inclusive esconder que desde sua chegada ao apartamento é hostilizado pela empregada Joelma. Samuel conversa com Felipe e pede para que continue morando com ele. O menino volta à sua rotina, refaz a amizade com Raquel, Ricardo e André. Conhece novos amigos como Kátia, assume o seu passado e percebe que outras crianças têm histórias parecidas com a dele.

O amadurecimento de Felipe é percebido na passagem em que Raquel e André amarram um foguete no rabo do gato da vizinha e Felipe joga suco em cima do foguete atrapalhando os planos dos amigos que se afastam novamente dele. Passado algum tempo, os três retomam a amizade. Com essa atitude ele recebe o reconhecimento de Samuel, pois demonstrou não concordar com a atitude dos colegas não permitindo que eles maltratassem o gato e, ao mesmo tempo, não foi delator como havia sido no caso do bombom com pimenta.

5.1.5 O mistério da gruta

O livro *O mistério da gruta* (2002d) pertence à coleção “Deu no jornal”, da editora FTD que lançou como desafio para alguns autores escolher uma notícia de jornal e elaborar uma história ficcional a partir dela. Walcyr Carrasco se inspirou numa notícia de turismo para escrever esse livro.

A história é narrada sob pontos de vista diferentes: o dos humanos, principalmente de Júlio, e o da família de peixes, sendo entrecortado pela narração da história de vida de uma serpente. Júlio, um rapaz que sempre sonhou em desbravar uma gruta inexplorada de seu município, reúne um grupo de amigos para viver sua aventura.

No interior da gruta, vive uma família de peixes albinos que jamais viram a luz do sol ou a presença de outros seres que não fossem eles mesmos ou a temível serpente. A

chegada dos humanos liderados por Júlio ameaça a vida de todos. Para tentar resgatar essa harmonia, o peixe mais idoso, chamado de avô, pede ajuda à sábia serpente. Neste momento, há uma suspensão da narrativa, a serpente toma a voz do narrador e conta sua história, explicando como se tornou imortal.

Os amigos de Júlio se banham no lago e a gordura desprendida do corpo deles começa a intoxicar os peixes. O peixinho caçula consegue avisar aos humanos que estão sendo envenenados. Júlio pede para os colegas saírem imediatamente da água.

No dia seguinte, os humanos voltam para casa e a harmonia retorna ao lugar. Mas Júlio pretende retornar à gruta para poder estudá-la.

5.1.6 A ararinha do bico torto

A ararinha do bico torto (2010a) pertence à coleção *Todos Juntos*, publicada pela Editora Ática. Neste texto, a temática é a discriminação para com pessoas que possuem alguma deficiência.

A protagonista é uma ararinha que nasce com o bico torto e, por isso, não consegue se alimentar. Rejeitada pelos pais e pelos irmãos é empurrada do ninho, cai no chão e é encontrada por Mário, filho de Pedro. Eles decidem levar a ararinha para casa. Com a orientação de um veterinário, Mário alimentou Nina (a ararinha) com uma seringa até ela aprender a comer.

Nina, já adulta, demonstrava tristeza por viver isolada no apartamento e é levada para uma escola onde havia um viveiro. Ela sente medo novamente de ser rejeitada, contudo, passa a ser a atração do local, encontra um parceiro e se torna mãe de dois filhotes.

Este livro foi escrito baseado em fatos verídicos. Como o próprio autor afirma:

Fui cortar os cabelos. Mário meu cabeleireiro, que adora puxar conversa, falou de sua paixão: os pássaros. Ele já criou araras no apartamento onde vive com a mulher e os filhos. E quase foi expulso do prédio devido ao barulho que elas faziam. Atualmente, é sócio de uma escola que possui um viveiro grande e bonito.

Foi assim, durante essa conversa, que ouvi a história da arara de bico torto – sim ela existe de verdade e se chama mesmo Nina. Mário a alimentou pessoalmente com seringa e, mais tarde, com papinha de fubá e sementes de girassol. Quando ela se tornou independente, foi levada para o viveiro. E como eu contei, já criou seus filhotinhos. (CARRASCO, 2010a, p. 38)

Apesar de a protagonista ser um animal, a temática da discriminação física e intelectual apresentada de uma forma tão simples e direta, associada às ilustrações, que são

analisadas posteriormente, permitem ao leitor iniciante extrapolar os limites do texto e compará-lo com seu cotidiano.

5.1.7 Meus dois pais

O livro *Meus dois pais* (2010b) apresenta a história de Naldo, um menino de oito anos que vive o drama da separação dos pais. No entanto, esse não é o conflito maior de sua vida, pois a mãe precisa se mudar para outra cidade e ele vai morar com seu pai, mesmo a contragosto da mãe e da avó.

O menino leva uma vida normal, até o dia em que Fê, seu amigo da escola, disse não poder frequentar mais a sua casa, porque o pai de Naldo era homossexual. Naldo rejeita seu pai e Celso (o companheiro do pai) e decide ir morar com a avó. No dia de seu aniversário, depois de conversar com sua mãe, Naldo aceita a nova vida de seu pai e entrega a primeira fatia do bolo para Celso chamando-o de pai.

Esta história também é baseada em fatos verídicos:

Eu conheci dois homens como os que descrevo na história. Moram juntos há anos e são felizes. Um deles tem filhos, de um primeiro casamento com uma mulher. O outro não, mas trata os do companheiro como se fossem seus. Já adultos, casados, os filhos se tornaram muito unidos aos dois pais. E os netos chamam ambos de “vovô”! (CARRASCO, 2010b, p. 38)

A temática do homossexualismo constitui um assunto polêmico e delicado, principalmente, quando direcionado às crianças. No livro, a idade do protagonista não é expressa diretamente, mas as ações e as ilustrações sugerem ser uma criança. Em uma entrevista sobre o livro, o autor explica o fato de Naldo ser um menino de oito anos e do livro ter sido analisado por um psicólogo antes de ser impresso, para que as informações não fossem transmitidas de maneira equivocada ou preconceituosa. (Disponível em: <http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,MUL1594912-9798,00-WALCYR+CARRASCO+LANCA+OBRA+PIONEIRA+COM+TEMATICA+HOMOSSEXUAL+PARA+CRIANCAS.html>² Acessado em 12/01/2011)

² Site vinculado à Rede Globo que veicula informações sobre celebridades.

5.1.8 Pituxa, a vira-lata

O livro *Pituxa, a vira-lata* (2010c), da coleção *Todos Juntos*, tem como objetivo proporcionar ao leitor iniciante uma reflexão sobre temas polêmicos, como a discriminação social.

Neste texto, ocorre a história de Clara, uma menina rica que possui um casal de pastores-alemães: Ludovico e Sissi, mas que ignora a cachorra vira-lata Pituxa pertencente a um morador de rua do seu bairro. Após a morte de seu dono, Pituxa é acolhida pela mãe de Clara e passa a morar na mansão, mas é discriminada tanto pela menina quanto pelos seus cães, mesmo após ter criado oito cachorrinhos. Sissi também esperava seus filhotes, mas não resistiu ao parto e faleceu.

Pituxa era obrigada a viver na área de serviço, sendo constantemente agredida e humilhada tanto por Clara quanto por seus cães. Após a morte de Sissi, Pituxa foi ao canil e adotou os filhotes dos pastores-alemães. Essa ação possibilitou à menina Clara perceber o ato de solidariedade praticado por Pituxa, aprendendo, assim, a conviver com as diferenças.

5.1.9 A corrente da vida

No livro *A corrente da vida* (1993a), ocorre uma narração homodiegética. Raquel, uma adolescente, narra o que aconteceu com seu melhor amigo Nelson (Nel). O rapaz falta à escola por vários dias, mas ninguém sabe exatamente o motivo, por isso, Rachel e Marcelo decidem visitá-lo e ficam sabendo de sua pneumonia. Nel melhora, volta a frequentar o colégio, mas os amigos ficam sabendo que ele é portador do vírus da AIDS. Alguns alunos e algumas mães fazem uma manifestação pedindo o seu afastamento do colégio. No entanto, o corpo docente, liderados pelos professores Ismael, Antonio e Serena, organizam uma série de palestras sobre AIDS.

Nel fica doente novamente e precisa ingerir diariamente um medicamento muito caro. Como a família não possui condições financeiras para adquiri-lo, os alunos se reúnem para realizar um pedágio com o intuito de arrecadar recursos financeiros. A sua saúde torna-se cada vez mais debilitada, ele é internado e falece no hospital.

Marcelo e Raquel se reaproximam e ela fica sabendo da história de Marcelo que era filho da empregada e morava juntamente com a mãe num quartinho na área de serviço e, por isso, nunca convidava ninguém para visitá-lo. Os dois iniciam um namoro.

5.1.10 O caçador de palavras

A narrativa *O caçador de palavras* (1993b) ocorre em *ultimas res* e possui um narrador autodiegético. Júlio Malatesta, o protagonista, fica preso acidentalmente em um cinema, encontra um livro sobre a origem das palavras, começa a estudá-lo incessantemente, inclusive, durante o seu trabalho. É demitido, despejado do apartamento e sai sem rumo pelo mundo com apenas um desejo: incorporar a palavra *ife*, amor no dialeto iorubá, à língua portuguesa.

Pedro Cuatá, um famoso economista, concede-lhe uma carona, sofrem um acidente e Júlio Malatesta assume a identidade de Pedro. Participa de um congresso como impostor, conhece Nélia Fragoso com a qual passa um final de semana em Angra dos Reis rodeado de empresários. Quando está prestes a ser descoberto, rouba o anel nobre de um dos hóspedes e foge pelo mar. Simula um naufrágio, é resgatado e levado a um hotel pertencente à nobreza brasileira em Parati onde conhece Maria Isabel. Assume a identidade de um suposto nobre italiano de nome Julius Castellana. No entanto, sua falsidade ideológica é revelada durante o jantar de inauguração do museu que guardará as joias da coroa brasileira. Júlio, ajudado por Maria Isabel, rouba as joias e vai morar numa favela no Rio de Janeiro.

Sobrevive por algum tempo aplicando o golpe do bilhete premiado na rodoviária. Conhece Valdete, uma mulata da favela com quem mantém um relacionamento amoroso. Descobre que fora enganado por Maria Isabel, pois as joias eram falsas.

Decide participar de uma festa na qual a atriz americana Shirley Mac Britton é a convidada de honra. Ele consegue beijá-la, no entanto, enquanto estão dançando, ele é reconhecido e preso. Nessa mesma festa estão reunidas Nélia Fragoso, Maria Isabel e Valdete.

O protagonista escreve suas memórias da sua cela na prisão e relata ter, finalmente, difundido a palavra *ife*, que é repetida pelos presidiários e suas esposas.

5.1.11 Estrelas tortas

O livro *Estrelas tortas* (1997a) apresenta uma estrutura narrativa diferente dos outros livros de Walcyr Carrasco. Este texto está organizado em dez capítulos. Os narradores apresentam e reapresentam, em cada capítulo, a versão de uma personagem diferente sobre o acidente automobilístico que deixou a protagonista Marcella paraplégica e como está ocorrendo a sua recuperação.

Cada capítulo é intitulado com o nome da personagem que irá narrá-lo. Os capítulos um, cinco e dez são narrados por Gui, irmão de Marcella; o capítulo dois, por Mariana, sua amiga; o três, pelo ex-namorado Bira; o quatro por Aída, mãe de Marcella, que se sente culpada por estar dirigindo no momento do acidente; o capítulo seis é narrado por Emílio, novo namorado de Marcella; o sete por Bruno, o pai de Marcella; o oito por Gilda, a avó e o nove pela própria Marcella.

O texto apresenta as dificuldades enfrentadas pela família, pelos amigos e pela pessoa que fica paraplégica. Marcella era uma adolescente ágil, a melhor jogadora de vôlei do colégio, namorava Bira, um dos meninos mais populares do colégio. Durante uma viagem para visitar a avó, sofre um acidente tornando-se paraplégica. Ela precisa reaprender a viver e, para isso, necessita da ajuda de sua família e dos poucos amigos que lhe restam.

Volta a estudar, conhece Emílio, por quem se apaixona, passa a se dedicar mais à fisioterapia e apresenta melhoras, principalmente emocionais. O livro demonstra a importância da família e dos amigos na readaptação das pessoas que se tornam especiais.

5.1.12 Vida de droga

A princípio, poderíamos resumir o livro *Vida de droga* (2002e) em poucas linhas. Uma adolescente de classe média, desiludida pelo declínio financeiro de sua família procura consolo nas drogas. Ela se torna uma dependente, rouba, foge de casa, se prostitui, mas consegue se livrar do vício, e o livro é encerrado com um lindo final feliz: Dora procura reconstruir sua vida ao lado de Tigre, um ex-colega da escola pública. No entanto, não é somente isso o que ocorre. A maneira como o livro está estruturado permite, ao leitor adolescente, se identificar com as personagens, seja pela idade, pela classe social ou pelos sentimentos e desejos externados.

A protagonista Dora é uma adolescente de classe média que estuda em uma escola particular, muito preocupada com a sua aparência e com os bens materiais. Ela está muito contente, pois seu pai, um funcionário bancário, pretende construir uma casa num bairro luxuoso. Mas seus planos são alterados. Seu pai é despedido, demora para conseguir outro emprego, precisa vender o terreno. Seus pais se separam, ele vai trabalhar na Amazônia e a família muda-se para um apartamento minúsculo na periferia. Dora e seu irmão, André, passam a estudar num colégio público próximo ao prédio onde moram. No aniversário de sua nova amiga Emília, Dora conhece Guilherme, o Gui, seu futuro namorado que lhe apresenta a

maconha. Influenciada por Gui, faz amizade com Naldo e a sua turma da pesada. Passa a consumir cocaína, heroína e *crack* e começa a assaltar para manter seu vício.

Foge de casa após Gui ser baleado durante um assalto. Passa a viver com Elias em um cortiço, no qual reencontra sua amiga Magda, uma das meninas mais ricas de seu antigo colégio, enfrentando uma crise de dependência. Aprende a fazer as pedrinhas de *crack* com Elias. Mas ele é assassinado por traficantes do morro, pois não pagara sua dívida. Dora passa a comprar cocaína e a transformar em *crack* para vender, como ela e Magda consomem mais do que vendem precisam se prostituir. Reencontra Gui, que passara por uma clínica de recuperação, e voltam a namorar. É presa, levada à Unidade de Atendimento Inicial da FEBEM, sua mãe a reencontra e a interna para se desintoxicar.

Na clínica, Dora conhece Ed, acaba se envolvendo com ele e quando sai da clínica vai morar por uns tempos em Belém, juntamente com o pai e sua nova mulher, mas não se acostuma. Retorna para São Paulo, reencontra-se com Ed e volta a consumir drogas. Dora é surpreendida fumando *crack* e fere seu padrasto Paulo nas costas com uma tesoura. É expulsa de casa pela mãe. Sem ter onde morar, pois seu amigo Naldo sofreu uma overdose, foi viver na rua, novamente fazendo programas e dormindo em qualquer lugar. Reencontra Magda que continua muito dependente da droga e muito magra. Pede abrigo para Gui que mora com uma mulher mais velha. Depois de um tempo, Magda some e Dora briga com a esposa de Gui. Volta a viver na rua até decidir pedir ajuda para Clarice, mãe de Elias. É novamente internada, agora por iniciativa própria se recupera e, quando Naldo lhe oferece uma carreira de cocaína, ela recusa dando indícios de que está disposta a se recuperar. Reinicia a sua amizade com Tigre.

5.1.13 A palavra não dita

O livro *A palavra não dita* (2007) apresenta um tema polêmico: os filhos que desconhecem a identidade de seu pai biológico. Essa narrativa também possui um narrador autodiegético. Cibele narra a sua trajetória para descobrir quem é o seu pai biológico. Após a morte da mãe e dos avós, ela precisa enfrentar outra batalha, pois Danilo Vaz, seu pai, não a reconhece como filha.

Na reunião na qual recebe o cheque referente à sua pensão, Cibele, numa atitude desesperada, rasga-o e afirma que o mais importante para ela era ter um pai que a aceitasse e a amasse para quem pudesse finalmente dizer a palavra não dita: pai. Danilo percebe as

verdadeiras intenções de Cibele e corre atrás dela até a encontrar e levá-la para o hotel para conversarem e iniciarem um relacionamento como pai e filha.

No desfecho do livro, Danilo afirma que a palavra não dita não é a palavra pai, pois Cibele já a havia dito inúmeras vezes, esta palavra é, na verdade, filha, pois Cibele ainda não havia sido chamada de filha.

Pudemos perceber, neste percurso, que as obras selecionadas abordam temas próprios da sociedade contemporânea e as personagens principais, em sua maioria, são crianças e adolescentes promovendo uma relação de cumplicidade com o público ao qual a obra se destina justificando, assim, o seu estudo. No decorrer desse trabalho, analisamos todos os elementos constituintes desses textos literários com o intuito de mapear a produção literária do autor.

5.2 Análise dos livros

5.2.1 Personagens

Se, por muito tempo, a literatura infantil e juvenil apresentou personagens tipos e caricaturais, tal fato foi bastante mudado com as narrativas contemporâneas, nas quais se inclui o universo ficcional de Walcyr Carrasco. Nos seus textos, há uma predominância por personagens esféricas e com certo grau de complexidade. O *corpus* analisado é aquele destinado aos públicos infantil e juvenil. Sendo assim, o autor demonstra uma predileção por protagonistas crianças ou adolescentes - de acordo com a faixa etária à qual o texto se destina - que se transformam no decorrer da narrativa. Contudo, essas não são as únicas personagens que transitam em suas obras, há tanto os humanos quanto os antropomorfizados, podendo ocorrer seres do universo maravilhoso, como a Senhora das velas, no romance homônimo, os super-heróis, como na narrativa *Cadê o super-herói?* (2002b), e a suposta bruxa no texto *Quando meu irmãozinho nasceu* (1988). Nesse universo, o leitor depara-se com crianças, adolescentes, adultos, idosos e mendigos, cada qual com suas peculiaridades e sua originalidade a exigir do leitor, principalmente daquele em formação, um esforço para realizar uma leitura vertical e, sob esse aspecto, promover sua emancipação.

Com relação às personagens, há o questionamento: de onde elas surgem? Nos livros analisados, o autor explica o contexto da gênese da história e das personagens, como poderemos verificar nos três excertos a seguir, sendo o primeiro retirado de depoimento do

autor e os outros dois, de entrevistas cedidas, todos publicados no final de seus respectivos livros.

Tudo o que está narrado neste livro [*A corrente da vida*] é verdade, embora nada tenha acontecido dessa maneira. Como jornalista, ao longo dos anos, pude aprender muito sobre a doença e sobre o que acontece no decorrer dessa terrível enfermidade. Vi casos, entrevistei pessoas e me aproximei de entidades que ajudam os pacientes. Todo esse conhecimento, porém, se revelou pequeno quando passei a conviver, de perto com um amigo muito querido e doente. (CARRASCO, 1993a, p.80)

__ E de onde surgiu a ideia de escrever um romance entre uma vegetariana e um “carnívoro”? [*Balança coração*]

__ Eu me inspirei numa história real. Eu realmente conheci e convivi com um casal em que a moça era uma vegetariana e o rapaz adorava carne. E eles viveram algum tempo juntos, tentaram fazer a relação dar certo. Alguns anos depois, se separaram, mas por outras razões. (CARRASCO, 1997c, p.102)

__ Você se inspirou em pessoas reais para criar os personagens da história? [*Vida de droga*]

__ Sim, eu me inspirei em várias pessoas. Dora, por exemplo, é o resultado de muitas delas. Conheci gente que entrou na droga e não conseguiu sair. Gente que abandonou os sonhos para viver em função da droga. O filho adolescente de uma amiga morreu em um conflito de drogas. Ela só o reconheceu pela roupa, muito tempo depois. Foi baseado nele que construí o personagem Elias. (CARRASCO, 2002e, p.174)

Como notamos por suas falas, o autor se utiliza de pessoas reais como fonte de inspiração para compor suas personagens. Há uma recorrência, na obra de Walcyrr Carrasco, de personagens transpostas da realidade com relativa fidelidade a modelos provenientes da vivência do autor. Isto ocorreu também nos livros *A ararinha do bico torto* (2010a), *Meus dois pais* (2010b), *Quando meu irmãozinho nasceu* (1988), *Mordidas que podem ser beijos* (2002c), entre tantos outros. Se levarmos em consideração as informações disponibilizadas pelo autor no final de seus livros, em entrevistas e no livro autobiográfico, *Em busca de um sonho* (2006b), perceberemos que algumas personagens e algumas situações relatadas como sendo reais e vivenciadas pelo autor, também se repetem em várias de suas narrativas, tais como o fato de aos dez anos ter resolvido ser químico industrial:

Lá pelos dez anos resolvi ser químico industrial. A motivação era um brinquedo do bazar de mamãe, que lutei bravamente para ganhar. Uma caixa com um garoto de óculos, sorriso de orelha a orelha, cercados por tubos de ensaios. Chama-se “O pequeno químico.” (CARRASCO, 2006b, p. 23)

Essa atividade de cientista também é experimentada por Tomé no livro *Cadê o Super-herói* (2002c) que, em busca de uma fórmula para se tornar um super-herói, convence os pais a lhe comprarem um laboratório de brinquedo:

Finalmente, depois de semanas de luta, e promessas de que nunca mais ia exigir nada, nem presente de aniversário, ele ganhou o tal laboratório. Olhou encantado a caixa cheia de vidros com líquidos misteriosos e um livrinho de instruções. Lá estavam todos os segredos do mundo. Podia fazer o que queria, até bomba atômica! (CARRASCO, 2002c, p. 39-40)

Outra passagem presente nos dois livros (*Em busca de um sonho e Cadê o super-herói*) é a experiência de Walcyr, quando criança, e do menino Tomé em criarem aranhas e a decepção de ambos, tanto na realidade quanto na ficção, ao descobrirem que a aranha-mãe estava se alimentando de seus filhotes.

Certo dia, descobri o motivo. De olho na caixa, vi todas correndo sem parar pelas paredes, a mãe esticou uma das pernas. Agarrou uma filha. Engoliu. As outras correram assustadas, velozes sobre o plástico transparente. Foi um choque. A mãe devorava as filhas! (CARRASCO, 2006b, p. 48)

__ É isso mesmo. Você não botou as duas aranhas na caixa? Primeiro, uma comeu a outra. Agora, a mãe está comendo os filhotinhos. Se eles pudessem, comiam a mãe também. É a ordem natural das coisas – fez Celina, como se estivesse falando num programa de rádio. (CARRASCO, 2002b, p.48)

Como já afirmamos, o trabalho de construção das personagens em Walcyr Carrasco está permeado pela realidade, pela observação e pela imaginação do autor combinadas em graus diferentes dependendo da concepção do romance e de suas pretensões. Procuramos observar, na elaboração deste estudo, as informações disponibilizadas pelo próprio autor a respeito de seus textos. Temos consciência de que não será possível reproduzir todos os seus depoimentos sobre a construção de suas personagens, mas é relevante perceber que ele costuma elaborá-las tomando como ponto de partida alguém conhecido e com quem tenha convivido. Essa característica pode promover uma maior aproximação com o leitor, à medida que o assunto relatado é passível de ocorrer na realidade, podendo, assim, o leitor se ver retratado na obra literária.

Outra característica marcante nas narrativas de Carrasco é a caracterização, ou melhor, a falta de caracterização física e psicológica das personagens. Ele descreve apenas o estritamente necessário para a compreensão do texto e são descrições que ocorrem em vários

momentos da narrativa, fazendo com que o leitor junte as peças e constitua mentalmente a personagem utilizando as pistas deixadas pelo narrador ao longo do texto. Essa ausência de maiores detalhes físicos é recorrente nos seus textos tanto na descrição das protagonistas quanto das secundárias.

No livro *Pituxa, a vira-lata* (2010c), o narrador apresenta a personagem Alice pelo que ela possui, mas não esclarece a sua idade exata e quais são as suas características físicas, mas apresenta algumas pistas que sugerem que seja uma criança. A cachorra também é apresentada superficialmente: “a vira-lata preta de pelo curto estava sempre ao seu lado, protegendo o dono até quando ele dormia.” (CARRASCO, 2010c, p. 10) Outras informações sobre os cães são apresentadas pelo narrador para caracterizar o abismo existente entre o casal de pastores-alemães que são filhos e netos de campeões da raça e Pituxa, uma vira-lata que foi jogada na rua e adotada por um catador de papel. Essas assertivas são necessárias para apresentar ao leitor o abismo social que separa Pituxa dos outros cães e de Alice, reforçando, assim, a temática do livro: a discriminação social. A ênfase da narrativa recai sobre as ações das personagens e a falta de informações sobre a aparência física delas é superada pelas ilustrações que completam o sentido do texto, possibilitando ao leitor comparar a pobreza de Pituxa com a riqueza na qual vivem os pastores-alemães.

Contudo, a caracterização das personagens no livro *O mistério da gruta* (2002d) é um pouco mais detalhada. Como se trata de outro universo, o leitor precisa conhecer mais sobre as personagens para poder compreender a história. A seguir, podemos observar a descrição feita pelo narrador heterodiegético do ambiente e da família de peixes que habita a gruta:

Bem no fundo de uma caverna, havia um lago gigante. Lá, vivia uma família de peixes. Não conheciam sua origem. Para eles o mundo inteiro se restringia àquele lago profundo! Raramente a luz penetrava a escuridão da caverna. Entretanto, não estava totalmente estagnado. Um rio subterrâneo renovava parte de suas águas, continuamente. Vivendo sem luz, os peixes enxergavam muito pouco. Seus olhos haviam diminuído, eram apenas dois riscos entre as escamas. Só viam sombras. Em compensação tinham uma espécie de radar. Podiam perceber a aproximação das pedras. Ou qualquer movimento nas águas ou na caverna. Sabiam encontrar alimento. Sua dieta era composta por musgos nascidos na beira das pedras. Eram brancos, tão brancos como nunca se viu peixe algum.

Entre os peixes, corriam muitas lendas. O mais curioso era o caçula da família, um peixinho de guelras espetadas. (CARRASCO, 2002d, p. 9 - 10)

Nesse trecho, o narrador caracteriza o ambiente que é determinante para as características físicas das personagens. Ao descrever o peixe caçula como um “peixinho de

guelras espetadas” (CARRASCO, 2002d, p. 10) ele já antecipa ao leitor que essa personagem terá um comportamento ousado demonstrando a força da juventude em enfrentar os perigos para solucionar os problemas. Essa personagem enfrentará a serpente e, com sua astúcia, convencerá os humanos a saírem da água, pois estão prejudicando os peixes.

No livro *Irmão Negro* (1995), Carrasco apresenta a descrição física de Leo, um menino loiro de olhos azuis, que contrasta com a de Sérgio, seu primo: “quando eu pensava em meu irmão, nunca imaginava que ele fosse preto. Na minha cabeça, deveria ser mais ou menos parecido comigo, talvez até mesmo com olhos azuis iguais aos meus. Fiquei de boca aberta.” (CARRASCO, 1995, p. 14) Nesse trecho, percebe-se outra característica marcante desse autor, quando a personagem é branca ele não a caracteriza, no entanto, quando é negra ou pertencente a outra etnia, o autor apresenta as suas características físicas. Sendo assim, pode-se inferir que o autor expõe em seus textos uma falsa ideia de que a população brasileira seja composta de maioria branca e que, por isso, dispense a caracterização física de grande parte de suas personagens que pertencem à raça branca. Analisando dados do censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, percebemos que 91 milhões de habitantes se declararam como sendo brancos de um total de 190,75 milhões de habitantes (IBGE, 2010). Comprovando assim, que a maioria da população brasileira não é branca, como sugerem os textos analisados.

No livro *A palavra não dita* (2007), ocorre uma descrição mais detalhada das personagens. Contudo, essa descrição foge do padrão comum à literatura infantil e juvenil de Carrasco. O narrador faz comparações e apresenta ações com o intuito de caracterizar a personagem Cleo, que foge aos padrões de mãe amplamente utilizados em textos infantis e juvenis, e justificar o fato de Cibele não saber quem é seu pai biológico:

Ela sempre foi e veio na minha vida, sem pouso, sem paradeiro, como uma ave sem ninho. Eu amava tremendamente a minha mãe. Mas era uma desconhecida, com uma vida à parte, construídas em andanças pelo país. Todos a chamavam de Cléo, diminutivo de Cleonice. (...) Mamãe foi linda! Ainda mais quando jovem. Loira de olhos verdes, a boca rasgada. Para surpresa geral da família, dos amigos e do próprio noivo, de um dia pro outro rompeu o compromisso. Desmarcou o casamento sem motivo que alguém soubesse. Mudou de estilo de vida. Conheceu outra turma, começou a chegar tarde em casa. Muitas vezes nem vinha. Dava chá-de-sumiço, desaparecia por dias e até semanas. Meu avô fez ameaças; minha avó promessas na igreja, novenas para a filha tomar juízo. Que nada. Minha mãe abandonou o penteado certinho, as escovadas diárias, nunca mais foi em salão de beleza. Antes gostava de se embonecar. Na nova fase, pintava as unhas de preto ou escarlata, usava sandálias de couro e saias rodadas de cigana. (CARRASCO, 2007, p. 11 - 12)

No livro *Estrelas tortas* (1997a), a personagem Marcella é apresentada sob pontos de vista diferentes. Antes do acidente, ela era uma menina linda, protetora e a principal jogadora de vôlei do colégio, porém, após o acidente, condenada a viver em uma cadeira de rodas, torna-se depressiva e dependente da ajuda de seus familiares, inclusive de seu irmão caçula Gui de quem era protetora. Cada personagem descreve Marcella sob o seu ponto de vista e essas descrições são importantes para o leitor construir a imagem mental de Marcella, antes e após o acidente. Principalmente, se considerado que a narrativa ocorre *in media res* e é destinada ao leitor em formação que ainda não domina todos os artifícios necessários para a construção do sentido do texto.

Nos textos de Carrasco, como já afirmamos, há ênfase nas ações e não nas personagens. O que ocorre com elas poderia ocorrer com qualquer outra pessoa e, por isso, elas não são caracterizadas física e psicologicamente, pois, dessa forma, o texto pode manter o seu caráter de universalidade, e ao mesmo tempo, exigir do leitor uma maior entrega e participação na construção mental das personagens. Todavia, ao optar pela ausência de representação psicológica mais densa das personagens, os textos do autor deixam de explorar as peculiaridades da vivência humana. O leitor é privado de conhecimento mais amplo dos seres que vivem no universo diegético elaborado pelo autor, o que dificulta uma visada mais profunda sobre a existência humana fato que, no caso de literatura voltada para o público infantil e juvenil, pode deixar de prover a emancipação do jovem leitor.

Como o objetivo deste estudo não é apenas descrever as personagens, mas também analisar quem são e qual parcela da sociedade brasileira é representada nas narrativas de Walcyr Carrasco com base nos dados gerados pelo *Software Sphinx Survey 5.1* – versão *Léxica*, foi elaborada uma ficha de leitura para cada personagem e, como os livros possuem um número diferente de personagens, consideramos relevante apresentar a porcentagem que cada livro possui no *corpus* em questão:

Tabela 1 - Relação entre número das personagens e título do livro

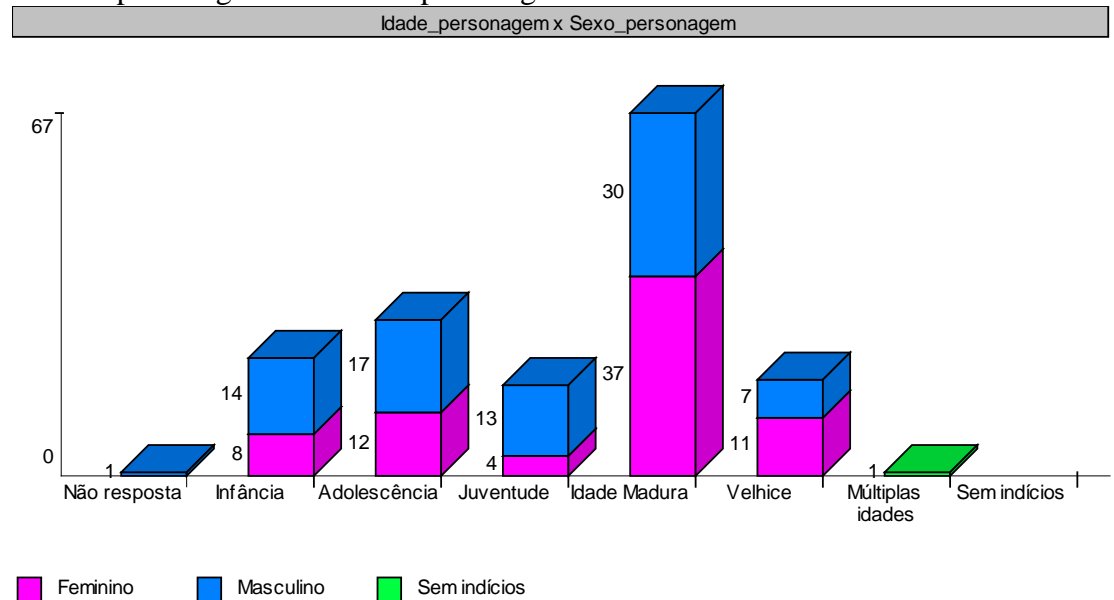
Meu primeiro beijo	19	12,5%
A corrente da vida	17	11,2%
Vida de droga	17	11,2%
O anjo linguarudo	15	9,9%
A palavra não dita	13	8,6%
Quando meu irmãozinho nasceu	13	8,6%
Irmão negro	12	7,9%
O mistério da gruta	10	6,6%

O caçador de palavras	9	5,9%
Estrelas tortas	8	5,3%
Meus dois pais	7	4,6%
Pituxa, a vira-lata	7	4,6%
A ararinha do bico torto	5	3,3%
TOTAL	152	100,0%

Fonte: Pesquisa Personagens em Walcyr Carrasco – SoftwareSphinx 5.1 versão Léxica

Iniciaremos a nossa análise dos dados quantitativos pela comparação entre a idade e o sexo das personagens como demonstra o gráfico 1:

Gráfico 1: Idade da personagem X Sexo da personagem



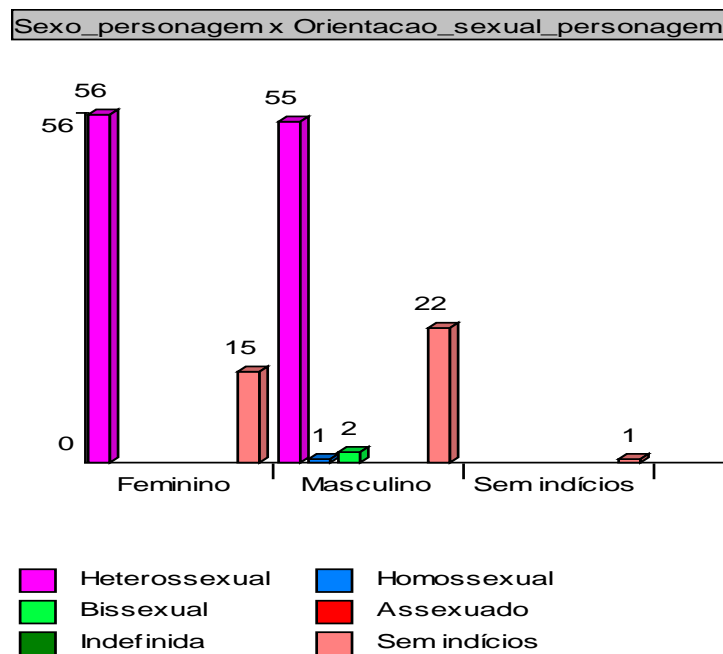
Fonte: Pesquisa Personagens em Walcyr Carrasco – SoftwareSphinx 5.1 versão Léxica

Podemos perceber que há predominância de personagens masculinas. Sendo assim, afirmamos que o universo diegético de Walcyr Carrasco representa com mais intensidade o masculino com predominância da idade adulta. Sobretudo nas fases adolescência e juventude, notadamente nesta última, o gênero masculino se encontra muito mais representado do que o feminino (4 personagens femininas x 13 masculinas). No entanto, quando comparamos a orientação sexual dessas personagens, como exemplifica o próximo gráfico, percebemos que entre as do sexo feminino não há homossexuais nem bissexuais. Essa orientação sexual ocorre apenas entre as do sexo masculino. Nos livros analisados, há apenas um homossexual e dois bissexuais, sendo um deles um jovem que faz programas para

sustentar o seu vício com as drogas e o outro um pai de família que se descobre como homossexual e se separa da esposa para viver com outro homem.

Atualmente, há uma grande discussão na mídia sobre a homofobia, a aversão à homoafetividade. O que se observa com relação à orientação sexual das personagens em Walcyr Carrasco é que as minorias homossexuais marginalizadas na sociedade também se configura como minoria nos textos analisados. No entanto, o fato de estarem inseridas nessas narrativas, configura certo avanço, pois essa temática passa a ser apresentada a crianças como no caso do livro *Meus dois pais* (2010b). Assim, nota-se que as narrativas do autor, embora não de modo enfático, procuram englobar diferentes orientações sexuais para suas personagens.

Gráfico 2: Sexo da personagem X Orientação sexual da personagem

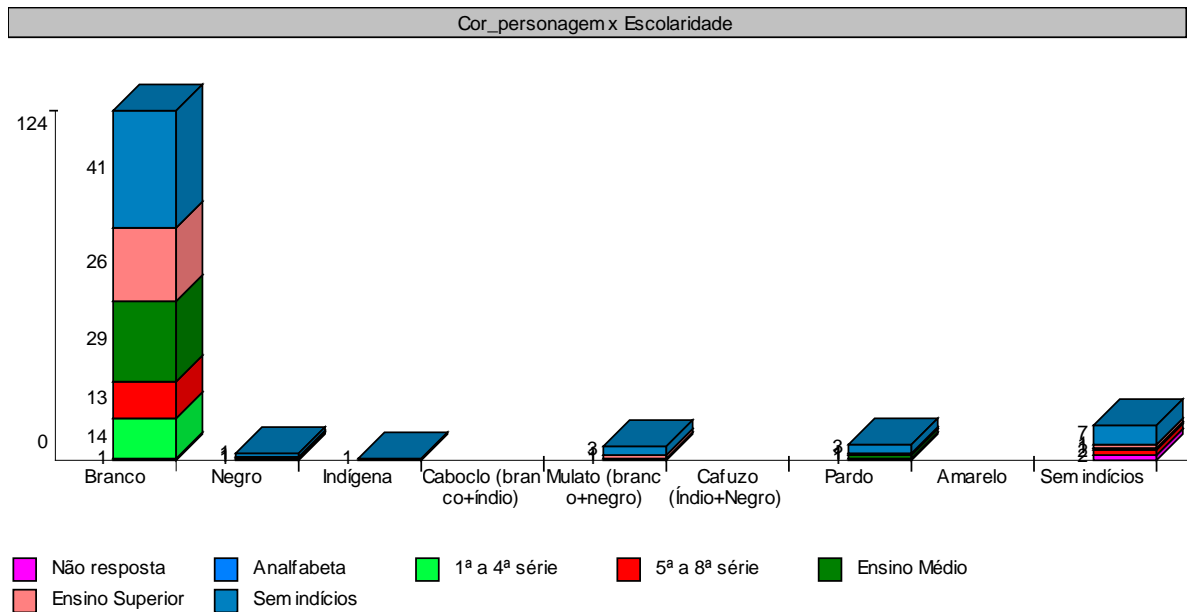


Fonte: Pesquisa Personagens em Walcyr Carrasco – SoftwareSphinx 5.1 versão Léxica

Outro fator analisado foi a relação entre a cor da personagem e o seu grau de escolaridade. Percebemos, como exemplifica o gráfico a seguir, que entre os brancos há todos os graus de escolaridade enquanto entre os negros, indígenas, mulatos e pardos há a predominância do analfabetismo ou o grau de escolaridade não é relatado, em alguns textos, é possível inferir a escolaridade das personagens pela profissão que exercem. Parece-nos, portanto, que, embora procure tratar de temas polêmicos, o autor não faz uma representação diferente dos estereótipos sociais existentes para negros, indígenas, mulatos e pardos: ainda

prevalece, em seus textos, a ideia de que tais etnias vivenciam, indiscriminadamente, a pobreza cultural em função de sua baixa escolaridade. Tal ideia é corroborada quando se nota que aos brancos dá-se um tratamento diferenciado quando são apresentados vários níveis de escolaridade vivenciados por diferentes personagens, fazendo supor a existência de uma sociedade na qual os brancos seriam maioria e que, por isso, frequentariam todos os graus de escolaridade, como se nota no gráfico a seguir:

Gráfico 3: Cor da personagem X Grau de escolaridade



Fonte: Pesquisa Personagens em Walcyr Carrasco – Software *Sphinx 5.1* versão Léxica

Na tabela 2 são apresentadas as diversas ocupações das personagens. Podemos perceber que há predominância de estudantes, fato que deriva da quantidade de crianças e adolescentes que povoam as narrativas analisadas. Contudo, vários setores da sociedade são retratados desde os de maior prestígio como advogados, economistas, professor universitário e promotor de justiça; os da área artística como atores e músicos; os menos valorizados como vendedores ambulantes, donas de casa, empregadas domésticas; assim como os traficantes e contraventores. Percebemos que os vários setores da sociedade são retratados pelo autor, promovendo assim uma maior aproximação entre as personagens e os leitores que podem ver sua realidade retratada nos textos que leem:

Tabela 2 – Ocupações das personagens

Estudante	48	33,1%
Sem indícios	22	15,5%
Aventureiro	5	3,5%
Advogado	3	2,1%
Aposentada	3	2,1%
Empregada doméstica	3	2,1%
Professor	3	2,1%
Agricultor	2	1,4%
Cozinheira	2	1,4%
Dona de casa	4	1,8%
Economista	2	1,4%
Professora	2	1,4%
Agente de Danilo	1	0,7%
Andarilha	1	0,7%
Ator	1	0,7%
Atriz americana	1	0,7%
Bancário	1	0,7%
Caminhoneiro	1	0,7%
Catador de lixo	1	0,7%
Contador	1	0,7%
Diretor	1	0,7%
Dona de casa/ Enfermeira	1	0,7%
Dono da banca de revistas	1	0,7%
Empresária e empregada doméstica	1	0,7%
Empresário	1	0,7%
Empresário e caseiro	1	0,7%
Estudante e garoto de programa	1	0,7%
Estudante e jogador de basquete	1	0,7%
Estudante/aprendiz de mecânico	1	0,7%
Ex-modelo Relações Públicas de uma empresa aérea	1	0,7%
Fotógrafo de animais selvagens	1	0,7%
Freira	1	0,7%

Funcionária pública	1	0,7%
Funcionário de escritório e estelionatário	1	0,7%
Funcionário de fábrica	1	0,7%
Gerente de vendas	1	0,7%
Guia Turístico e estudante	1	0,7%
Hippie	1	0,7%
Malandro	1	0,7%
Modelo	1	0,7%
Músico aposentado	1	0,7%
Músico e agricultor	1	0,7%
Orientadora da escola	1	0,7%
Orientadora do colégio	1	0,7%
Ourives	1	0,7%
Princesa e empresária	1	0,7%
Professor universitário	1	0,7%
Promotor	1	0,7%
Recepcionista do Plano de Saúde	1	0,7%
Sem trabalho fixo	1	0,7%
Sem indícios	1	0,7%
Trabalha em um escritório	1	0,7%
Traficante	1	0,7%
Vendedora ambulante	1	0,7%
Vendedora autônoma	1	0,7%
Vendedora de cosméticos	1	0,7%
TOTAL	142	100,0%

Fonte: Pesquisa Personagens em Walcyr Carrasco – SoftwareSphinx 5.1 versão Léxica

Como se nota pelo rol de profissões atribuídas às personagens dos textos em análise, há uma gama variada de profissões que caracterizam o mundo contemporâneo – vendedores, recepcionistas, advogados, economistas, guias turísticos etc., o que evidencia a tentativa do autor de retratar as várias esferas sociais, fazendo alargar os pontos de identificação de seus leitores com o universo retratado em seus textos.

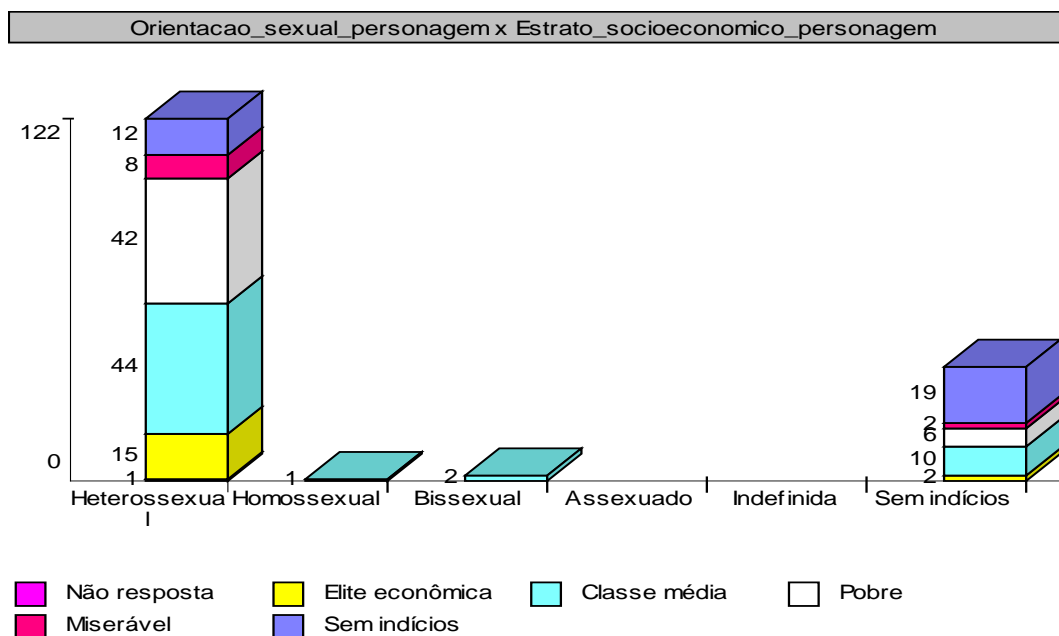
Verificando-se os dados apresentados na tabela, observa-se que as ocupações femininas normalmente têm como trabalho atividades que não exigem um grau de

escolaridade elevado. As profissões citadas como ocupação de personagens femininas são: dona de casa (4), empregada doméstica (3), cozinheira (2), professora (2), andarilha (1), ex-modelo (1), atriz (1), vendedoras (3), orientadora de escola (2).

É interessante pensar acerca das profissões apresentadas como profissões dessas personagens femininas. Das que exigem uma formação escolar maior, duas são professoras e duas orientadoras de escola. Esta configuração das ocupações femininas demonstra, ainda, o estigma de que o papel da mulher ainda se liga prioritariamente à educação dos filhos (donas de casa) e das crianças em geral (orientadoras). Além disso, prevalece a ideia de que o lugar privilegiado para a vivência feminina é o lar. Tais aspectos estão em desencontro com a realidade brasileira, que apresenta um grande número de mulheres não apenas colaborando com o sustento doméstico, mas, muitas vezes, sendo as responsáveis por tal função. Os dados também são dissonantes em relação a pesquisas nacionais que demonstram não só a presença maciça das mulheres no mercado de trabalho, mas a grande maioria de mulheres com maior grau de escolaridade do que homens.

Outro aspecto a ser observado diz respeito à orientação sexual das personagens e seu estrato socioeconômico. O que se evidencia é que, quando representados, homossexuais e bissexuais pertencem à classe média ao passo que os heterossexuais aparecem em todas as classes sociais, como se nota no gráfico a seguir:

Gráfico 4: Orientação sexual da personagem X Estrato socioeconômico da personagem

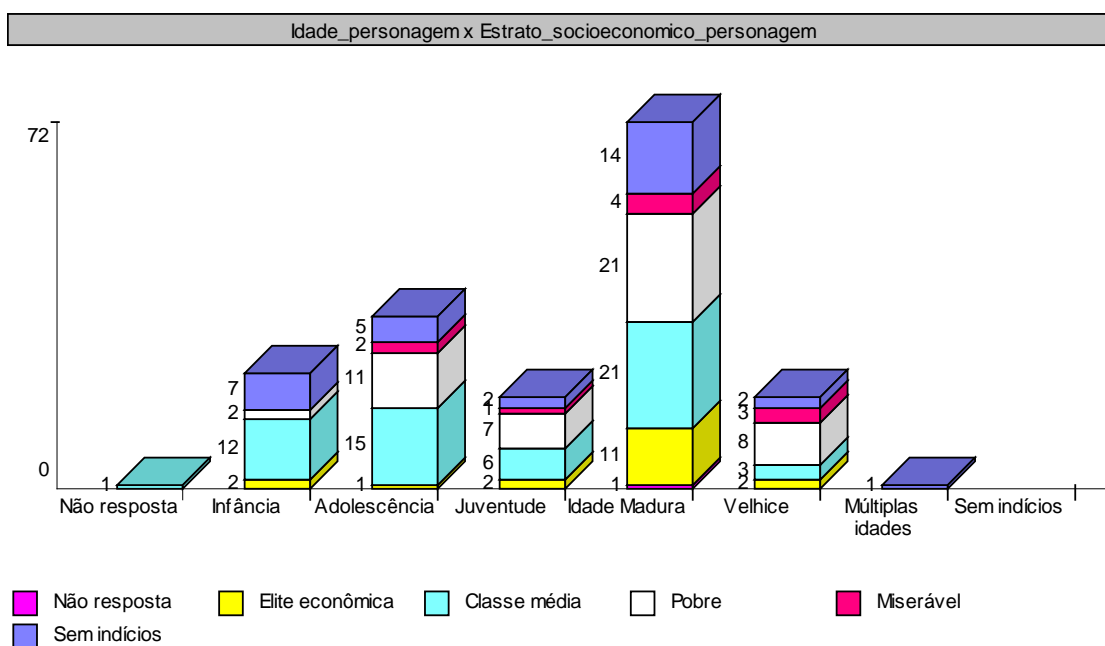


Fonte: Pesquisa Personagens em Walcyr Carrasco – SoftwareSphinx 5.1 versão Léxica

Ao verificarmos a relação entre a idade da personagem e o estrato socioeconômico, concluímos que a prevalência da classe média ocorre no grupo das personagens adolescentes e das crianças enquanto entre os adultos há uma igualdade entre as classes média e pobre. No entanto, entre os jovens e os idosos, o que prevalece é a classe pobre. Algumas personagens transitam entre as classes sociais, sendo pobres na infância, progredem para a classe média e retornam para a pobreza. Esse dado demonstra a instabilidade econômica brasileira que proporciona a ascensão social, mas não assegura a sua permanência. Entretanto, embora haja a tentativa de retratar várias classes sociais, há um predomínio de personagens de classe média e de pobres, como se nota pelo destaque das cores branca e amarela, no gráfico a seguir. Assim, podemos concluir que o universo ficcional de Walcyr Carrasco é pobre e médio. Esse dado pode explicar a boa aceitação de suas narrativas pelos leitores infantis e juvenis que se identificam com o mundo narrado pelo autor.

Contudo, analisando o gráfico a seguir, percebemos que as personagens adultas prevalecem em todos os textos analisados. Das 152 personagens do *corpus*, 72 são adultas e 18 idosas, perfazendo um total de 90 personagens. Concluímos, por meio desses dados que, embora as narrativas sejam destinadas aos públicos infantil e juvenil e que possuam protagonistas nessas faixas etárias o universo retratado é o do adulto.

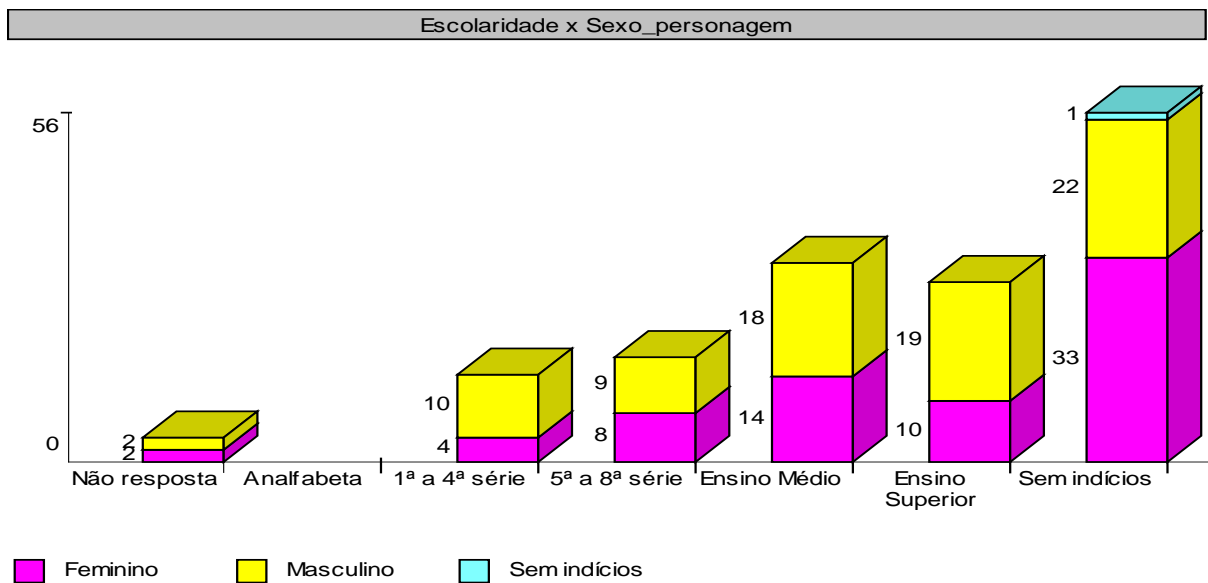
(Gráfico 5: Idade da personagem X Estrato socioeconômico da personagem)



Fonte: Pesquisa Personagens em Walcyr Carrasco – SoftwareSphinx 5.1 versão Léxica

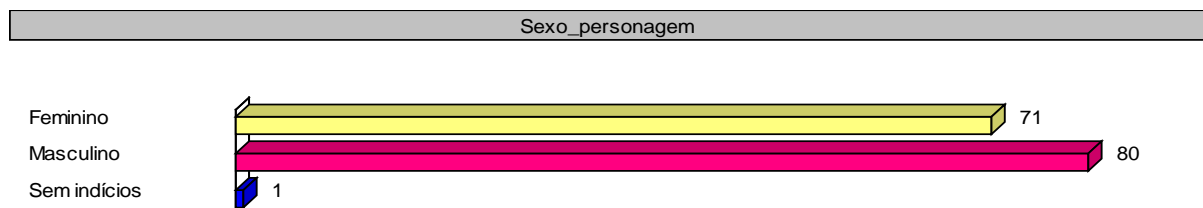
Ao analisarmos os dados relativos à escolaridade e ao sexo das personagens percebemos que há uma prevalência de um grau de escolaridade maior para os homens que se encontram em maior número na trama. O nível de escolaridade da maior parte dos personagens é o médio, seguido pelo Ensino Superior. Como demonstram os dois gráficos a seguir.

Gráfico 6: Escolaridade da personagem X Sexo da personagem



Fonte: Pesquisa Personagens em Walcyr Carrasco – SoftwareSphinx 5.1 versão Léxica

Gráfico 7: Sexo da personagem

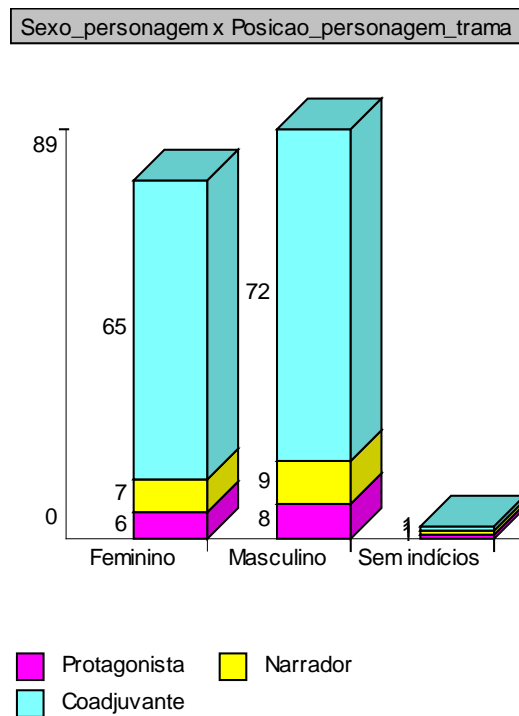


Fonte: Pesquisa Personagens em Walcyr Carrasco – SoftwareSphinx 5.1 versão Léxica

Os gráficos evidenciam que o universo ficcional em análise privilegia as personagens masculinas ofertando aos leitores um retrato maior do masculino do que do feminino e, ainda, repete os estereótipos sociais preconceituosos ao apresentar a ideia de que homens possuem um grau de escolaridade superior ao das mulheres, contrariando as estatísticas atuais, segundo as quais, as mulheres permanecem mais na escola do que os

homens e atingem maior grau de escolarização³. Também em relação à posição das personagens na trama, percebemos a prevalência do universo masculino, pois os homens desempenham papéis protagonistas em número bem maior do que as mulheres, fazendo crer que o universo representado em Walcyr Carrasco tende a uma abordagem mais masculina do que feminina de mundo, tal como exemplifica o próximo gráfico, contrariando, novamente, as estatísticas oficiais que apresentam um número superior de mulheres na sociedade brasileira⁴.

Gráfico 8: Sexo da personagem X Posição da personagem na trama



Fonte: Pesquisa Personagens em Walcyr Carrasco – SoftwareSphinx 5.1 versão Léxica

³ Segundo dados do IBGE com relação ao grau de escolaridade de homens e mulheres, enquanto 61,2% das trabalhadoras tinham 11 anos ou mais de estudo, ou seja, pelo menos o ensino médio completo, para os homens este percentual era de 53,2%. A parcela de mulheres ocupadas com nível superior completo era de 19,6%, também superior ao dos homens (14,2%). Por outro lado, nos grupos de menor escolaridade, a participação dos homens era superior a das mulheres. (Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1567&id_pagina=1. Acessado em 19/02/2011)

⁴ Os resultados mostram que existem 95,9 homens para cada 100 mulheres, ou seja existem mais 3,9 milhões de mulheres a mais que homens no Brasil. Em 2000, para cada 100 mulheres, havia 96,9 homens. A população brasileira é composta por 97.342.162 mulheres e 93.390.532 homens. (Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1766 Acessado em: 16/05/2011)

Com essa análise quali-quantitativa, demonstramos que as personagens presentes nas narrativas analisadas representam algumas camadas da sociedade brasileira, com ênfase ao universo da classe média e pobre, com prevalência da representação do universo masculino em detrimento do feminino, já que a maioria das personagens bem como das protagonistas desse *corpus* são homens. Com relação à diversidade étnica, podemos observar a representação também de negros, mulatos, índios e outros, muito embora esta representação seja tímida, pois o universo branco é também bastante hegemônico. Quanto à orientação sexual, percebemos nas narrativas a tentativa de abordar orientações diferentes, já que aparecem homossexuais e bissexuais. Tal fato pode ser interpretado como uma tentativa do autor de trabalhar ou tentar representar em seus textos a diversidade social e sexual tão evidenciada pelos discursos identitários.

Embora a classe dominante seja a média outras classes sociais são retratadas, principalmente a pobre. Sendo assim, ao ler os textos produzidos por Walcyr Carrasco, o leitor terá contato com a pluralidade social, cultural e étnica tal qual a realidade brasileira, embora haja em seus textos uma representação muitas vezes não condizente com as nuances sociais com as quais essas diferenças apareçam, de fato, em nossa realidade, tal como se notou com relação à representação de gênero e de escolaridade das personagens.

Finalmente, pode-se também afirmar que as personagens criadas pelo autor no conjunto de textos estudados apresentam pequeno grau de densidade psicológica, uma vez que o autor se preocupa em fazer retratos rápidos das mesmas, sem que haja um trabalho maior na elaboração psicológica e social delas o que contribui para que seus textos sejam lidos com maior ênfase para plano fabular, o da história em si, do que pelos movimentos internos de suas personagens – meras actantes.

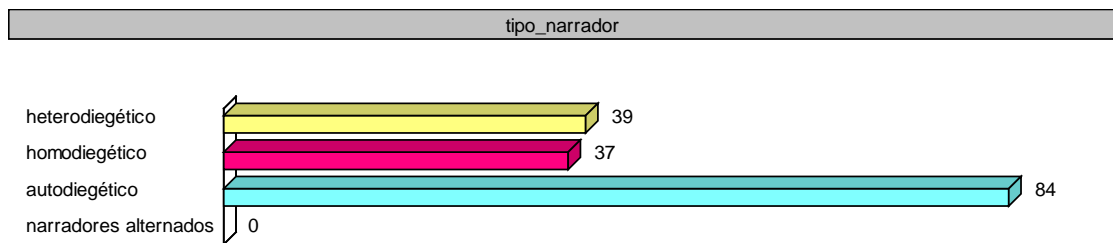
5.2.2 O narrador e a focalização em Walcyr Carrasco

Na construção do texto, o autor real ou empírico elabora um autor textual ao qual denominamos de *narrador*. Ao contar a história, o narrador a destina a um leitor implícito, alguém que comunga dos mesmos conhecimentos de mundo e que pode compreender histórica, cultural e socialmente o que está sendo relatado. Esse leitor denomina-se *narratário*. Neste trabalho, analisaremos o narrador dos livros que compõem o *corpus* desta pesquisa, os textos de Walcyr Carrasco, e que pressupõem um narratário (leitor implícito) do nosso contexto histórico.

Com relação à função narrativa, podemos afirmar que os narradores dos textos de Walcyr Carrasco pressupõem um leitor contemporâneo adaptado à velocidade e à tecnologia do mundo atual. Os textos são relatados com objetividade, há poucas descrições de espaço e de personagens. Assim como o narrador possui nomenclaturas de acordo com suas características, a focalização também possui denominações técnicas, como foi explicitado no segundo capítulo.

Ao analisar a posição do narrador nos textos de Walcyr Carrasco, percebemos que ele utiliza narradores heterodiegéticos, homodiegéticos e autodiegéticos, como comprova o gráfico abaixo:

Gráfico 9: Tipo de narrador



Fonte: Pesquisa Personagens em Walcyr Carrasco – SoftwareSphinx 5.1 versão Léxica

Nesse gráfico, podemos observar que 84 das 152 personagens analisadas são provenientes de narrações autodiegéticas. Faremos uma análise qualitativa sobre essas narrativas para depois verificarmos quantitativamente as variáveis acerca do narrador nos textos de Walcyr Carrasco. Das narrativas selecionadas para serem analisadas neste estudo, podemos observar que três possuem um narrador heterodiegético, três homodiegéticos e sete autodiegéticos como demonstrado no quadro explicativo 6:

Quadro explicativo 6: O narrador nos textos de Walcyr Carrasco

Livros	Narrador heterodiegético	Narrador homodiegético	Narrador autodiegético
1. Quando meu irmãozinho nasceu			X
2. Pituxa, a vira-lata	X		
3. A ararinha do bico torto	X		
4. Meus dois pais			X
5. O mistério da gruta	X		
6. Irmão Negro		X	
7. O anjo linguarudo			X
8. Meu primeiro beijo			X

9. A palavra não dita			X
10. Estrelas tortas		X	
11 A corrente da vida		X	
12. O caçador de palavras			X
13. Vida de droga	X		

Fonte: Produção literária infantil e juvenil de Walcyr Carrasco: uma análise da construção narrativa e da representação de grupos sociais (1979 – 2010)

Quem determina a relação temporal entre história e narração é o narrador. Portanto, a posição ocupada por ele na narrativa é de fundamental importância para a compreensão do texto. Na narração heterodiegética, há um narrador que não participa da ação, embora detenha a voz da narrativa. Esse formato de narração ocorre nas obras: *A ararinha do bico torto* (2010a), *Meus dois pais* (2010b), *Pituxa, a vira-lata* (2010c) e *Vida de droga* (2002e).

Pela linguagem utilizada nesses textos e pela forma como estão organizados, percebemos que o narrador é um adulto e o narratário é uma criança, principalmente pela utilização de expressões próprias do mundo do conto de fadas, como ocorre em *Pituxa, a vira-lata* (2010c): “*certa vez, quando Alice e a mãe se aproximaram da banca notaram que o catador não estava embaixo da marquise.*” (CARRASCO, 2010c, p. 17 grifou-se). O narrador, dos textos de Carrasco, pressupõe como narratário uma pessoa dos séculos XX e XXI, pois aborda elementos tecnológicos presentes em nosso cotidiano, como celular e laptop.

Outra característica recorrente nos textos de Carrasco é a preocupação em tornar o texto literário útil para ser trabalhado em sala de aula. Fato que está presente em várias de suas obras como em *O mistério da gruta* (2002d), texto que poderia ser utilizado para se explicar conteúdos históricos, filosóficos e referentes à preservação do meio ambiente. No caso deste livro, o literário é, por inúmeras vezes, substituído pelo aspecto informativo. Tal fato é evidenciado na passagem a seguir, na qual o narrador intruso relata, em meio à narrativa da serpente, como ocorrem as inundações nas margens do rio Nilo e a sua importância para a civilização egípcia:

A vida de vocês não é nada diante da imensidão do tempo. Vivia perto de um rio, conhecido como Nilo. Se não fosse o rio, ninguém poderia viver naquela região. Pois em torno só existiam as areias do deserto. *As águas do Nilo sobem em certa época do ano. Inundam tudo ao redor. Quando se retiram, deixam húmus na terra. Essa terra se torna muito fértil!* Um grupo de humanos começou a cultivá-la. Graças à riqueza que produziam, construíram um grande império chamado Egito. (...) (CARRASCO, 2002d, p.23-4 grifou-se)

A narração homodiegética ocorre quando há uma personagem que narra os fatos, mas não é a protagonista. Esse narrador foi utilizado por Walcyr Carrasco nos textos *Irmão Negro* (1995), *Estrelas tortas* (1997a), e *A corrente da vida* (1993a).

O narrador apresenta ao leitor os fatos sob o seu ponto de vista, pois o leitor empírico só toma conhecimento dos fatos narrados por determinada personagem. Esse fator é evidenciado na narrativa *Irmão Negro* (1995) na qual até mesmo quando Sérgio relata a sua história, ela é apresentada ao leitor pela voz de Leo que filtra os acontecimentos para, posteriormente, narrá-los sob sua ótica como ele mesmo afirma: “é claro que contei a história de Sérgio com minhas próprias palavras. Só agora posso fazer isso. Ao ouvir tudo, fiquei tão chocado que nós nos abraçamos por horas, sem falar”. (CARRASCO, 1995, p.59). Nesse trecho, o narrador especifica a existência de uma distância entre os fatos acontecidos e o discurso narrativo, porém não explicita quanto tempo se passou entre os dois momentos como ocorre também em outras narrativas. Por meio desse trecho, é possível afirmar que o narrador dessa obra é um adolescente tal qual o público ao qual ela se destina. O autor utiliza um narrador com a mesma faixa etária do narratário.

O livro *Estrelas tortas* (1997a), como foi afirmado anteriormente, apresenta uma narração incomum no universo dos livros juvenis de Walcyr Carrasco, pois é uma narrativa repetitiva, organizada *in média res* e narrada por oito narradores diferentes, sendo um deles autodiegético e os outros homodiegéticos. Nessa obra, a narração está dividida em capítulos, cada um é narrado por uma personagem diferente, - com exceção dos capítulos 1, 5 e 10 que são narrados por Gui, irmão de Marcella - mas apesar disso, são interligados e se completam, pois alguns fatos são relatados mais de uma vez.

Por meio da leitura dos dois primeiros capítulos, o leitor empírico pode observar o mesmo fato, o início da amizade entre Mariana e Marcella, sob perspectivas diferentes, mas essas não são as únicas, pois no nono capítulo quando Marcella assume o papel de narradora, ela relata esse fato sob o seu ponto de vista. Dessa forma, podemos perceber que o mesmo acontecimento é narrado três vezes pelas três pessoas envolvidas de maneiras parecidas, mas não idênticas como podemos verificar nos trechos a seguir, que são respectivamente narrados por Gui, Mariana e Marcella:

__ Por que foi acontecer uma coisa dessas justo comigo? Por que eu não morri? Por que não morri, Mariana?

Começou a chorar, um choro tão sentido que era de cortar o coração. Mariana sentou-se de novo na cama e abraçou Marcella. E chorou, chorou também.

Foi nesse dia que se tornaram grandes amigas. (CARRASCO, 1997a, p.19)

— Por que não morro? – ela gritava.

Vi o rosto apavorado de Gui nos observando. Nenhuma palavra poderia descrever o que percebi naquele momento. Era dor, dor e dor. Todos sofriam naquela casa, e, de repente, eu estava ali, de pé, e seria vergonhoso bancar a ofendida e sair correndo para nunca mais voltar. Marcella estava sofrendo tanto que nenhuma palavra aplacaria a dor. A mágoa que suas palavras causavam não era nada, perto de toda aquela tragédia. De repente, quando ainda estava gritando, Marcella começou a chorar. Um calor subiu no meu peito. As lágrimas saltaram dos meus olhos. Chorei também.

Quando vi estávamos abraçadas, e tudo o que acontecera de feio e ruim entre nós duas realmente não fazia sentido. (...) (CARRASCO, 1997a, p.25-6)

Então, primeiro, surgiu a Mariana. Antes do acidente, achava que ela era uma gorda chata, sempre com um livro debaixo do braço. Quando fiquei na cama, ela começou a me trazer livros, e eu pensei: “Só vai ocupar espaço!” Ela trazia e eu fingia que lia. Afinal, era a única amiga que ia lá e, mesmo que fosse um pouco chata, às vezes falava coisas interessantes. (CARRASCO, 1997a, p.85)

Essa narrativa é muito interessante para ser lida por adolescentes, pois apresenta vários pontos de vista sobre o mesmo fato e possibilita a reflexão sobre a relatividade da verdade. Ao ser construído pela voz de diversos narradores, o texto parece querer demonstrar que não existem verdades absolutas, mas sim verdades relativas e que ter pontos de vista diferentes sobre o mesmo assunto não quer dizer que um deles seja o correto e os outros estejam errados.

Na narração autodiegética, o narrador não é apenas uma personagem, mas a protagonista que relata os fatos por ela vivenciados. Dentre os livros selecionados, seis possuem narradores autodiegéticos, o que configura a maioria dos textos em análise. Nesses textos, predomina a escolha de um narrador mirim promovendo uma maior interação com o leitor em formação que pode perceber na protagonista a projeção de seus medos e anseios.

O fato de o autor escolher como narrador uma criança, principalmente no caso de livros que tratam de temáticas polêmicas, como em *Meus dois pais* (2010b), promove não só a aproximação entre leitor e texto, mas também propicia uma cumplicidade entre ambos. O leitor pode se deparar com os medos e o preconceito de Naldo a respeito da opção sexual de seu pai. As reflexões do menino não são muito diferentes das da maioria das pessoas. Ele se sente excluído por ter um pai homossexual, mas a sua aceitação, no final do texto, demonstra um amadurecimento da personagem e supõe-se que o leitor também deva amadurecer e deixar de ser preconceituoso após ler o livro. Essa intenção está presente no texto e é reforçada pelo

autor como podemos verificar em um trecho da entrevista concedida à Eliane Santos, do EGO RJ⁵:

Teve algum receio ao abordar a homossexualidade para crianças?

De maneira alguma. A criança é aberta, sensível, está em processo de formação e por isso tem mais facilidade de aceitar as diferenças, desde que não sejam influenciadas pelo preconceito dos adultos.

Qual era o seu grande objetivo escrevendo um livro com essa temática?

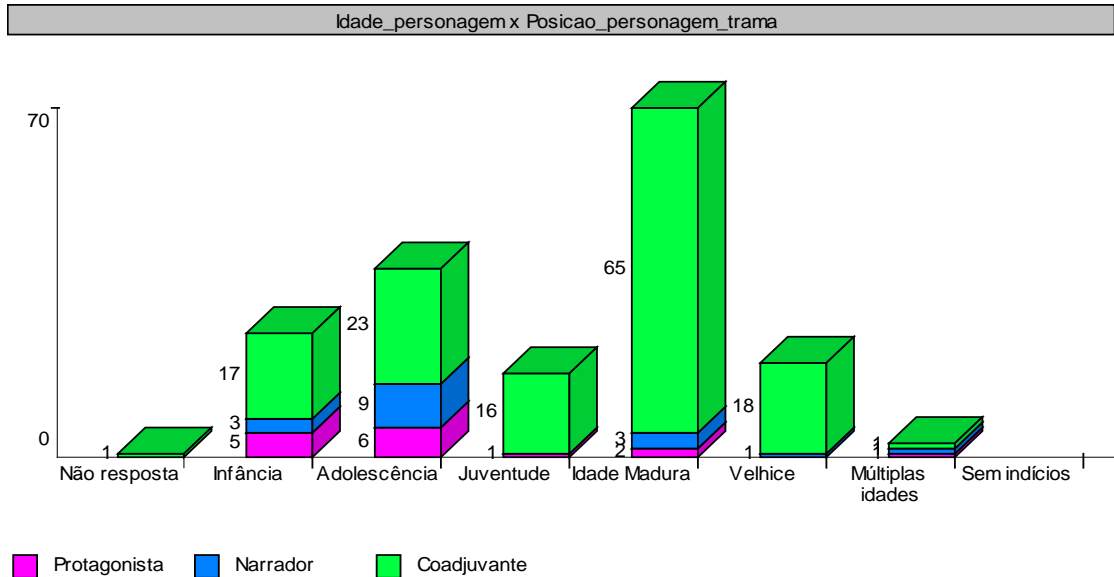
Sempre digo que o escritor, além de entreter, ilumina aspectos do ser humano, e por isso pode contribuir para uma sociedade melhor. Isso está presente em todas as minhas obras, inclusive nas novelas. Acho que os livros ajudarão as crianças, pais e professores a debater temas importantes para a formação do cidadão e a aceitação do outro. (Disponível em: <http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL1594912-9798,00-WALCYR+CARRASCO+LANCA+OBRA+PIONEIRA+COM+TEMATICA+HOMOSSEXUAL+PARA+CRIANCAS.html> Acessado em 12/01/2011)

Notamos que nos livros de Walcyr Carrasco ocorre uma transformação nas personagens, principalmente nas protagonistas. Nas narrativas autodiegéticas, esse fator pode promover também uma transformação no leitor, pois à medida, que ele está lendo um texto escrito em primeira pessoa ele se coloca no lugar da personagem e passa a ser seu cúmplice e as transformações que ocorrem nelas podem ser sugestivas ao leitor enquanto uma possibilidade para a vida real.

O gráfico a seguir consolida as afirmações à medida que apresenta a relação entre a idade da personagem e a sua posição na trama:

⁵ Site de notícias vinculado à Rede Globo.

Gráfico 10: Idade da personagem X posição da personagem na trama



Fonte: Pesquisa Personagens em Walcyr Carrasco – SoftwareSphinx 5.1 versão Léxica

De posse dessas informações, percebemos que há uma predominância de protagonistas crianças e adolescentes. Embora seja maioria, o adulto é coadjuvante nos textos de Walcyr Carrasco. Normalmente, ele possui um grau de parentesco com a protagonista, ou é um professor, ou coordenador da escola na qual ela estuda. Somente nos livros *O mistério da gruta* (2002d) e *O caçador de palavras* (1993b), ele é protagonista. Sendo assim, o leitor criança ou adolescente poderá se sentir como a personagem que comunga da mesma faixa etária e as experiências adquiridas no ato da leitura podem promover o seu amadurecimento.

Fica evidente que o autor parte de uma situação de equilíbrio rotineira do mundo contemporâneo para uma situação polêmica em voga no período de publicação do texto. Considerando a publicação de seus livros por editoras de grande circulação no meio escolar, a estrutura utilizada por Carrasco é a ideal. Os seus textos são curtos, dinâmicos, com ênfase nas ações e não nos estados interiores das personagens e são autoexplicativos.

Percebemos, por meio desse estudo, que a narração autodiegética prevalece no *corpus* analisado. Essa predileção pode ocorrer devido ao fato de o autor escrever instintivamente, como afirma em entrevista em anexo, principalmente, se considerarmos que suas personagens são inspiradas na realidade. Outro fator, acentuado por essa escolha, é o de promover uma maior identificação com o público que, ao ler uma narrativa em primeira pessoa, na qual a protagonista vivencia uma aprendizagem, há maior probabilidade do leitor se identificar com o texto e também aprender algo com ele.

A focalização dos textos do referido autor é externa, o narrador heterodiegético relata os fatos e o ambiente nos quais eles ocorrem. É ele quem detém a voz da narrativa e apresenta tanto os fatos que ocorrem naquele momento quanto no passado das personagens. A ênfase recai sobre a ação, impedindo, dessa forma, a reflexão sobre os motivos internos que orientaram as ações. Em alguns textos a focalização oscila entre a interna e a externa como ocorre no livro *A ararinha do bico torto* (2010a) no qual se percebe um trabalho mais elaborado com relação à focalização, pois o narrador modula sua narração, explorando os sentimentos da personagem Nina, fazendo com que o leitor seja a ela solidária:

Quando o dia raiou, ela ainda piava de leve. *A fome era enorme. Sem entender que nascera com uma deficiência, a pequena arara implorava por sua porção de sementes.* Os dois irmãos exigiam comida de bicos abertos, com gritos de impaciência.

__Essa aí nasceu com o bico errado. Nunca vai conseguir se alimentar - disse o pai.

__Já está muito fraca! – concordou a mãe.

__Só faz barulho. Pior ainda: atrai as corujas de noite!

__Não queremos você aqui! – piaram os irmãos. (CARRASCO, 2010a, p. 11, grifou-se)

Nas narrativas há várias ocorrências da digressão. Em virtude de seus textos consistirem narrativas de aprendizagem, o narrador apresenta fatos históricos, como na narrativa *O mistério da gruta* (2002d) e fatos científicos como em *A corrente da vida* (1993a). Assim, nota-se que o aspecto estético ou literário é suspenso para que o leitor possa aprender conteúdos específicos sobre os assuntos trabalhados na narrativa. Em trechos como esses, observa-se que o caráter paradidático dos textos de Walcyr Carrasco aflora.

A estruturação dos textos de Carrasco não só promove a identificação com o público leitor como também não apresenta dificuldades de entendimento. Esse modo de construção textual facilita tanto o trabalho do leitor quanto o do professor. Contudo, eles não promovem o alargamento do horizonte de expectativas do leitor com relação à forma do texto literário. As suas inovações se limitam ao tema e não adentram o plano estético ou psicológico/existencial. O que se nota são pinceladas nas quais algumas questões do homem contemporâneo são retratadas a fim de formar eticamente o leitor. Assim, os textos de Carrasco constituem material interessante para a sala de aula desde que se observem suas limitações estéticas e mesmo ideológicas, já que apontam para uma representação do social ainda marcada por vieses nem sempre representativos da sociedade brasileira, como se notou pela análise das personagens e do narrador do *corpus* aqui analisado.

5.2.3 Tempo, espaço e ambientação:

5.2.3.1 Tempo

Constatado no segundo capítulo, a narração literária é contada seguindo uma estrutura próxima à do mundo real, possibilitando, assim, a verossimilhança. Para tanto, ela possui uma temporalidade e uma espacialidade nas quais o enredo se desenvolve. Existe, portanto, o tempo da história, representado dentro da narração e o modo de representação desta temporalidade se denomina tempo do discurso no qual encontramos as estratégias utilizadas para a representação do tempo.

Dentre as narrativas analisadas, somente *O caçador de palavras* (1993b) é uma *narrativa in ultimas res*. Isso é evidenciado pelo protagonista Júlio Malatesta que se encontra preso e explica, no decorrer da narrativa como isso aconteceu. Entre o início da fábula e a decisão do narrador autodiegético de escrever um livro contando a sua história se passa menos de um ano:

Também não podia imaginar que, *menos de um ano depois*, estaria diante de um tribunal, tentando dar explicações para um juiz implacável. Embora seja obrigado a reconhecer que uma coisa tenha levado a outra. Prefiro acreditar que os acontecimentos se sucederam como uma bola de neve que foi crescendo, crescendo, e que não pude mais deter. (CARRASCO, 1993b, p. 23 grifou-se)

O livro *Estrelas tortas* (1997a) é narrado *in media res*. Como a narração desse livro é repetitiva, há uma grande ocorrência de *analepses*, recurso utilizado para resgatar ao longo do enredo fatos ocorridos antes do acidente que deixou Marcella paraplégica. Esse recurso também é chamado por alguns teóricos de *flashback*. À medida que os fatos são recontados, o leitor pode refletir sobre os pontos de vista diferentes referentes ao mesmo acontecimento e, assim, fazer a sua interpretação sobre a personagem Marcella e as mudanças por ela sofridas no decorrer da narrativa.

Outro recurso comumente utilizado por Walcyr Carrasco são as *prolepses*, ao contrário do recurso anterior, são apresentados ao leitor não fatos passados, mas sim futuros. No livro *O mistério da Gruta* (2002d), o narrador faz várias intervenções antecipando ações no plano do discurso que ainda não ocorreram no tempo da fábula. Quando ele descreve uma das personagens do universo dos peixes adianta o que ocorrerá com ela: “em seguida, a tia saboreava uma boa quantia de musgo e ia descansar. Pois a tia era bem gulosa. Passava a vida

a comer. Gula que, como saberemos mais tarde, quase acabou com a sua vida!” (CARRASCO, 2002d, p.11) Em outro momento da narrativa, a tia é pescada por um dos companheiros de Júlio. A *prolepse* é utilizada, também, em outros trechos da obra, aguçando a curiosidade do leitor em formação para descobrir o que ocorrerá com as personagens.

Esse recurso também é utilizado no livro *A corrente da vida* (1993a) quando a protagonista Raquel antecipa que não namorou Nel, fato narrado apenas próximo ao final do livro.

(...) Na escola, estávamos na mesma turma, eu gostava muito de fazer trabalhos em grupo com ele. Um ou outro brincava que éramos namorados. Nunca fomos, realmente. Nem sei se eu queria. Nossa amizade foi nascendo assim sem compromisso. Acho que, para ele, eu era tão próxima como se fosse um rapaz. Conversávamos sobre tudo, como dois amigos. Nel morava um pouco longe do meu prédio. (CARRASCO, 1993a, p.8)

A duração é uma relação temporal importante entre discurso narrativo e história, pois é por meio dela que será marcado o tempo de duração de um acontecimento no plano do discurso. Os principais recursos responsáveis por conferir maior ou menor velocidade à narrativa são a cena, o sumário, a elipse, a pausa descritiva e a digressão.

É característico, em Walcyr Carrasco, a falta de descrições de acontecimentos secundários, das personagens e do ambiente. Ele utiliza constantemente a *elipse*, o narrador apresenta o tempo transcorrido, mas não as ações ocorridas nesse espaço temporal, de modo a imprimir maior velocidade à narração. Portanto a *pausa descritiva* - que torna a narração mais lenta, pois o tempo narrativo é suspenso para serem introduzidas uma série de observações, descrições relativas tanto às personagens quanto ao ambiente - é raramente utilizada pelo autor.

Creemos que a utilização desta forma de representação do espaço/tempo é bastante econômica e promove a adesão do leitor aos textos do autor, à medida que, o narratário dos textos analisados é a criança ou o adolescente, ou seja, o leitor iniciante ainda pouco adaptado aos recursos literários. Considerando o leitor contemporâneo como sendo o engajado no mundo digital e televisivo nos quais as descrições são substituídas pelas imagens podemos inferir que está adaptado à ausência de descrições o que não o impossibilita de compreender a narrativa e de imaginar o ambiente e as personagens.

A velocidade da narrativa pode, também, ser diminuída utilizando-se o recurso da *digressão* - suspensão da narração para inserir comentários, asserções ou reflexões sobre as personagens, o ambiente ou o assunto da narrativa. No caso de Walcyr Carrasco, as

informações acrescentadas ao texto são referentes ao assunto e não às personagens e ambiente. Assim, o recurso da digressão concede aos textos analisados um tom didático, como já mencionamos na análise dos tipos de narradores.

Em *A corrente da vida* (1993a), o autor dedica o capítulo 3 para explicar, por meio de uma pesquisa feita pela personagem Raquel, o que é a AIDS, como ela é transmitida e os principais mitos sobre a enfermidade. Vejamos:

A AIDS se pega por contato sexual, transfusão de sangue e uso da mesma seringa, no caso de viciados. Também se transmite da mãe grávida para o bebê. Mas não se pega em um aperto de mão, um abraço, um gesto de solidariedade. Não se transmite pelo ar ou por pernilongos. [...] (CARRASCO, 1993a, p. 27)

Essa digressão acontece também no livro *A palavra não dita* (2007) quando o autor explica o que é o DNA. Nesse trecho, o leitor se depara com uma aula de biologia:

O ADN é a abreviatura de ácido desoxirribonucléico (em inglês DNA: *Deoxyribocucleic Acid*).
O DNA é uma molécula orgânica que reproduz o código genético. É responsável pela transmissão das características hereditárias de todos os seres vivos. Tem a forma parecida com uma escada espiral cuja disposição dos degraus se dá em quatro partes moleculares diferentes. Esta disposição constitui as chamadas quatro letras do código genético. (CARRASCO, 2007, p. 44)

Ainda com relação ao tempo, a frequência narrativa diz respeito à quantidade de vezes que determinados fatos são apresentados na narrativa em relação à quantidade de vezes que aconteceram na fábula ou história. Há a frequência *singulativa, repetitiva ou iterativa*. O livro *Estrelas tortas* (1997a) é uma *narrativa repetitiva*, pois o narrador apresenta várias vezes, no plano do discurso, um fato ocorrido apenas uma vez no plano da história: o acidente causador da paraplegia de Marcella.

Nos outros textos de Walcyr Carrasco, ocorre a *narrativa iterativa*, o narrador apresenta apenas uma vez, no plano do discurso, um fato que ocorreu várias vezes na história. Esse recurso promove maior rapidez na leitura. Como ocorre na descrição de Geraldo no livro *O anjo linguarudo* (1999):

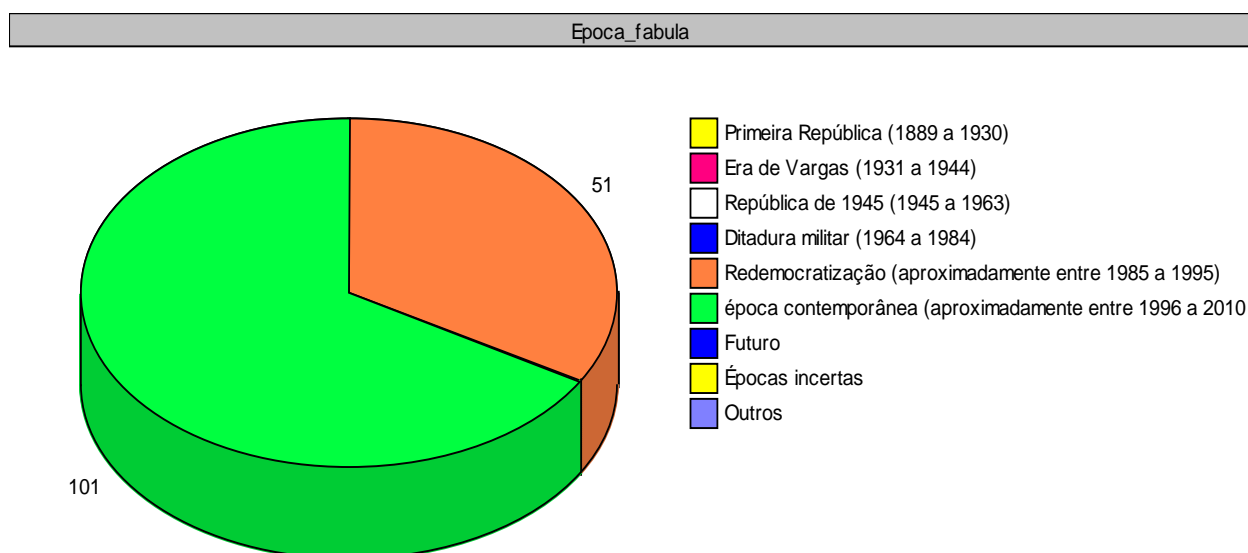
Já contei do jardim e da horta? Bastava a gente começar a capinar, ele aparecia. No jogo de bola, ficava de lado, olhando. A Raquel jogava a bola longe e mandava:
— Vai buscar.

Ele não entendia. Ela mostrava a bola, ele corria e pegava. Ela jogava de novo.

Era um pidão. Se algum de nós comprava um refrigerante, ele fazia sinais de que queria. Se não davam batia o pé. Dava uma espécie de grito, bem alto. A gente era obrigado a oferecer, só para ele parar de gritar. [...] (CARRASCO, 1999, p. 34)

Com relação ao tempo histórico privilegiado nos textos em estudo, observando o gráfico 11, percebemos que a época da fábula coincide com o contexto de produção do texto. O autor procura representar o contexto presente em suas obras com predominância da época contemporânea, uma vez que a maior parte dos livros analisados foram publicados entre os anos de 1996 a 2010.

Gráfico 11: Época da fábula



Fonte: Pesquisa Personagens em Walcyr Carrasco – SoftwareSphinx 5.1 versão Léxica

Percebemos a preferência do autor em escrever textos que retratem a sociedade atual, seja por meio de suas personagens, seus narradores, da temática ou do contexto histórico, mesmo representando parcialmente esta sociedade ao valorizar o universo masculino, bem como um mundo branco de classe média e algumas vezes pobre. Com relação à questão do tempo representado nas narrativas, observamos que o fato de trabalhar com a época contemporânea tende a favorecer uma aproximação entre o público leitor e a obra, uma vez que a distância temporal entre ambos é mínima.

5.2.3.2 Espaço e Ambientação

Apresentadas as principais questões sobre a temporalidade nas narrativas de Walcyr Carrasco, faremos algumas ponderações sobre o espaço. O espaço e também a ambientação em um texto literário podem acrescentar informações acerca das personagens e das ações, pois a trama ocorrerá neste ambiente.

Segundo Lins (1976), há três diferentes formas de ambientação: *a franca*, *a reflexa* e *a dissimulada*. A *ambientação franca* acontece quando o ambiente é descrito por meio da voz do narrador. No caso dos livros de Walcyr Carrasco, somente *O mistério da gruta* (2002d) apresenta a ambientação franca. Isso ocorre por se tratar de um ambiente incomum: uma gruta inexplorada e um lago habitado por peixes albinos. O leitor é informado sobre a gruta e o lago, mas não é informado sobre sua suposta localização regional. O narrador apresenta a gruta, pois o conhecimento da sua forma é imprescindível para a compreensão da história, como podemos observar: “A caverna do lago estava distante das outras. Sua entrada estava encravada no alto de uma montanha e meio oculta pelo mato. Nunca fora explorada, justamente pela dificuldade de acesso. [...]” (CARRASCO, 2002d, p.12-3) Essa informação justifica o fato de a gruta ser inexplorada e da curiosidade que despertava em Júlio, o protagonista humano da história e das lendas que povoam o imaginário dos peixes albinos habitantes do local privados do contato com o mundo exterior há várias gerações.

A maioria dos livros de Walcyr Carrasco apresenta uma ambientação que oscila entre a *ambientação reflexa* e a *dissimulada*. O espaço é construído indiretamente a partir das ações da personagem e por algumas considerações delas sobre o local. Cabe ao leitor, somar as pistas apresentadas no decorrer da narração. Como podemos perceber no trecho em que Felipe, protagonista de *O anjo linguarudo* (1999), descreve o lugar onde vivia com seus pais antes da enchente:

Pensei nas frutas e verduras que viriam pra quitanda. Bem bonitas! Mas a chuva não parou. Eu morava numa rua calçada de pedra. A da esquina era de terra. Logo virou pura lama. Às vezes, o aguaceiro era muito forte. Não havia guarda-chuva capaz de segurar. Chegava em casa ensopado. As roupas secavam num varalzinho pendurado perto do fogão. As prateleiras da quitanda começaram a ficar vazias. As frutas e verduras estavam se estragando por causa da chuvarada. O que vinha era supercaro. As freguesas reclamavam. Mamãe explicava: [...] (CARRASCO, 1999, p.10)

O narrador não descreve a casa onde vive com riqueza de detalhes, ele apenas sugere como ela seria, ficando a cargo do leitor completar as lacunas do texto e imaginar o

ambiente no qual Felipe vivia. Essa narração pouco descritiva promove uma interação mais efetiva entre o leitor e o texto, à medida que preenche as lacunas acionando o seu repertório de leitura e de conhecimento de mundo. No decorrer do texto ele apresenta outras informações sobre a casa, permeadas pela narrativa da enchente.

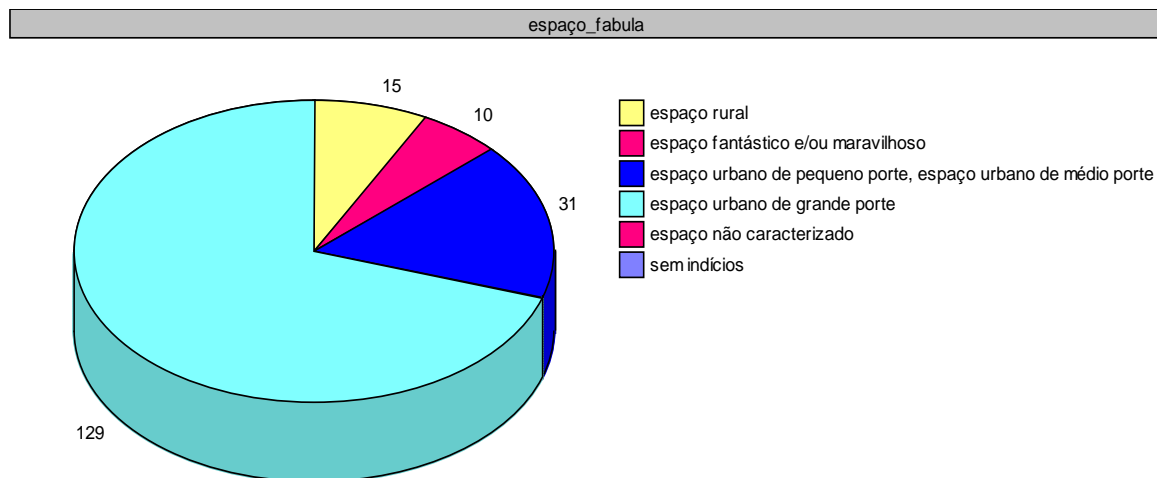
Nessa mesma obra, o leitor recebe informações sobre o colégio em que Felipe estuda:

[...] Ainda bem que passava boa parte do dia na escola. Fora matriculado no período integral. Era uma escola cheia de bosques, com jardins e hortas para os alunos cuidarem. De manhã, estudava com as outras crianças. De tarde, uma turma menor tinha aulas especiais. Aprendia capoeira, pintura, inglês, computação e uma porção de coisas bem legais. [...] (CARRASCO, 1999, p.32)

Analisando esse trecho, percebemos o ambiente sendo caracterizado como uma escola, mas não são acrescentadas informações que a particularizem, com exceção de ser em regime integral. Assim, com relação à ambientação, observamos a tendência do autor em fazer pequeno uso da ambientação franca, convergindo para o uso de outras formas de ambientação – reflexa ou dissimulada, uma vez que não interessam as descrições diretas dos espaços onde centra a ação de suas narrativas. Observando esta forma de narrar, percebemos a preferência do autor em propiciar aos leitores o acesso ao espaço narrado por meio de sugestões.

Utilizando o *software Sphinx Survey 5.1* – versão *Léxica*, procuramos observar quais eram os espaços predominantes nos textos de Walcyr Carrasco. As narrativas ocorrem em sua maioria no espaço urbano de grande porte, seguido do espaço urbano de médio e pequeno porte, tal como se nota no gráfico 12:

Gráfico 12: Espaço da fábula



Fonte: Pesquisa Personagens em Walcyr Carrasco – SoftwareSphinx 5.1 versão Léxica

Observamos que as histórias do autor em análise privilegiam as grandes cidades e, portanto, ao fazerem assim, criam personagens e situações típicos deste espaço. Caberia perguntar qual o grau de representação ou de identificação de seus leitores – nem todos habitantes de cidades grandes – com tais histórias e personagens. A tabela a seguir apresenta os dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE sobre a estimativa da população residente em cada estado brasileiro.

Tabela 3: Populações residentes estimadas em 1º de julho de 2008

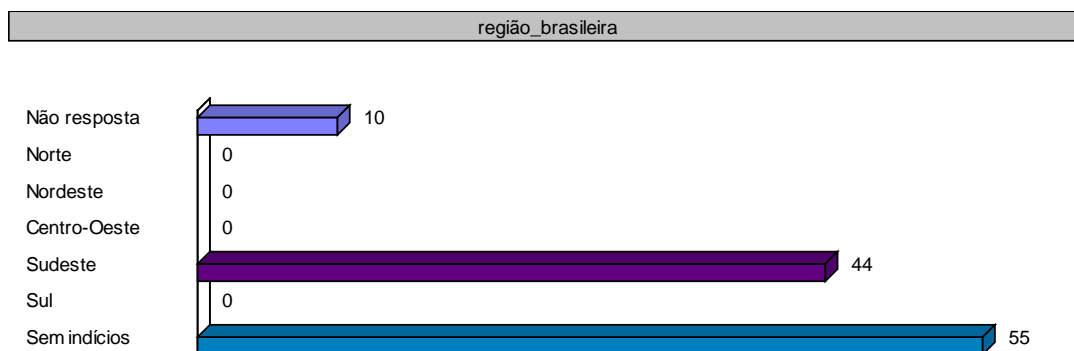
POPULAÇÕES RESIDENTES ESTIMADAS 1º DE JULHO DE 2008	
BRASIL 189.612.814	
REGIÃO NORTE	15.142.684
Rondônia	1.493.566
Acre	680.073
Amazonas	3.341.096
Roraima	412.783
Pará	7.321.493
Amapá	613.164
Tocantins	1.280.509
REGIÃO NORDESTE	53.088.499
Maranhão	6.305.539
Piauí	3.119.697
Ceará	8.450.527
Rio Grande do Norte	3.106.430
Paraíba	3.742.606
Pernambuco	8.734.194
Alagoas	3.127.557
Sergipe	1.999.374
Bahia	14.502.575
REGIÃO SUDESTE	80.187.717
Minas Gerais	19.850.072
Espírito Santo	3.453.648
Rio de Janeiro	15.872.362
São Paulo	41.011.635
REGIÃO SUL	27.497.970
Paraná	10.590.169
Santa Catarina	6.052.587
Rio Grande do Sul	10.855.214
REGIÃO CENTRO-OESTE	13.695.944
Mato Grosso do Sul	2.336.058
Mato Grosso	2.957.732
Goiás	5.844.996
Distrito Federal	2.557.158

Fonte: IBGE/DPE/COPIS

Fonte: IBGE/DPE/COPIS

Analisando a tabela 3, percebemos que a região sudeste é a mais populosa do Brasil, seguida de região nordeste. Considerando o gráfico 12 e os outros já analisados, concluímos que as personagens dos textos de Walcyr Carrasco são em sua maioria brancos, de classe média residentes em grandes cidades da região sudeste, como exemplifica o gráfico 13. Sendo assim, os textos de Carrasco apresentam uma visão parcial da realidade brasileira, pois se somarmos os residentes das outras regiões, perceberemos que configuram mais de 50% da população brasileira. Portanto, ao retratar a realidade da região sudeste o autor não contempla cerca de 110 milhões de habitantes.

Gráfico 13: Região brasileira da fábula



Fonte: Pesquisa Personagens em Walcyr Carrasco – SoftwareSphinx 5.1 versão Léxica

Contudo, ainda que em minoria, outros setores da sociedade estão representados nos textos do referido autor. Há ocorrência de personagens pobres e miseráveis, assim como da região sul ocupante da segunda posição no gráfico 13. Entretanto, as regiões norte, centro-oeste e nordeste não são mencionadas. Há uma grande incidência de não caracterizações, pois as ações ocorrem em espaços genéricos que poderiam pertencer a qualquer região brasileira.

5.2.4 Linguagem

A obra literária é conhecida por seu trabalho com a linguagem. Em alguns períodos a linguagem formal e culta é mais valorizada como no parnasiano. No entanto, a partir do Modernismo a coloquial passa a fazer parte dos textos literários.

Analisaremos, a partir desse momento, a linguagem utilizada por Walcyr Carrasco em suas obras. O autor utiliza uma linguagem coloquial contemporânea, próxima daquela utilizada pelos adolescentes no contexto histórico em que a obra foi escrita, facilitando a sua compreensão por parte do leitor.

Walcyr Carrasco utiliza palavras simples de fácil compreensão. Escreve períodos curtos, em alguns casos, frases de apenas uma palavra. Inclui palavras suprimidas que, embora sejam utilizadas comumente na linguagem oral ainda não foram incluídas na língua escrita padrão, como os usos do *tá* e do *tava*, no lugar de *está* e *estava*, recurso utilizado quando o texto possui como narrador uma criança ou um adolescente, tal como notamos em *Quando o meu irmãozinho nasceu* (1988):

No outro dia bem cedo meu pai não foi trabalhar e a minha mãe *vestiu* um sapato vermelho bonito, pôs o vestido de renda e foi pro médico. Depois ela

voltou com uma cara esquisita que eu não sabia se era de alegria ou de tristeza.

Perguntei se ela *tava* mesmo doente, mas ela respondeu que já tinha sarado. (CARRASCO, 1988, p. 4, grifou-se)

Nesse trecho, podemos perceber a troca realizada entre calçar o sapato e vestir o sapato muito comum no universo infantil. O uso de ‘tava’ no lugar de estava se repete em toda a obra e em outras que possuem como narrador uma criança ou um adolescente.

No entanto, quando a voz do narrador é a de um adulto há um cuidado maior com a linguagem como ocorre no livro *O mistério da gruta* (2002d):

Não, ele não se perdeu. Mas, de repente, o chão da caverna sumiu. Se não fosse pela corda, teria caído em um abismo. Mesmo assim se desequilibrou. Agarrou-se gritando, dependurado na escuridão. Seu farolete despencou. Dois companheiros vieram ajudá-lo. (CARRASCO, 2002d, p. 15)

No livro *Vida de droga* (2002e), o autor mantém as mesmas características com relação à linguagem, pois apesar de o livro retratar o universo suburbano do tráfico de drogas, dos moradores de rua e de prostitutas, não há ocorrências de palavras de baixo calão. O autor apresenta um cuidado com a linguagem à medida que seus livros são adotados e lidos em escolas. Como podemos observar no trecho abaixo, no qual Dora e Magda, que estavam drogadas, entram em um bar para comprarem um café com leite e pão com manteiga:

__ Aqui não é lugar de mendigo.
 Brigou. Desfiou uma cascata de palavrões. O dono do bar saiu do fundo.
 __ Cala a boca senão vai pra rua a tapa.
 __ Eu pago! – gritou mostrando as moedas. (CARRASCO, 2002e, p. 145)

O narrador relata que ela disse palavrões, mas não os cita, deixando ao leitor a tarefa de completar essa lacuna. A maioria das obras de Walcyr Carrasco é ambientada no sudeste, como analisamos anteriormente, no entanto, a narrativa *A palavra não dita* (2007) ocorre em Porto Alegre. Sendo assim, as personagens utilizam palavras ou expressões características dessa variante linguística, como podemos verificar:

__ *Bah!* Que decepção se o rapaz era tão bom? – gritava o vô.
 __ Quem vê cara não vê coração! Quem sabe o que aconteceu? Talvez uma coisa que ela não queria contar - defendia a vô. (CARRASCO, 2007, p. 13 grifou-se)

Nessa citação, além do uso de “Bah”, expressão tipicamente gaúcha, há outra característica de Carrasco a substituição de avô e avó por vô e vó que também ocorre em outros textos. Normalmente, quando se dirigem aos seus avós, as crianças utilizam os termos vô e vó e não avô e avó como seria a forma correta de se escrever.

O livro *Estrelas tortas* (1997a) é o que apresenta a maior variedade de linguagens por ser narrado por oito narradores diferentes caracterizados pela sua forma de falar. Para exemplificar selecionamos dois trechos nos quais o relato do mesmo acontecimento é narrado por pessoas diferentes. O primeiro por Bira, “ex-ficante” de Marcella, no qual percebemos o uso mais coloquial da linguagem e de gírias, como a palavra grana:

Fiz tudo como manda o figurino. Meu pai sempre diz que é elegante e sofisticado levar flores quando se visita alguém. Ainda mais quando é uma garota doente. Acho que ele pensa assim principalmente porque é sócio numa floricultura. Isso facilitava bem as coisas, porque flores são caríssimas, e eu nem teria *grana* pra comprar um presente desses. Passei na floricultura e me deram um maço de flores que já estava ficando passado, mas nem dava pra notar se a gente tirasse umas margaridas murchas do meio. (CARRASCO, 1997a, p.29-30 grifou-se)

Aída, mãe de Marcella, quando relata o mesmo acontecimento utiliza uma linguagem mais formal, conjuga os verbos no pretérito mais-que-perfeito e não há a presença de gírias:

Tive vontade de dar um murro naquele sorriso, mas, é claro, fiquei quieta, parada, sofrendo. Era óbvio que a Marcella era louca pelo Bira, porque lhe lançou um olhar tão triste, tão magoado, que eu quase chorei. Minha mãe tinha me contado que o Bira *fora* em casa, que até *levava* flores (se bem que um tanto murchas, parecia ter achado no lixo, pelo que notei), eu *pensara*, depois daquela visita, que, minha filha tinha um amigo de verdade. Ele nunca mais apareceu. (CARRASCO, 1997a, p. 44 grifou-se)

Com base nas informações expostas, podemos afirmar que a linguagem utilizada por Walcyr Carrasco oscila entre a formal, utilizada pelo narrador adulto, e a coloquial, nas narrações feitas por crianças e adolescentes, sem ocorrência de palavras de baixo calão, permitindo a utilização de seus textos nas escolas, sem nenhuma restrição, seja por parte da equipe pedagógica ou dos pais dos alunos.

As construções sintáticas, utilizadas pelo referido autor, são desprovidas de complexidade, há predominância de períodos simples, da ordem direta e o vocabulário é simplório, minimizando as possíveis dificuldades de compreensão por parte do leitor em

formação. Essas estratégias tendem a cativar o leitor iniciante que não encontra dificuldades para realizar a leitura. Entretanto, esses artifícios privam o leitor do contato com outras construções sintáticas e a ampliação de seus conhecimentos linguísticos e de vocabulário.

5.2.5 Ilustrações

A industrialização da cultura se reflete não só no modo de produção do livro contemporâneo, mas também nas suas ilustrações, que evoluíram de elemento decorativo para elemento autônomo que acrescenta informações ao texto e não apenas o reflete ou exemplifica como ocorria anteriormente. Nos anos 80 e 90, como expusemos no capítulo III, a imagem se tornou ainda mais presente nas obras infantis. Inúmeros livros mesclam o texto verbal e a imagem e são considerados verdadeiras obras de arte. Ocorre, dessa forma, a fusão entre a imagem e o texto. Os livros destinados aos públicos infantil e juvenil são produzidos dentro de um sistema editorial mais moderno, onde há uma preocupação maior com os aspectos gráficos dos textos, incluindo neles a ilustração e todos os demais elementos relativos à materialidade do texto (tipos de papel, tamanho, formato etc.).

Contudo, o objetivo desse estudo não é descrever os artifícios utilizados pelo ilustrador, mas sim a relação existente entre o texto verbal e o imagético e como este interfere na construção do sentido geral da obra literária.

Fittipaldi (2008) reflete sobre as duas funções frequentemente atribuídas à ilustração: a de explicar e a de ornar um texto:

Imagens excessivamente “explicativas”, muito presentes em livros didáticos, nos casos dos livros de ficção literária, restringem seus papéis a uma redundância em relação ao texto; a função de “ornar”, que quase sempre é vista como uma mera atitude decorativa da página, distanciada do contexto ficcional, merece a meu ver uma reavaliação crítica. Antes de simplesmente desvalorizá-la ou de situá-la em posição subalterna, é importante ter em mente que a intenção decorativa é inerente ao ato de ilustrar. Decoração não se refere apenas à beleza, à ornamentação; é derivada da palavra *decoro*, que compreende noções de formalização e adequação. (FITTIPALDI, 2008, p. 113-4 grifos do autor)

Das treze obras de Walcyr Carrasco analisadas, duas não possuem ilustrações, oito possuem ilustrações decorativas e quatro ilustrações que complementam o sentido do texto verbal como demonstra o próximo quadro:

Quadro explicativo 7: Ilustrações nos textos de Walcyr Carrasco

Obra	Não possui ilustrações	Ilustrações decorativas	Ilustrações complementativas
Quando meu irmãozinho nasceu		X	
O mistério da gruta		X	
A ararinha do bico torto			X
Meus dois pais			X
Pituxa, a vira-lata			X
O caçador de palavras	X		
A corrente da vida		X	
Irmão Negro		X	
Meu primeiro beijo			X
O anjo linguarudo		X	
Estrelas tortas		X	
Vida de droga		X	
A palavra não dita	X		

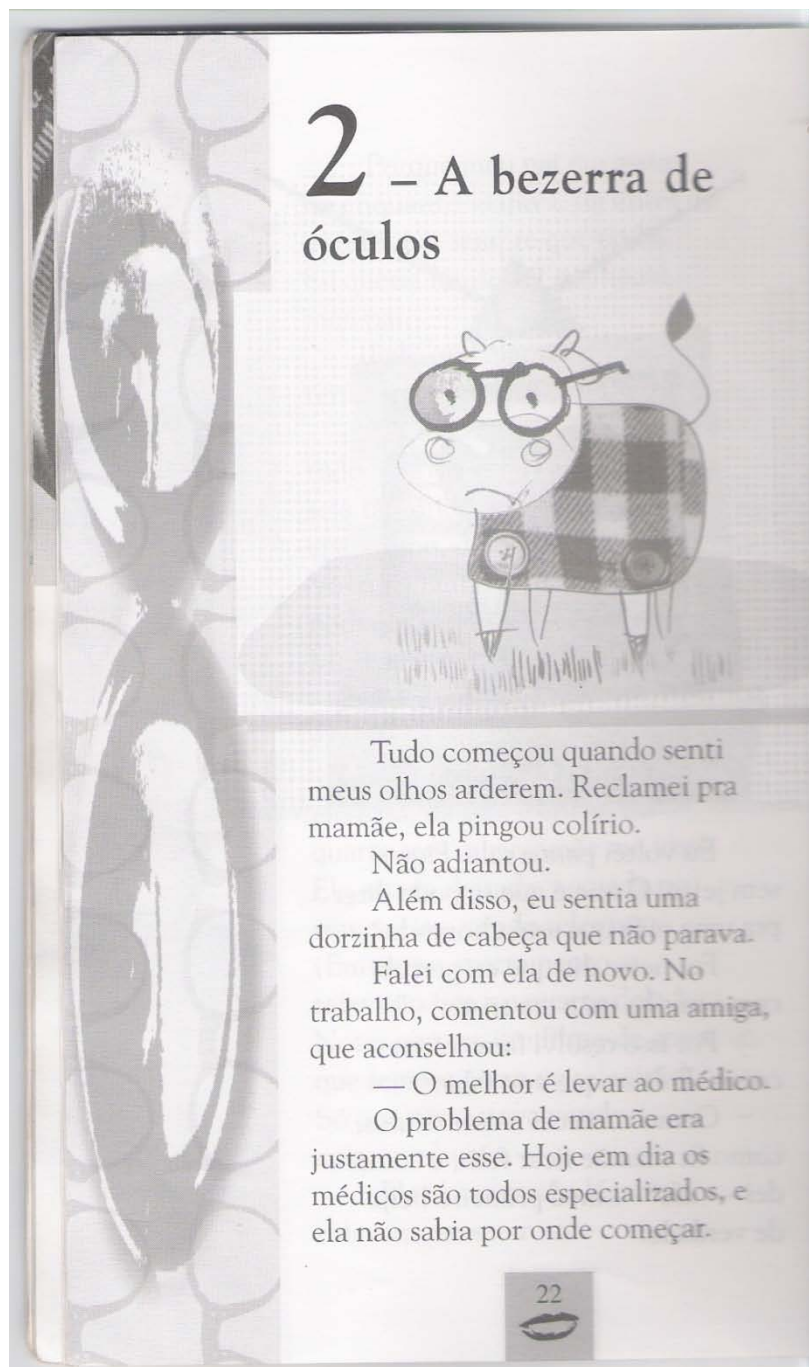
Fonte: Produção literária infantil e juvenil de Walcyr Carrasco: uma análise da construção narrativa e da representação de grupos sociais (1979 – 2010)

As ilustrações decorativas podem sinalizar o início e o término do texto verbal, assim como promover pausas possibilitando o descanso do leitor, ou apresentar dados que serão lidos instigando-lhe a curiosidade. Podendo, também, exercer a função de marcar o início e o término dos capítulos, exemplificando uma das cenas que compõem o texto verbal.

Os livros que possuem ilustrações apenas decorativas não serão analisados com afinco neste estudo, embora elas se configurem como elementos importantes no ato da leitura. Nesses livros, elas são inseridas no decorrer dos capítulos sempre apresentando algo que foi descrito pelo autor. Com exceção do livro *O mistério da gruta* (2002d), no qual as ilustrações são coloridas, em todos os outros elas são em branco e preto.

Neste estudo, nos concentramos na análise das ilustrações que acrescentam informações ao texto verbal. O livro *Meu primeiro beijo* (1997b), ilustrado por Olavo T. Cavalcante⁶, possui ilustrações em branco, preto e tons de cinza. Elas não acrescentam muitas informações ao texto, mas conseguem materializar aspectos linguísticos. A ilustração, a seguir, encontra-se no início do capítulo 2. Como no livro o leitor se depara primeiro com o desenho para depois ler o texto ao qual ele se refere, mantivemos a mesma ordem:

⁶ O livro não apresenta a biografia do ilustrador e apesar das pesquisas via livros e internet não foi possível encontrar a biografia de Olavo T. Cavalcante.



Tudo começou quando senti meus olhos arderem. Reclamei pra mamãe, ela pingou colírio.

Não adiantou.

Além disso, eu sentia uma dorzinha de cabeça que não parava.

Falei com ela de novo. No trabalho, comentou com uma amiga, que aconselhou:

— O melhor é levar ao médico.

O problema de mamãe era justamente esse. Hoje em dia os médicos são todos especializados, e ela não sabia por onde começar.

22

Quando eu estava bem perto, ele se desviou, pegou um lenço de bolso, abriu e agitou como se fosse um toureiro. Não pude parar, passei pelo lenço, tropecei! Quem caiu no chão fui eu!

— *Que venga el toro!* – ele gritou agitando o lenço de novo.

Todo mundo, até as minhas amigas, deu risada.

Meus óculos tinham voado para longe; a lente estava trincada. (CARRASCO, 1997b, p. 30-1 grifos do autor)

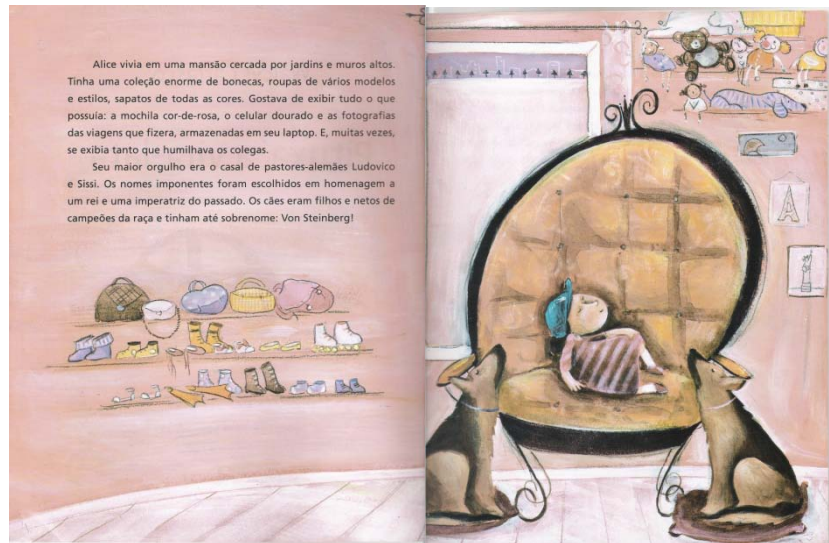
Essa ilustração consegue materializar o texto verbal à medida que a menina Clara é apresentada como se fosse um touro. Sabemos que se trata de Clara pelos óculos e pelo casaco xadrez no desenho e por ela ser comparada com um touro por Rosendo no texto verbal.

Como a ilustração precede o texto, ela pode promover a curiosidade do leitor para que possa interpretá-la. No entanto, não acrescenta outras informações além das explicitadas no texto verbal. As outras ilustrações desse texto são apenas decorativas e não somam novas informações ao leitor, portanto, não serão analisadas.

Os livros de Walcyr Carrasco que merecem uma análise mais aprimorada com relação à ilustração são: *Pituxa a vira-lata*, *Meus dois pais* e *A ararinha do bico torto*, publicados em 2010 pela editora Ática para a Coleção Todos Juntos. Nos outros livros, a ilustração ocorre ao lado do texto, mas nesses, ela faz parte dele, à medida que este é escrito sobre os desenhos que complementam a informação verbal, pois na ilustração há detalhes não expostos no texto verbal.

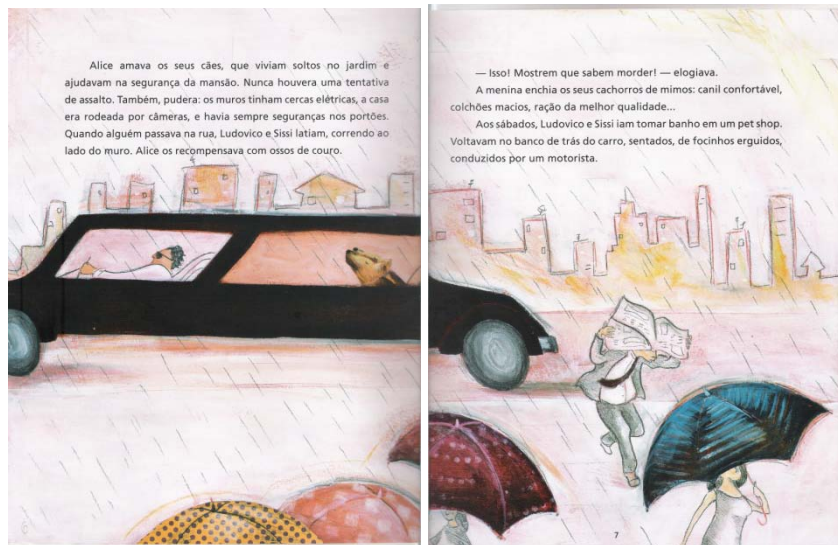
Iniciaremos pelo livro *Pituxa, a vira-lata* (2010c), ilustrado por Simone Matias⁷ com tinta acrílica e guache sobre papel. As ilustrações do início do livro nas páginas 4 e 5 não só decoram o texto verbal como também acrescentam informações, pois Alice está deitada em uma cadeira parecida com um trono e seus cães podem ser comparados aos seus soldados que a protegem, ampliando a ideia de realeza expressa no texto quando este afirma que os cães possuem o nome de um rei e uma imperatriz.

⁷ Simone Matias nasceu em Santos, SP, em 1975. É formada em jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo. Estudou História da arte dos séc. XIX e XX na Summit Area Community School, em New Jersey, EUA e Desenho e modelo vivo na New School University, em New York, EUA. Estudou desenho na ABRA e pintura na Escola Panamericana de Arte. Participou do curso "A Imagem Narrativa e a Ilustração de Livros" com Odilon Moraes e Fernando Vilela, no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo. Em 2006 foi à Sarmede, Italia estudar ilustração com Sjetlan Junakovic, Jozef Wilkon e Octavia Mônaco. Atualmente é ilustradora e professora de Desenho Artístico e Pintura na Escola Oficina de Santos. (Disponível em: <http://www.ilustra.art.br/perfil.htm> Acessado em: 21/05/2011).



(CARRASCO, 2010c, p.4 e 5)

Essa ideia de riqueza e superioridade é reforçada na ilustração a seguir, na qual os cães estão confortavelmente instalados no interior do carro enquanto as pessoas transitam de guarda-chuva ou com um jornal na cabeça em meio a um temporal.



(CARRASCO, 2010c, p.6 e 7)

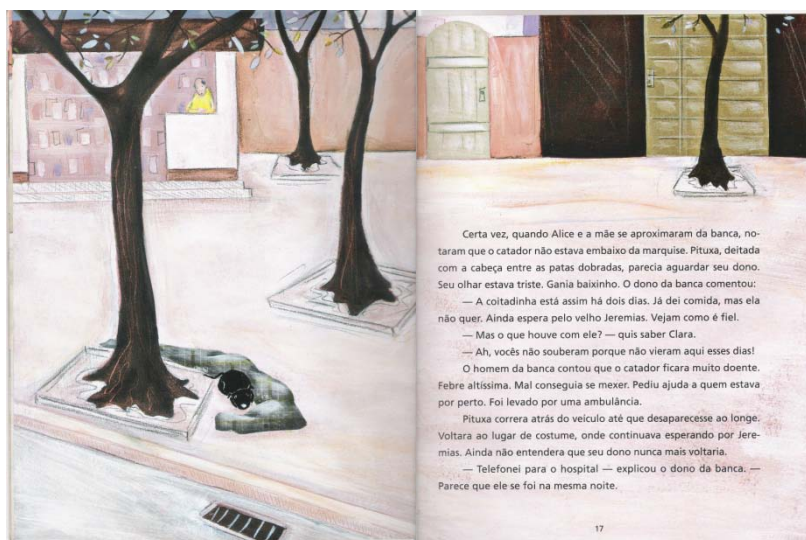
Nas páginas 10 e 11, é apresentado o catador de papel, Jeremias. Enquanto nas outras ilustrações o fundo é colorido de rosa, demonstrando o conforto no qual Alice e seus cães viviam, a página que ilustra a vida de Jeremias e sua cadela Pituxa, possui um fundo em cinza. O mendigo é retratado de joelhos, recolhendo jornais no chão, a cadela se encontra no centro da página e observa o seu dono. No alto da página está Alice desviando o olhar, pois não gostava nem de Jeremias e nem de sua cadela. A personagem que possui cores mais vivas nessa ilustração é Alice. O ambiente é retratado na parte inferior em tons de cinza e passa a

ficar colorido próximo da menina e acima dela. Essa imagem demonstra a distância existente entre a vida de Alice e de Jeremias. A cor e a alegria que existem na vida dela não existem na dele.



(CARRASCO, 2010c, p.10 e 11)

Nas páginas 16 e 17 está a ilustração do abandono de Pituxa, retratada próxima ao pé de uma árvore, sozinha e triste. A única pessoa presente na cena é o jornaleiro que a observa de longe. Embora toda a cena seja colorida em tom de rosa, a cachorra está envolta em um pano cinza, construção que reforça a ideia de tristeza e desolação.



(CARRASCO, 2010c, p.16 e 17)

Nas páginas 24 e 25 ocorre uma transformação na vida de Pituxa que fora adotada por Clara, a mãe de Alice. Pela primeira vez, ela foi levada ao veterinário e ao *pet shop*, mas

Alice não aceitava a cadela perto de seus pastores alemães. Na ilustração, percebemos que as cores utilizadas são mais vivas. Pituxa está em um gramado verde e florido, enquanto, dentro da mansão, numa imagem mais escura, percebemos Alice discutindo com sua mãe por causa da cadela. A impressão é de que a partir daquele momento Pituxa terá uma vida feliz.



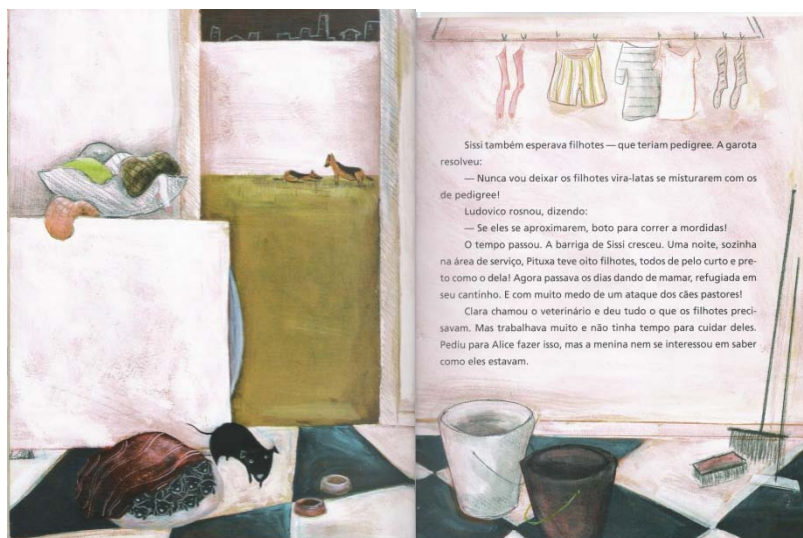
(CARRASCO, 2010c, p.24 e 25)

Nas páginas 28 e 29 a ilustração mostra um jardim enorme por onde Sissi e Ludovico brincam com Alice, enquanto Pituxa os observa da área de serviço. A vira-lata é representada em dimensão bem menor que os outros objetos da cena demonstrando a sua inferioridade perante os outros cães e a vida feliz, anunciada anteriormente, não se concretiza, pois mesmo morando na mansão ela não pode conviver com os cães, pois não possui *pedigree*.



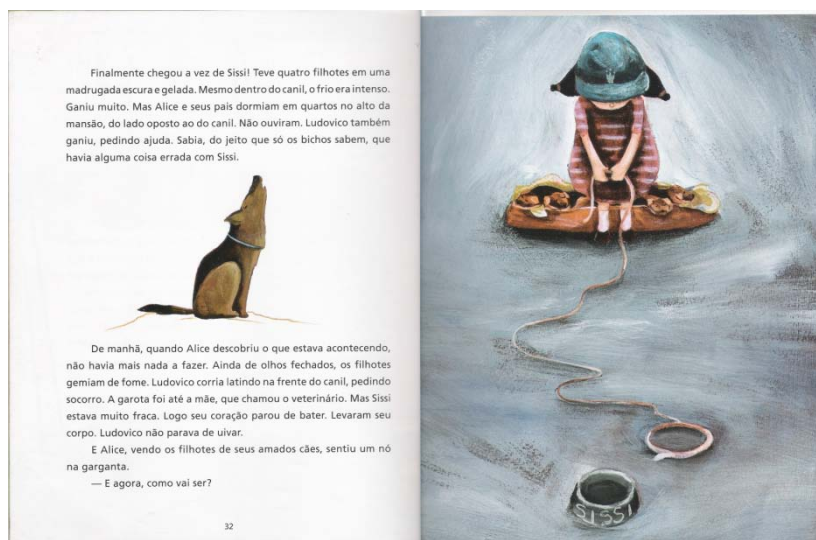
(CARRASCO, 2010c, p.28 e 29)

Na ilustração seguinte, Pituxa e seus filhotes que se encontram na área de serviço parecem olhar para o leitor a pedir proteção. Novamente ela ocupa um pequeno espaço na página, reforçando a ideia de desamparo e abandono. Nessa cena o leitor é convidado a participar, pois é a ele que Pituxa dirige o seu olhar pedindo socorro.



(CARRASCO, 2010c, p.30 e 31)

Na página 33 há a ilustração de Alice de cabeça baixa por ter perdido Sissi falecida durante o parto de seus cãezinhos. No boné da menina há a imagem de uma coroa reforçando a primeira ilustração do livro na qual ela está sentada como se estivesse em um trono. O leitor é levado a refletir sobre a transitoriedade da vida e a impotência diante da morte.



(CARRASCO, 2010c, p.32 e 33)

Na última ilustração do livro, Pituxa é retratada em tamanho maior e passa a ser o centro das atenções de Ludovico e Alice ao adotar os filhotes de Sissi, que são amamentados juntamente com seus próprios filhotes. Essa cena ilustra a integração iniciada entre os filhotes vira-latas e os com *pedigree*.



(CARRASCO, 2010c, p.36 e 37)

Podemos perceber que no livro *Pituxa, a vira-lata* (2010b), as ilustrações não só decoram o texto verbal como também acrescentam informações sobre as personagens. Pituxa e Jeremias são retratados em branco, preto, tons de cinza e azul, cores que evidenciam a vida triste e sofrida dessas personagens reforçada pela expressão de tristeza e abandono no rosto deles. Entretanto, Alice, Clara, Sissi e Ludovico são desenhados sempre com um olhar altivo indicando superioridade. A riqueza de Alice é evidenciada, na ilustração, pela coleção de bolsas, sapatos e bonecas, pelo carro que se assemelha a uma limusine e pela mansão onde vivem.

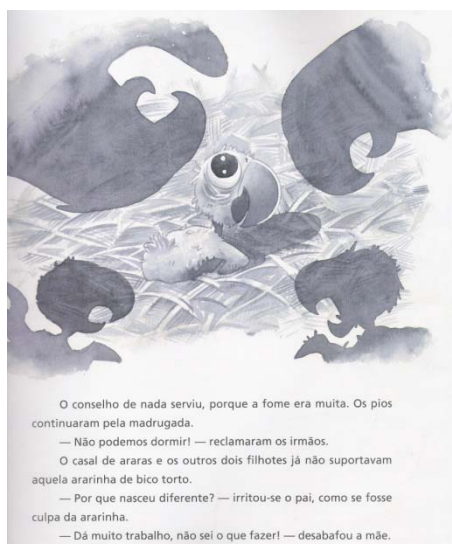
O elemento morte é retratado de formas diferentes: quando Jeremias morre, Pituxa é retratada sozinha e desamparada no canto inferior direito em meio a uma paisagem cor de rosa (ilustração das páginas 16 e 17); no entanto, quando Sissi morre, a imagem de Alice ocupa o centro superior da página e no centro inferior há a coleira e a vasilha de ração com o nome de Sissi e o fundo do desenho possui tons de azul, cinza e preto, como podemos verificar na ilustração:



(CARRASCO, 2010c, p.33)

O contraste presente nas ilustrações reforça a desigualdade social vivenciada pela população brasileira. Sendo assim, podemos afirmar que as ilustrações desse texto ampliam o olhar do leitor proporcionando momentos de reflexão sobre o texto verbal e o imagético. A compreensão do texto verbal é ampliada pelas ilustrações que podem e devem ser exploradas pelo professor de leitura.

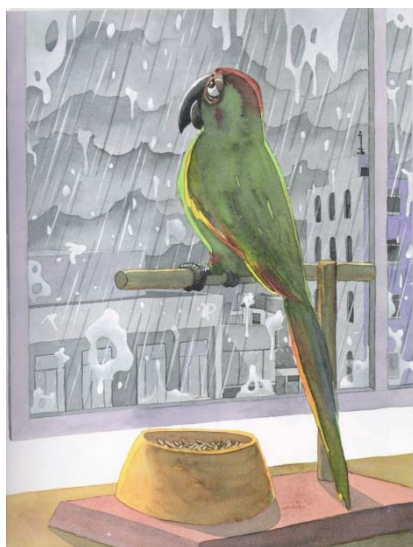
No livro *A ararinha do bico torto* (2010a), ilustrado por Al Stefano⁸, a maioria das ilustrações são decorativas, mas a da página 9 demonstra como a ararinha estava se sentindo acuada e massacrada pelas reclamações de seus pais e irmãos que insistiam para que ela ficasse quieta, mesmo sentindo muita fome.



(CARRASCO, 2010a, p.9)

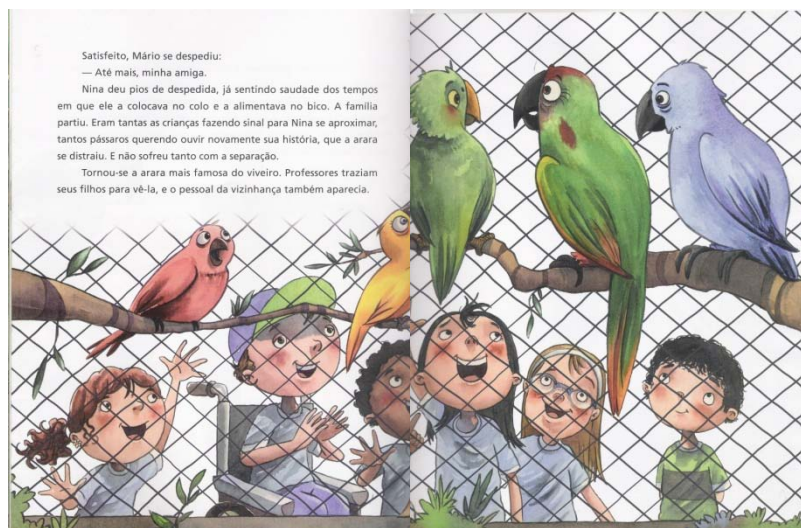
⁸ Alberto De Stefano nasceu em fevereiro de 1970 na cidade de São Paulo. Já trabalhou com animação, serigrafia, quadrinhos, criação de personagens, desenvolvimento de produtos (brinquedos), publicidade, revista, livros didáticos, literatura. (Disponível em: <http://www.alstefano.com.br/br/> Acessado em: 21/05/2011).

Na página 29, o leitor pode perceber a tristeza nos olhos de Nina, a ararinha, reforçada pelo tom de cinza no qual a cidade é retratada em um dia chuvoso. Essa imagem é necessária para que o leitor compreenda o ato de Mário ao doar a ararinha para o viveiro de uma escola. A imagem demonstra ao leitor a infelicidade de Nina dentro do apartamento e a necessidade de levá-la a um viveiro.



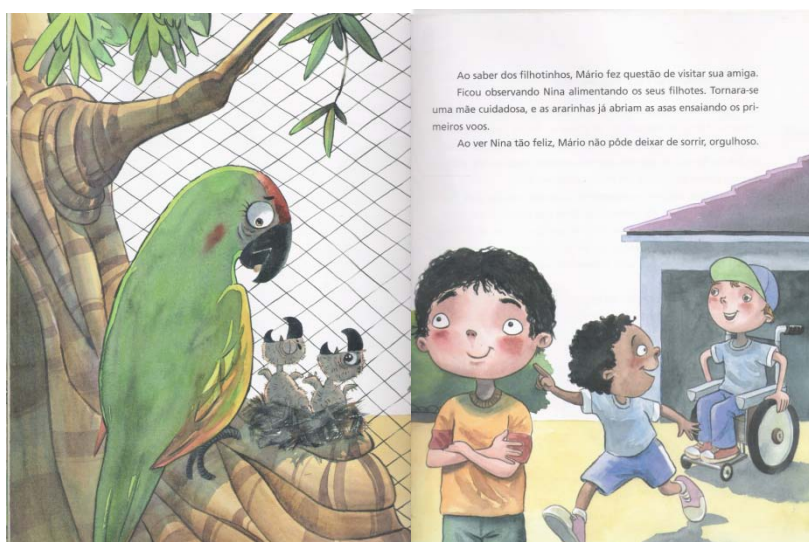
(CARRASCO, 2010a, p.29)

As ilustrações que promovem um maior alargamento do horizonte de expectativas do leitor, extrapolando o texto verbal, estão nas páginas 32, 33, 36 e 37. Nessas imagens, várias crianças são retratadas mostrando a diversidade étnica existente no Brasil. Entre as crianças há uma ruiva, um negro, dois morenos e dois loiros, entre os loiros o menino é cadeirante e a menina usa óculos, mostrando que a imperfeição de Nina também pode ocorrer nos seres humanos, mas de forma diferente. O semblante de felicidade de Nina e das crianças evidencia que essas dificuldades podem ser superadas.



Satisfeito, Mário se despediu:
— Até mais, minha amiga.
Nina deu pios de despedida, já sentindo saudade dos tempos em que ele a colocava no colo e a alimentava no bico. A família partiu. Eram tantas as crianças fazendo sinal para Nina se aproximar, tantos pássaros querendo ouvir novamente sua história, que a arara se distraiu. E não sofreu tanto com a separação.
Tornou-se a arara mais famosa do viveiro. Professores traziam seus filhos para vê-la, e o pessoal da vizinhança também aparecia.

(CARRASCO, 2010a, p.32 e 373)



Ao saber dos filhinhos, Mário fez questão de visitar sua amiga. Ficou observando Nina alimentando os seus filhotes. Tornara-se uma mãe cuidadosa, e as ararinhas já abriam as asas ensaiando os primeiros voos.
Ao ver Nina tão feliz, Mário não pôde deixar de sorrir, orgulhoso.

(CARRASCO, 2010a, p.36 e 37)

O livro *Meus dois pais* (2010b) foi ilustrado por Laurent Cardon⁹. Dentre os livros analisados este possui o maior número de ilustrações que ampliam o sentido do texto verbal. Nas páginas 4 e 5 ocorre a discussão entre os pais de Naldo, a ilustração apresenta o menino no meio da briga do casal e as palavras proferidas por eles são simbolizadas por figuras geométricas. Existem cinco círculos, dois deles estão sendo perfurados por triângulos e dois são pequenos, restando somente um círculo grande intacto. Esses círculos poderiam

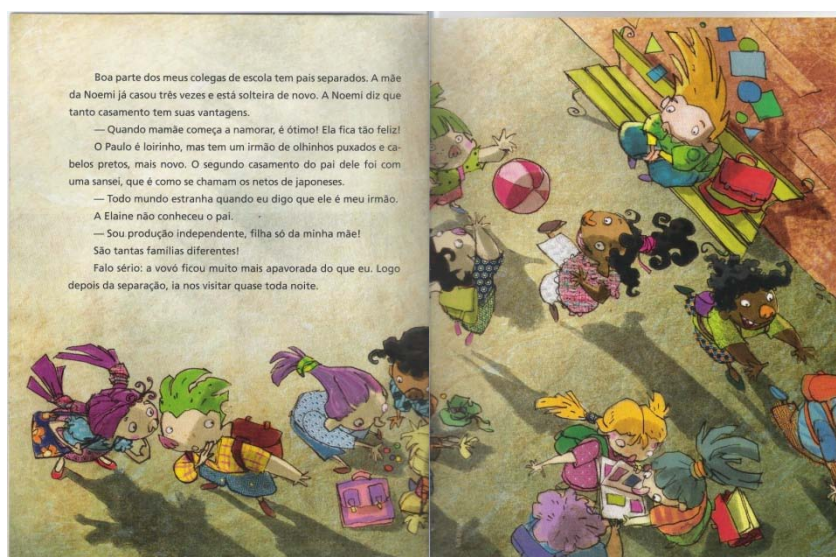
⁹ “Laurent Cardon nasceu na França, mas mora e trabalha no Brasil há muito tempo. Já ilustrou vários livros, tendo um deles recebido o selo de Altamente Recomendável da FNLIJ. Além de ser ilustrador, trabalha com animação de série longa-metragem e com publicidade, leciona cinema, é sócio de uma produtora de animação e se dedica muito à criação de *storyboard* para filmes de ficção.” (Disponível em: http://www4.ftd.com.br/v4/Biografia.cfm?aut_cod=156&tipo=I Acessado em: 21/05/2011).

representar as palavras suaves que não machucam, pois não possuem pontas. Há vários triângulos, quadrados e retângulos se chocando e se estilhaçando como se fossem vidros sendo quebrados e vão caindo sobre a cabeça de Naldo que tampa os ouvidos para não escutar as ofensas trocadas por seus pais.



(CARRASCO, 2010b, p.4 e 5)

A cena seguinte se passa na escola, enquanto todas as crianças brincam, Naldo fica sozinho, sentado em um banco pensando na discussão de seus pais. Isso pode ser percebida pelas figuras geométricas ao redor de sua cabeça. Duas crianças que estão na diagonal oposta a Naldo cochicham algo a seu respeito, ação representada pelo olhar das crianças e pela mão posicionada ao lado da boca do menino, situação comum quando alguém quer “esconder” o que está dizendo.



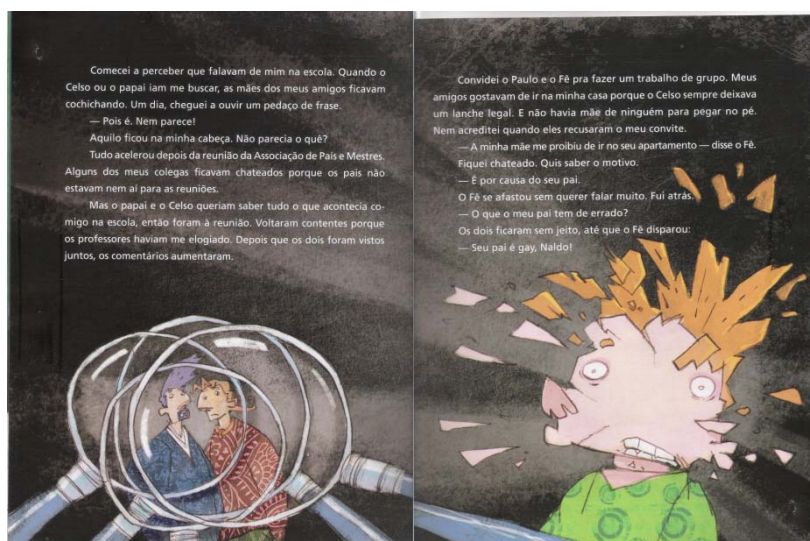
(CARRASCO, 2010b, p.6 e 7)

Nas páginas 10 e 11 Naldo, seu pai e Celso parecem flutuar em uma atmosfera verde de temperos e legumes que se referem às aulas de culinária que tiveram com Celso. O semblante de todos é de felicidade. Essa imagem resume o sentimento de Naldo antes de descobrir a opção sexual de seu pai.



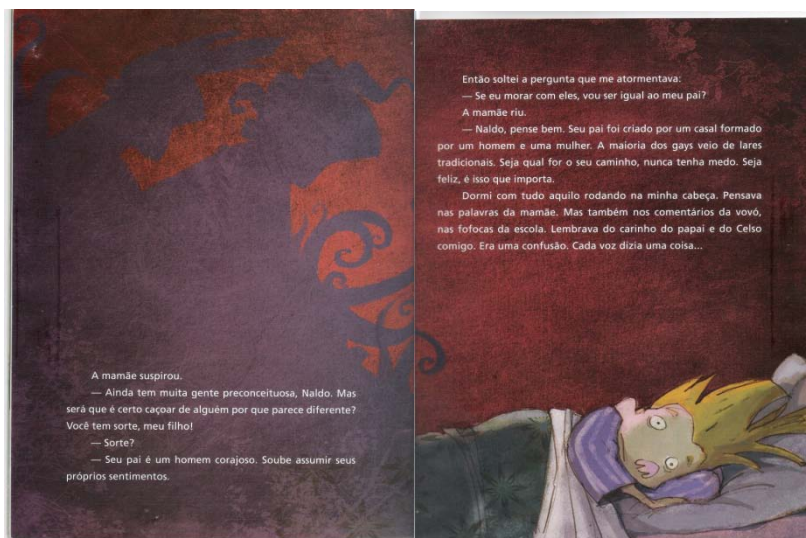
(CARRASCO, 2010b, p.10 e 11)

Nas páginas 20 e 21, a ilustração que acompanha a descoberta de Naldo sobre a opção sexual de seu pai e que Celso era seu namorado possui um fundo preto. O pai e Celso estão lado a lado e sobre a imagem deles há quatro lupas demonstrando que a vida deles é observada de perto. Naldo é retratado de olhos arregalados e com a cabeça estilhaçada como se tivesse sido atingido por uma bomba.



(CARRASCO, 2010b, p.20 e 21)

Nas páginas 32 e 33, o fundo da ilustração é vermelho para demonstrar que Naldo ficou pensando no relacionamento de seu pai com Celso e nas explicações de sua mãe sobre o assunto. As sombras de seu pai e Celso estão em um roxo bem escuro como se esses pensamentos estivessem assombrando-o.



(CARRASCO, 2010b, p.32 e 33)

Por meio da análise das ilustrações desses textos, pudemos perceber que elas ampliam a compreensão do leitor sobre os assuntos abordados no texto verbal. No caso dos textos da *Coleção Todos Juntos*, o texto verbal e o não-verbal ou imagético comungam o mesmo espaço e a leitura de ambos ocorre simultaneamente. Dessa forma, uma leitura é complementada pela outra e utilizando os conceitos de presença e ausência, percebemos que as escolhas realizadas pelos ilustradores ampliaram as temáticas propostas por Walcyr Carrasco, promovendo não só a ornamentação do texto, como também sugerindo outras aplicações para as temáticas apresentadas pelo texto verbal.

5.2.6 Temática

Analisando os livros de Walcyr Carrasco, percebemos que a estrutura estética por ele utilizada não apresenta inovações, porém os seus textos são inovadores em relação à temática. O autor utiliza uma estrutura convencional com a qual o leitor está familiarizado e discute temas polêmicos no momento histórico em que ele escreve. Existem alguns assuntos que se repetem em suas obras. Com o intuito de compreender melhor as temáticas utilizadas pelo autor, construímos o quadro explicativo 8:

Quadro explicativo 8: Temática dos textos de Walcyr Carrasco

Obra	Temática familiar	Temática social (discriminações)	Temática ambiental
A ararinha do bico torto	X	X	
A corrente da vida	X	X	
A palavra não dita	X		
Estrelas tortas	X	X	
Irmão Negro	X	X	
Meu primeiro beijo	X		
Meus dois pais	X	X	
O anjo linguarudo	X	X	
O caçador de palavras		X	
O mistério da gruta			X
Pituxa, a vira-lata		X	
Quando meu irmãozinho nasceu	X	X	
Vida de droga	X	X	

Fonte: Produção literária infantil e juvenil de Walcyr Carrasco: uma análise da construção narrativa e da representação de grupos sociais (1979 – 2010)

O livro *O mistério da gruta* (2002d) apresenta uma temática ambiental, fato evidente tanto no interior do livro quanto na sua apresentação e na entrevista do autor ao final do texto. O livro foi escrito sob encomenda para a série *Deu no Jornal*, da Editora FTD que propôs aos autores que escrevessem uma história tomando como ponto de partida uma notícia de jornal. No trecho a seguir, há a explicação de Walcyr Carrasco:

Quando me convidaram para escrever um livro para a coleção *Deu no Jornal*, busquei uma notícia simples. Para mim, qualquer tema, quando aprofundado, pode abrir as portas da imaginação. Encontrei o que buscava ao ler uma notícia de turismo. Podia até passar despercebida. Mas tratava de um tema fascinante. Ou seja, da relação de dois mundos diferentes. Um deles, o nosso. O outro, o dos peixes albinos. Muitas vezes não percebemos as regras dos universos que estão ao nosso lado. Podem ser os peixes de um lago escondido. Ou uma nova turma de amigos. Para conviver bem, é preciso entender não só as palavras, mas o que é revelado por meio dos gestos, das atitudes. (CARRASCO, 2002d, p. 52)

As informações descritas pelo autor estão no texto literário, mas como já afirmamos, o autor costuma explicar a sua temática. Percebe-se que Carrasco pretende deixar explícito o assunto do livro que parte de uma temática ambiental e adentra a das relações interpessoais. O autor propõe, neste texto, o diálogo entre o universo animal e o humano. Isso fica evidente quando a serpente, ao se referir aos humanos classifica-os como sendo traiçoeiros, característica que os humanos a atribuem. O leitor toma conhecimento dos fatos

narrados sob duas perspectivas: a dos humanos e a dos animais e, isso promove uma reflexão sobre as possíveis consequências dos atos dos humanos sobre a natureza. Novamente o autor utilizou um assunto amplamente discutido em nossa sociedade como assunto da sua obra.

No livro *Vida de droga* (2002e) a temática, como o título antecipa, é sobre o consumo de drogas. Há uma contradição entre o que as personagens afirmam sobre o seu vício e as ações que praticam, possibilitando assim, uma reflexão por parte do leitor sobre as verdades e os mitos a respeito do consumo de drogas:

Em parte, Dora percebeu isso era verdade. Apenas a vontade fazia com que ela resistisse à dor, à ansiedade, à falta da droga. Ao buraco que havia dentro dela. Um vazio. Como se a droga fosse uma espécie de tapume. Uma parede que cobria um lugar oco. Um pedaço de Dora onde não havia sonhos, nem pensamentos. Só escuridão. Agora, sem as pedras, os sentimentos negativos vinham à tona. Não sabia o que fazer com eles. Às vezes sentia raiva de tudo e de todos. Outras, tinha crises de choro. O gesto de Paulo, a preocupação da mãe, os bilhetes de André, as cartas do pai... e até um retrato do novo irmãozinho, tudo isso contava. As visitas de Clarice, do pastor e do padre também faziam bem. Passava horas conversando com Clarice. Nos traços da mulher percebia a doçura de Elias. Lembrava-se dele com ternura. Somente um dia a mãe do rapaz tocou no nome do filho falecido. (CARRASCO, 2002e, p. 158)

No início desse livro, o leitor é levado a acreditar que Dora somente se tornou uma viciada porque seu pai perdeu o emprego, empobreceu e se separou de sua mãe. No entanto, no decorrer da narrativa são apresentadas outras personagens que aparentemente não teriam motivos para se revoltarem e procurarem as drogas. Guilherme, seu namorado, era de uma família de classe média, jogador de basquete. Magda era filha de um dos empresários mais ricos de São Paulo. Elias era filho de pastores presbiterianos. Assim como outras personagens que possuíam uma estabilidade econômica e familiar, mas também eram viciados em drogas. Entretanto, quando Dora está perambulando pelas ruas, conhece tanto trombadinhas e prostitutas quanto uma família com pai, mãe e filhos que após o pai ficar desempregado precisaram viver na rua. Apresentando essas personagens e suas histórias de vida, o narrador possibilita uma reflexão, não apenas sobre o consumo de drogas, mas também sobre o caráter das pessoas e de como elas reagem frente às dificuldades.

O livro *O caçador de palavras* (1993b) reflete sobre o valor das aparências, que não deixa de ser uma discriminação, pois Júlio Malatesta somente consegue enganar as pessoas porque se veste como elas gostariam que ele se vestisse e utiliza a variante linguística própria da esfera social na qual está infiltrado. Para poder conviver com a nobreza, roubou o

anel de um dos empresários com os quais estava em Angra dos Reis e forjou um naufrágio. Quando fora resgatado por turistas foi “reconhecido” pelo anel que usava.

— Olhe o anel. Deve ser de família nobre.
O dono da lancha fez o que eu tinha previsto: levou-me diretamente para o ninho de nobres que viviam em Parati, acreditando que eu seria parente deles. (CARRASCO, 1993b, p.47)

Júlio conviveu com a nobreza até ser descoberto como impostor em um jantar. Fugiu para o Rio de Janeiro onde, vestido de caipira, aplicava o golpe do bilhete premiado na rodoviária:

O sujeito me pagava e partia, certo de ter dado o golpe do ano no caipira. Eu esquecia meu sotaque e voltava para o barraco do morro onde me abrigara. É incrível o número de pessoas que ainda querem bancar as espertas e compram um bilhete premiado. Foi assim que sobrevivi, com a barba por fazer, tênis sujo de terra, camisa xadrez. Mais uma vez, eu provava minha tese: o modo de falar me dava credibilidade. (CARRASCO, 1993b, p.61)

O protagonista usa disfarces e modifica a sua linguagem de acordo com a esfera social que pretende ludibriar. Com o intuito de espalhar a palavra *ife* pelo mundo, Júlio Malatesta se disfarça de técnico de som para poder entrar na festa em homenagem à atriz americana Shirley Mac Britton e depois se veste como os demais convidados para poder se aproximar da atriz. “Corri para o banheiro, tirei o macacão, pus o smoking e fiquei trancado durante uma hora e meia, lendo o jornal. Quando ouvi o barulho dos convidados, saí.” (CARRASCO, 1993b, p. 71)

Com esse texto, o autor evidencia a maneira como as pessoas utilizam a linguagem, assim como suas vestimentas são determinantes para elas serem ou não aceitas em um determinado grupo social. Enfatizando, dessa maneira, a importância do domínio, por parte do falante, de vários artifícios para obter sucesso nos relacionamentos sociais.

Em *A corrente da vida* (1993a), o assunto principal é a vida dos soropositivos. O autor discorre sobre a importância da família e o respeito e carinho que Nel tinha para com seu pai. Mas o assunto principal é o preconceito sofrido pelos soropositivos. Os dois trechos abaixo demonstram a intolerância de algumas pessoas para com os enfermos:

O dia seguinte foi pior. Mal chegamos – dona Mariana achou melhor me buscar novamente -, vi que o circo estava armado. Várias mães estavam no portão. Eu e Nel nos entreolhamos. O inspetor chamou:
— Nelson, a direção quer falar com você. (CARRASCO, 1993a, p. 41)

No dia seguinte, havia uma passeata de mães, com cartazes do tipo: Salvem nossos filhos”. Notei, naturalmente, que não eram todas as mães. Apenas um grupo, o mesmo do dia anterior. Não pudemos entrar e, naquele dia, não houve aula. Mais tarde, dona Mariana recebeu um convite para se encontrar com o diretor. Pediu que eu a acompanhasse. (CARRASCO, 1993a, p. 43)

Esses trechos evidenciam as dificuldades enfrentadas pelos soropositivos e a reação de parte da sociedade que prefere excluir o doente a conviver com ele. Apesar de ter sido publicado na década de noventa, a sua temática é atual e o autor apresenta também as dificuldades financeiras enfrentadas pela família de Nel em manter o tratamento. Os primeiros medicamentos destinados ao tratamento da AIDS somente foram disponibilizados pelo Ministério da Saúde a partir de 1991. No início da década de 1990 o tratamento era experimental e caro como relata a mãe de Nel que gastou todas as suas economias para poder comprar o medicamento necessário para seu filho. Essa dificuldade financeira promoveu a união dos amigos de Nel que fizeram um pedágio para comprar o remédio.

As dificuldades enfrentadas por Nel e sua família são parecidas com as de Marcella, protagonista do livro *Estrelas tortas* (1997a). O texto apresenta tanto as dificuldades emocionais e o preconceito das pessoas como também a questão financeira, manifesto no trecho em que o pai de Marcella reflete sobre as suas dificuldades em suprir as necessidades da família:

Muitas vezes me sentia um fracassado. A falta de dinheiro era terrível. Um tratamento pode ficar muito caro. A cadeira de rodas, consegui comprar graças à ajuda da família. Breve nos acostumamos a deixar de lado os pequenos luxos. Economizávamos no que podíamos. Certa vez, Guilherme reclamou que o tênis estava apertado. Eu e Aída nos olhamos, preocupados. Não tínhamos dinheiro nem para um par de tênis dos mais comuns. Eu só deveria receber em quinze dias e, mesmo assim, não sobraria nada. Aída disse:

— Vamos cortar as unhas do pé, Gui. Quem sabe assim fica folgado. (CARRASCO, 1997a, p.66-7)

A dificuldade financeira é um tema recorrente nos livros de Walcyr Carrasco, assim como a temática familiar. As histórias ocorrem em esferas sociais de classe média ou pobre. A passagem acima ocorre também em outros livros ficcionais e no autobiográfico *Em busca de um sonho* (2006) como podemos verificar:

[...] Eu estava sentado na porta da loja, porque meus sapatos estavam apertados. Mal conseguia andar, e havia um buraco na ponta do dedão do pé direito. Meus pais não haviam tido como comprar novos. Esperava ganhá-los

no Natal. Normalmente, teria preferido um brinquedo. Os moleques da rua já faziam piada do meu dedão de fora. (CARRASCO, 2006b, p.15)

Esse trecho reforça as afirmações do autor de que se baseia nas suas experiências pessoais para compor suas personagens e suas narrativas.

No livro *A ararinha do bico torto* (2010a), existe tanto a temática familiar relacionada à rejeição e ao abandono de Nina devido à sua deficiência física, como também evidencia o preconceito que ocorre com pessoas portadoras de necessidades especiais. No início do livro, a arara-mãe percebe a deficiência da ararinha e afirma: “__ Talvez seja até o filhote de um outro pássaro que abandonou o ovo em meu ninho! – disse a mãe. __ Os meus são perfeitos.” (CARRASCO, 2010a, p.12) Essa fala da mãe, deixa claro o preconceito que ela tem para com seu filhote e a justificativa do fato de ele ter sido derrubado do ninho.

Embora essa história ocorra no universo animal, sabemos que durante muito tempo os portadores de algum tipo de deficiência eram excluídos da sociedade e em alguns casos abandonados para que morressem. Atualmente, há uma política de inclusão social dos portadores de necessidades especiais nas atividades rotineiras da sociedade. No entanto, existem ainda muitas dificuldades nessa inserção, mesmo com relação aos processos mais simples como a locomoção dessas pessoas. O livro possibilita a discussão sobre a inclusão social e sobre as dificuldades e preconceitos pelos quais os portadores de necessidades especiais passam. Temática pertinente se considerarmos as políticas oficiais que visam à inclusão desses cidadãos na sociedade.

A temática predominante no livro *Irmão Negro* (1995) é a discriminação racial. No entanto, a questão familiar relacionada à pobreza também ocorre. Com relação à família, esse livro apresenta famílias convencionais como a de Léo, que é filho único. Entretanto, Sérgio transita entre várias estruturas familiares, primeiro pela convencional, depois seus pais se separam, torna-se órfão e vai viver nas ruas de Salvador até ser adotado pela tia, que não conhecia, e, no final do livro, seu pai aparece, mas opta por deixá-lo vivendo na casa de Léo.

Esse livro apresenta também reflexões acerca da discriminação racial e da precariedade em que vivem muitas crianças brasileiras. A cena da chacina possibilita uma reflexão sobre a violência e sobre o medo do cidadão comum em denunciar os atos ilegais que presencia:

Foi andando, quase caindo de fome e sede. Parou num bar, conseguiu um sanduíche de pão velho. Com a condição de ir para longe, sair daquele lugar. O dono e sua mulher tinham ouvido o rugir da metralhadora, gritos e gemido. Mesmo assim, preferiram ficar calados, porque isso era normal ali.

Não queriam ser vistos com o garoto e nem que pensassem que sabiam mais do que seria seguro. (CARRASCO, 1995, p. 58)

Considerando o contexto histórico desse livro, a década de 1990, percebemos que foi um período marcado por várias chacinas como as de Acari, Vigário Geral e da Candelária ocorridas na cidade do Rio de Janeiro. Essa contextualização comprova que o autor utiliza fatos do cotidiano, de preferência polêmicos, como pano de fundo na construção de seus textos.

Pituxa, a protagonista do livro *Pituxa, a vira-lata* (2010c), é desprezada por não possuir *pedigree*, e por ser pobre. O autor explora a discriminação social fazendo com que o leitor reflita sobre as diferenças presentes em seu cotidiano. Para personificar essa temática ele utilizou como personagens, um morador de rua, sua cachorra vira-lata e um jornalista, para caracterizar as personagens pobres, e uma família rica com seus cães pastores alemães para contrastar com eles.

No livro *Quando meu irmãozinho nasceu* (1988) a temática é a familiar. O autor apresenta a alegria de uma criança ao saber que terá um irmãozinho. No trecho a seguir, são apresentadas as famílias de alguns amigos de Pedrinho, constituídas numa estrutura familiar não convencional. Mas a nova estrutura familiar que vem se firmando na sociedade atual: pais e mães que se separam e constituem novas famílias às quais se juntam os filhos de casamentos diferentes dos cônjuges. No entanto, a família do protagonista é convencional. Outro fator recorrente na atualidade presente nessa obra é a crescente influência dos avós na educação dos netos. Atitude evidenciada pela história de vida da personagem Ana Lúcia que vive com sua avó:

A Ana Lúcia é que era engraçada: disse que tinha uma porção de irmãos, mas não conhecia todos eles. É que a mãe e o pai dela tinham casado muitas vezes. Ela, por exemplo, só tinha nascido quando a mãe dela casou pela segunda vez e o pai pela primeira vez. Então, a primeira irmã dela era grandona e ela conhecia muito bem, porque as duas moravam com a avó, mãe da mãe dela. Mas o pai tinha casado outra vez e tinha dois filhos que só eram irmãos por parte de pai. Como eles moravam longe, só se viam de vez em quando. E o mais engraçado é que agora a mãe dela tinha casado com um japonês e ela ia ter um irmãozinho japonês de olhinhos puxados! (CARRASCO, 1988, p. 7)

Pudemos perceber, com a leitura do trecho acima, que os livros retratam não só a esfera branca da sociedade brasileira, mas cita também, os orientais e em outros textos os afro-descendentes e imigrantes europeus.

No livro *Meus dois pais* (2010b) ocorrem as temáticas familiar e a discriminação contra homossexuais. Assim como o que ocorre no livro *Quando meu irmãozinho nasceu* (1988), em *Meus dois pais* (2010b) há um trecho no qual Naldo apresenta a família de seus amigos e explica que o fato de seus pais se separarem não é um problema, mas sim algo comum na sociedade contemporânea. No entanto, quando Naldo descobre que seu pai é homossexual e Celso, o suposto amigo de seu pai, na verdade é seu companheiro, o menino entra em choque, pois não está preparado para uma mudança tão drástica em sua vida:

Era como se eu estivesse no meio de um terremoto. Já tinha ouvido falar de gays. Havia um colega de classe no ano passado de quem todo mundo caçoava. Ameaçavam até bater nele. Chamavam ele de gayzinho, porque falava de um jeito mais delicado.

Mas meu pai? Não podia ser!

O papai tinha sido casado. Como podia ser gay? (CARRASCO, 2010b, p.22)

A temática desse livro, além de ser polêmica, pertence às discussões do mundo contemporâneo, no qual há debates em vários países sobre a legalização do casamento entre homossexuais e a garantia aos mesmos benefícios que os cônjuges heterossexuais possuem, seja referente a heranças, planos de saúde ou pensões. De acordo com o Censo 2010, realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), existem 60.002 famílias homossexuais no Brasil. (IBGE, 2010) Essa informação reforça a afirmação de que a temática utilizada por Carrasco reflete os assuntos polêmicos do contexto histórico e político de produção de seus textos.

O livro *Meu primeiro beijo* (1997b) não se aprofunda em temáticas polêmicas. Em determinado trecho sugere a pedofilia, mas não a explora. Apresenta muito mais a importância de um pai na vida de Clara e as incertezas de uma adolescente quanto aos seus sentimentos e sua aparência física.

No livro *O anjo linguarudo* (1999), ocorrem temas referentes à questão familiar: formação do caráter de uma criança, perda dos pais e adoção. O trecho que resume a temática do livro baseia-se na conversa entre Samuel e Felipe sobre a formação do caráter, após Felipe ter delatado seus amigos que haviam colocado um bombom com pimenta na lancheira de Geraldo, um dos meninos do colégio.

— Quer dizer que você delatou seus amigos?

Abri a boca, surpreso! Delatar... delatar, ou seja, dedurar era a última coisa que eu esperava ouvir.

— Eu não fiz por querer! – tentei me defender.

Ficou ainda mais sério.

__ Ninguém faz uma coisa dessas sem querer. Pra mim o pior defeito do mundo é alguém ser dedo-duro.
Gelei. Tio Samuel parecia tão bravo! Eu não sabia mais como me defender.
(CARRASCO, 1999, p.44)

A temática do livro *A palavra não dita* (2007) também é a familiar. Mas a questão agora é sobre os filhos de pais desconhecidos. A personagem Cibele vive o drama de não saber quem é seu pai biológico e quando descobre a sua identidade é rejeitada por ele que a considera uma golpista. Contudo, ela consegue provar seu real interesse pela figura paterna e não pelo conforto material que ele poderia prover.

__ Mas quando você levantou, disse tudo o que pensava e rasgou o cheque, eu me senti mexido por dentro. Eu teria feito o mesmo que você! Quantas vezes rejeitei boas propostas, bons salários, bom dinheiro! Eu nunca quis vender meus sonhos. É tão surpreendente, Cibele! Você foi criada longe de mim. É a primeira vez que conversamos. Mas não é uma estranha. Você é igualzinha a mim. (CARRASCO, 2007, p. 162)

Demonstramos, com esse estudo, que a temática predominante nas narrativas analisadas de Walcyr Carrasco é a familiar à qual se juntam assuntos polêmicos do contexto histórico em que a obra foi escrita. Informação comprovada pela tabela a seguir:

Tabela 4: Principal temática abordada na obra

Desestruturação familiar	32	21%
Uso de drogas	17	11,2%
Preconceito enfrentado pelos soropositivos	16	10,5%
Abandono familiar/ adoção/ tragédia familiar	15	9,9%
A chegada de um irmão	13	8,6%
Preconceito racial	12	7,9%
Meio ambiente	10	6,6%
A formação das palavras	8	5,3%
Deficiência física – Paraplegia	8	5,3%
Discriminação social	7	4,6%
Homossexualismo	7	4,6%
Discriminação com portadores de necessidades especiais	5	3,3%
A formação da linguagem	1	0,7%
Preconceito enfrentado por soropositivos	1	0,7%
TOTAL	152	100,0%

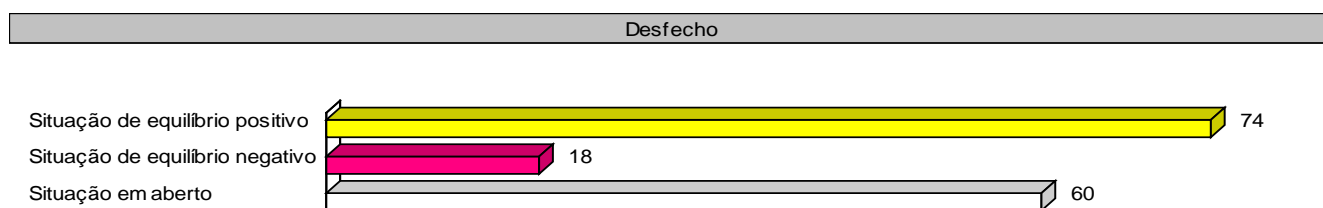
Fonte: Pesquisa Personagens em Walcyr Carrasco – SoftwareSphinx 5.1 versão Léxica

Considerando a tabela construída com base em fichas respondidas sobre cada uma das personagens, percebemos que a temática familiar e suas variantes ocorrem em vários textos. Nos livros analisados, o autor explora temas do cotidiano do adolescente e das crianças, assuntos veiculados pela mídia passíveis de serem adotados em escolas, o que garantiria a vendagem de seus livros.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais apresentam como sendo os temas transversais que devem ser trabalhos em sala de aula: Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde, Orientação Sexual e Temas Locais. (BRASIL, 1997, v.8, p. 31-6). Considerando as editoras nas quais os livros são publicados – de grande circulação no ambiente escolar - e suas temáticas, percebemos que há uma preocupação em adequar a literatura produzida às necessidades da Educação Básica. Tal fato assegura a adoção desses livros nas escolas e, conseqüentemente, sua vendagem.

Outro dado relevante a ser analisado é o desfecho das personagens na trama. Verifiquemos:

Gráfico 14: Desfecho da personagem



Fonte: Pesquisa Personagens em Walcy Carrasco – SoftwareSphinx 5.1 versão Léxica

Há uma predominância do equilíbrio positivo, seguido da situação em aberto. Observamos que, apesar do autor abordar temas polêmicos em suas narrativas, ele opta por apresentar um final feliz, ou seja, demonstrar que por mais complexas que sejam as situações pelas quais o leitor possa a vir passar sempre há a possibilidade de haver uma solução positiva. No caso das situações de equilíbrio negativo, ocorrem, normalmente, no início da trama e referem-se, em sua maioria, à morte, como está discriminado na tabela 5:

Tabela 5: Tipo de morte da personagem X cor da personagem

Tipo_morte_personagem Cor_personagem	Suicídio	Morte natural	Doença	Assas sinato	Não morre	TOTAL
Branco	0	1	3	5	87	96
Não pertinente	0	0	0	1	5	6
Negro	0	0	0	1	3	4
Amarelo	0	0	0	0	1	1
Indígena	0	0	0	0	1	1
Mulato (branco+negro)	0	0	0	0	1	1
Cafuzo (Índio+Negro)	0	0	0	0	0	0
Sem indícios	0	0	0	0	0	0
Caboclo (branco+índio)	0	0	0	0	0	0
Pardo	0	0	0	0	0	0
TOTAL	0	1	3	7	98	109

Fonte: Pesquisa Personagens em Walcyr Carrasco – SoftwareSphinx 5.1 versão Léxica

O maior número de mortes ocorre com as personagens brancas que constituem a maioria entre as personagens. Entretanto, o único assassinato é o de Elias, um usuário de drogas que se tornou traficante. Há predominância de mortes por doença. A morte, nos textos de Carrasco, promove uma mudança na vida das outras personagens e conseqüentemente em sua personalidade. No livro *O anjo linguarudo* (1999), a morte dos pais possibilitou uma ascensão social a Felipe que foi adotado por Samuel. Em *Vida de droga*, (2002e) a de Elias desestabilizou Dora que ficou novamente desamparada, mas próximo ao final do livro, é a lembrança de Elias e da mãe dele que a faz abandonar as drogas e procurar tratamento.

A morte constituiu-se, por muito tempo, como tema tabu na literatura infantil e juvenil. Somente a partir da década de 1970, com os livros da vertente verista é que passou a ser colocada em foco. Na literatura contemporânea há muitos autores que abordam esse tema como Lygia Bojunga e Luís Dill, seja acobertada pelo elemento maravilhoso ou revelada ao leitor de uma forma mais realista como ocorre nas narrativas de Walcyr Carrasco.

Enfim, não esgotamos as análises sobre a estrutura dos textos narrativos de Walcyr Carrasco, mas a partir dos textos selecionados, tentamos compreender as características pertinentes às suas narrativas. Temos consciência de que o presente estudo é apenas introdutório, pois o autor permanece em atuação e seus artifícios estéticos tem se aprimorado, prova disso, é a superioridade de sua coleção, mais recente, *Todos Juntos* da Editora Ática em comparação com seus primeiros textos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui apresentada teve como objetivo realizar uma análise quali-quantitativa das obras de Walcyr Carrasco, observando aspectos de sua construção narrativa. Por meio da análise quali-quantitativa, observamos como foram estruturados os elementos que compõem alguns textos literários do autor, a partir da leitura de elementos como as personagens, o narrador, o tempo, o espaço, a linguagem, as ilustrações e as temáticas.

Com relação às personagens presentes nas narrativas analisadas, pertencem às várias camadas da sociedade brasileira, com prevalência do sexo masculino e da classe média. O autor apresenta, de modo rarefeito, personagens negros, mulatos, índios, homossexuais e bissexuais. Embora a classe dominante seja a média, outras classes sociais são retratadas, principalmente a pobre. Contudo, apesar de retratar temas polêmicos, o autor não faz uma representação diferente dos estereótipos sociais existentes para negros, indígenas, mulatos e pardos: uma vez que impera, em suas narrativas, a representação de que certas etnias vivenciam, indiscriminadamente, a pobreza cultural em função de sua baixa escolaridade. Tal afirmação é percebida quando se observa que entre as personagens brancas há vários níveis de escolaridade enquanto entre as outras etnias prevalece o analfabetismo e o Ensino Fundamental.

Há uma predominância de protagonistas crianças e adolescentes. Embora seja maioria entre as personagens, o adulto é coadjuvante nos textos de Walcyr Carrasco. Normalmente, ele possui um grau de parentesco com a protagonista, ou é um professor, ou coordenador da escola na qual a protagonista estuda. Este fato parece ser recorrente no universo ficcional criado para a infância e a juventude já que esta é a situação característica da criança: ser em transição entre a infância e a fase adulta.

Evidenciamos que toda narrativa é construída a partir da consideração de um público, podendo este estar presente no texto de forma explícita ou implícita. No caso das narrativas analisadas o público ao qual elas se destinam é o infantil e o adolescente pertencentes aos séculos XX e XXI.

Analisando o narrador dos livros do referido autor constatamos que pressupõem um leitor contemporâneo adaptado à velocidade e à tecnologia do mundo atual. Os textos são relatados com objetividade, há poucas descrições de ambientação e personagens. A ênfase recai sobre a ação das personagens. O foco narrativo é o externo, sob o ponto de vista do adulto que apresenta um ensinamento ao leitor mirim. Há ocorrências constantes do narrador intruso que suspende a narrativa para acrescentar informações, normalmente de natureza

científica, sobre os fatos que estão sendo narrados, evidenciando uma intenção pedagógica ou formativa nos textos do autor.

Algumas narrativas permitem aos leitores em formação o contato com perspectivas diferentes, pois o mesmo fato é narrado sob pontos de vista distintos. Notamos que nos livros de Walcyr Carrasco ocorre uma transformação nas personagens, principalmente nas protagonistas. Nas narrativas autodiegéticas, esse fator pode promover também uma transformação no leitor, pois à medida, que ele está lendo um texto escrito em primeira pessoa ele se coloca no lugar da personagem e passa a ser seu cúmplice e as transformações que ocorrem nelas também podem ocorrer nele. Os textos promovem um amadurecimento do leitor, à medida que, ele é incentivado a tomar uma atitude frente aos seus problemas. Nas narrativas analisadas, o conflito foi solucionado pela protagonista que precisou desenvolver a sua autonomia para enfrentar a situação, demonstrando, portanto, ao leitor mirim que ele é capaz de solucionar seus próprios problemas desde que se empenhe em fazer isso.

É característico, nesse autor, a falta de descrições de acontecimentos secundários, das personagens e do ambiente. Ele utiliza constantemente a *elipse*, a *cena* e a *digressão* enquanto a *pausa descritiva* é raramente utilizada, evidenciando que suas narrativas privilegiam a ação em detrimento de uma exploração mais complexa, seja no plano psicológico, seja ideológico, de seus acontecimentos e personagens. Nos textos, portanto, prevalece como aspecto a ser posto em primeiro lugar, a fábula ou a história das personagens, fazendo a ação se transformar no elemento mais importante, em detrimento da trama ou do enredo.

A maioria dos livros de Walcyr Carrasco apresenta uma ambientação que oscila entre a *reflexa* e a *dissimulada*. Há uma grande incidência de não caracterizações, pois as ações ocorrem em espaços que poderiam pertencer a qualquer região brasileira com predominância das regiões sudeste e sul.

Analisando os livros de Walcyr Carrasco, percebemos que o autor não apresenta nenhuma inovação quanto à estrutura estética, porém os seus textos abordam temáticas atuais e polêmicas como o reconhecimento da paternidade, o uso de drogas, a homossexualidade, violência, discriminação social, deficiência física, racismo, AIDS, adoção e temas referentes ao meio ambiente. Percebemos que Carrasco, partindo de uma estrutura convencional que não apresentará nenhuma dificuldade de compreensão para o leitor em formação, consegue cativar seu público leitor, à medida que apresenta assuntos que estão sendo discutidos pela mídia, sendo, portanto, do interesse tanto de seu público leitor quanto das instituições escolares que

objetivam formar cidadãos críticos e participativos na sociedade, ainda que a vivência interior das personagens que povoam seus textos não seja apresentada ou uma visada mais complexa desses temas não seja trazida ao leitor.

O autor costuma explicar a temática de seus textos no final do livro. Evidenciamos que a temática familiar está presente em muitos livros de Walcyr Carrasco, sempre retratando uma estrutura diferente da considerada convencional. No entanto, em grande parte dos textos, a família do protagonista é a convencional. Ou seja, há uma preocupação, por parte do autor, em apresentar as novas estruturas familiares, mas de uma forma sutil, sem que haja um confronto direto aos padrões familiares tradicionais.

Diante das análises realizadas, ressaltamos que ao ler os textos produzidos por Walcyr Carrasco o leitor terá contato com certa pluralidade social, cultural e étnica tal qual a realidade brasileira por meio de uma linguagem simples e de fácil compreensão.

Com relação à linguagem, o autor utiliza frequentemente períodos simples, frases de apenas uma palavra. Emprega palavras suprimidas tipicamente utilizadas na oralidade como os usos do *tá* e do *tava*, no lugar de *está* e *estava*. A linguagem oscila entre a formal, utilizada pelo narrador adulto, e a coloquial, pelo narrador criança ou adolescente. Contudo, esses artifícios privam o leitor do contato com outras construções sintáticas e a ampliação de seus conhecimentos linguísticos e de vocabulário. Não há ocorrência de palavras de baixo calão. Essas características permitem que seus textos tenham uma grande aceitação no ambiente escolar tanto pelos professores quanto pelos alunos.

Analisando as ilustrações dos textos do *corpus*, concluímos que elas ampliam a compreensão do leitor sobre os assuntos abordados no texto verbal. Sendo que, a leitura do texto verbal é complementada pela ilustração, uma vez que as escolhas realizadas pelos ilustradores ampliaram as temáticas propostas por Walcyr Carrasco, promovendo não só a ornamentação do texto, como também sugerindo outras aplicações para as temáticas apresentadas pelo texto verbal.

Se levarmos em consideração as editoras nas quais o autor publica as suas obras, perceberemos que elas são conhecidas pelo seu caráter educacional. Esse fator acentua o viés didático de Walcyr Carrasco e, ao mesmo tempo, possibilita a divulgação dos seus textos para serem adotados por instituições de ensino. Infelizmente, ainda prevalece a ideia de que um livro, para ser lido em uma escola, deva ensinar algo, no sentido pedagógico, e de que é necessário utilizar de maneira prática o conhecimento adquirido com o livro em ações sociais e avaliações escolares.

Cabe ao professor de literatura intermediar o acesso do aluno a diferentes textos literários, para essa mediação alcançar sucesso, o professor precisa conhecer as teorias literárias que podem orientá-lo na escolha dos textos e do método a ser utilizado para alcançar seus objetivos. Além de ser um leitor ávido e eclético tanto dos clássicos como também dos livros de autores contemporâneos que abordam assuntos do interesse de sua clientela escolar.

Salientamos que Walcyr Carrasco configura-se como uma contribuição representativa para a literatura infantil e juvenil brasileira, visto que explora temáticas polêmicas da contemporaneidade. A estruturação dos textos propicia a identificação com o público leitor, sem contudo, apresentar dificuldades de entendimento. Fator esse que facilita tanto o trabalho do leitor em formação quanto o do professor. Todavia, eles não promovem o alargamento do horizonte de expectativas do leitor com relação à forma do texto literário. As suas inovações se limitam ao plano temático, sem contudo alcançarem inovações no plano estético, uma vez que suas incursões criativas estão limitadas a alguns procedimentos recorrentes (linearidade das personagens, quase inalterabilidade do foco narrativo, adoção da focalização externa, pouca densidade psicológica das personagens). Entretanto, trata-se de um autor de seu tempo e que, com atenção, tem sabido observar as temáticas atraentes para seu público, com o qual dialoga, sem sombra de dúvida, com clareza e sem assimetrias, já que sua arte se faz pelo leitor e para o leitor, com o qual faz um diálogo sem barreiras estéticas, linguísticas ou mesmo narrativas.

REFERÊNCIAS

Obras de cunho teórico

AGUIAR, Vera Teixeira de. O leitor competente à luz da teoria da literatura. In: _____. **Revista Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, 124: 23/34, jan. - mar., 1996

AGUIAR E SILVA, V. M. O romance: história e sistema de um gênero literário. In: _____. **Teoria da literatura**. 8. ed. Coimbra: Almedina, 1988, p.671-786.

AGUIAR, Flávio. As questões da crítica literária. In: MARTINS, M. H. **Outras leituras: literatura, televisão, jornalismo de arte e cultura, linguagens interagentes**. São Paulo: Itáu Cultural/Senac, 2000.

AZEVEDO, Ricardo. Aspectos instigantes da literatura infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, Ieda de (Org.) **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil? Com a palavra o escritor**. 1ª ed. São Paulo: DCL, 2005, p.25-46.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BREDELLA, Lothar. **Introdução à didática da literatura**. Trad. Maria Assunção Pinto Correa, et al. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil?**. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção primeiros passos)

CAMARGO, L. H. **A relação entre imagem e texto na ilustração de poesia infantil**. Tigre Albino. Vol. 4, n. 1, 15/10/2010. Disponível em: <<http://www.tigrealbino.com.br/texto.php?idtitulo=8241979ded9ce3c5a7ae5cc2fc1ead9f&&idvolume=abd2170283077948edd086842c165e3f>>. Acesso em 22 de fev. 2011.

CANDIDO, Antonio. Estímulos da criação literária. In: _____. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

_____. A literatura e a formação do homem. In: **Revista Ciência e Cultura**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1972.

_____. A personagem do romance. In: ROSENFELD, A. *et al.* **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 53-80.

_____. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981.

_____. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 3ª ed. Revisada e ampliada. São Paulo: Duas cidades, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

COMPAGNON, Antoine. A literatura. In _____ **O demônio da teoria**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 3ª reimpressão. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

_____. O leitor. In _____ **O demônio da teoria**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 3ª reimpressão. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

CULLER, J. **Teoria literária**: uma introdução. (Tradução e notas Sandra Guardini T. Vasconcelos. São Paulo : Beca, 1999.

CUNHA, H. P. Os gêneros literários. In: PORTELLA, E. (org.). **Teoria literária**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979, p. 93-130.

DANZIGER, M. K.; JOHNSON, W. S. **Introdução ao estudo crítico da literatura**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1974.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997 (1-22)

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FREGONEZI, Durvali Emílio, **O professor, a escola e a leitura**. Londrina: Humanidades, 2003.

FORSTER, E. M. **Aspectos do romance**. Porto Alegre: Global, 1974.

GENETTE, G. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Veja, 1979.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2006

GLAWINSKI, Michael. "Reading, Interpretation, Reception". In **New Literary History**. vol. XI, number I, Autumn 7. Virginia: The University of Virginia, U.S.A. trad. Vânia Corrêa dos Santos Clementino. Bauru, UNESP, 1995.

GOLDIN, Daniel. La invención del niño: digresiones en torno a la historia de la literatura infantil y la historia de la infancia. In **Lectura y vida**. Revista Latinoamericana de lectura. Dez. 2001, ano 22, nº4. ISSN 0325/8637.

HANSEN, J. A. Reorientações no campo da leitura literária. In: ABREU, M.; SCHAPOCHNIK, N. **Cultura letrada no Brasil**: objetos e práticas. Campinas, SP: Mercado das letras, ALB, São Paulo: Fapesp, 2005.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Vol. I. trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Vol. II. trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 4ª Ed. Campinas: Papyrus Editora, 1996.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

KLEIMAN, A. B. Introdução: O que é letramento? Modelos de letramento e práticas de alfabetização na escola. In: _____ (org.) **Os significados de Letramento**. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. São Paulo: Ática, 6ª ed., 1999.

LINS, O. **O espaço romanesco em Lima Barreto**. São Paulo: Ática, 1976.

LODGE, D. **A forma na ficção: guia de métodos analíticos e terminologia**. Tradução: discentes do curso de pós-graduação em Letras da PUC-RS e revisão de Maria Ângela Aguiar. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUC-RS – Série Traduções. Porto Alegre, v.2, n. 1, 1996.

MACHADO, Ana Maria. Ideologia e livro infantil. In: **Contracorrente conversas sobre leitura e política**. São Paulo: Ática, 1999.

_____. **Texturas: sobre leituras e escritos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

OLIVEIRA, Valdevino Soares de. **Poesia e Pintura um diálogo em três dimensões**. São Paulo: Fundação editora da UNESP (FEU), 1999.

FITTIPALDI, Ciça. O que é uma imagem narrativa. In OLIVEIRA, Ieda (Org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador**. São Paulo: DCL, 2008.

ROJO, R. Letramento(s) – Práticas de letramento em diferentes contextos. In: _____. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 94-127.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22. Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

TOMACHEVSKI, B. Temática. In: EIKHENBAUM, B. *et al.* **Teoria literária: os formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1976, p. 169-204.

ZAPPONE, Miriam H. Y. Leitura literária: especificidades e contextos. In: SANTOS, Hérica Ribeiro dos, ANDRELINO, Paulo José, (orgs.). **Linguagens em interação II: leitura e ensino de línguas**. Maringá, PR: Clichetec, 2010, p.229-239.

_____. Leitura de textos narrativos. In: ZAPPONE, M. H.Y. (org.). **Leitura do texto literário: práticas e letramento**. Maringá : Eduem. Formação de professores em letras, 2010, pp.109-150.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11ªed. São Paulo: Global, 2003.

Obras literárias

ANDERSEN, Hans Christian. **A rainha da neve**. Adaptação de Walcyr Carrasco; Ilustrações: Suppa. Barueri SP: Manole, 2006a.

_____. **O patinho feio e outras histórias**. Adaptação de Walcyr Carrasco; Ilustrações: Suppa. Barueri SP: Manole, 2006b.

_____. **O soldadinho de Chumbo e outras histórias**. Adaptação de Walcyr Carrasco; Ilustrações: Suppa. Barueri SP: Manole, 2006c.

DUMAS, Alexandre Filho. **A dama das camélias**. Tradução e adaptação: CARRASCO Walcyr. Ilustrações: Alexandre Camanho. São Paulo: FTD, 2003.

CARRASCO, Walcyr. **A menina que queria ser anjo**. Ilustrações Walter Ono. São Paulo: Cultrix, 1986.

_____. **Meu encontro com o papai Noel**. Ilustrações José Carlos de Brito. São Paulo: Quinteto Editorial, 1987.

_____. **Quando meu irmãozinho nasceu**. Ilustrações Marcelo Cipis. São Paulo: Quinteto Editorial, 1988.

_____. **A corrente da vida**. Ilustrações Martinez. São Paulo: Moderna, 1993a.

_____. **O caçador de palavras**. São Paulo: Ática, 1993b.

_____. **O menino narigudo**: livremente inspirado na história de Cyrano de Bergerac; Newton Foot. São Paulo: Moderna, 1993c.

_____. **Irmão Negro**. Ilustrações Herrero. São Paulo: Moderna, 1995.

_____. **O garoto da novela**. Ilustrações Hector Gomes. São Paulo: Moderna, 1996a.

_____. **O golpe do aniversariante e outras crônicas**. Ilustrações Marcello Araujo. São Paulo: Ática, 1996b.

_____. **Estrelas tortas**. Getúlio Delphin. São Paulo: Moderna, 1997a.

_____. **Meu primeiro beijo**. Ilustrações Olavo Cavalcante. São Paulo: Quinteto Editorial, 1997b.

_____. **Balança coração**. Ilustrações Cláudia Scatamachia. São Paulo: Ática, 1997c.

_____. **O anjo linguarudo**. Ilustrações Cris & Jean. São Paulo: Moderna, 1999.

_____. **O selvagem**. Ilustrações Roberto Alvarenga. 2ª ed. São Paulo: Global, 2000.

_____. **A asas do Joel**. Ilustrações Fé, Alberto Llinares Martin. 2ª ed. São Paulo: Quinteto Editorial, 2002a.

- _____. **Cadê o super-herói?** Carlos Eduardo Barbosa. 20ª ed. São Paulo: Global, 2002b.
- _____. **Mordidas que podem ser beijos.** Ilustrações Maria Eugenia. 2ª ed. 11ª imp. São Paulo: Ática, 2002c.
- _____. **O mistério da gruta.** Ilustrações Edu. São Paulo: FTD, 2002d.
- _____. **Vida de droga.** Rogério Vilela. 3ª ed. 7ª imp. São Paulo: Ática, 2002e.
- _____. **Pequenos delitos e outras crônicas.** São Paulo: Best Seller, 2004.
- _____. **Abaixo o Bicho-papão.** Ilustrações Eva Furnari. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005a.
- _____. **Carolina.** Ilustrações Eduardo Burato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005b.
- _____. **A senhora das velas.** São Paulo: Arx, 2006a.
- _____. **Em busca de um sonho.** Ilustrações Maria Maayumi Watanabe. São Paulo: Moderna, 2006b.
- _____. **A palavra não dita.** São Paulo: Moderna, 2007.
- _____. **Lendas e fábulas do folclore brasileiro.** Ilustrações Suppa. Vol. I. Barueri (SP): Manole, 2009.
- _____. **A ararinha do bico torto.** Ilustrações Al Stefano. São Paulo: Ática, 2010a.
- _____. **Meus dois pais.** Ilustrações Laurent Cardon. São Paulo: Ática, 2010b.
- _____. **Pituxa, a vira-lata.** Ilustrações Simone Matias. São Paulo: Ática, 2010c.
- HUGO, Victor. **Os miseráveis.** Tradução e adaptação: CARRASCO, Walcyr; Ilustrações: Marcos Guilherme. São Paulo: FTD, 2001.

Teses, Dissertações e Artigos publicados

ANDRADE, Danubia. **Da senzala à cozinha:** Trajetória das personagens negras na telenovela brasileira. Artigo. Disponível em: http://www.fafich.ufmg.br/ecomig/wp-content/uploads/2009/08/ANDRADE_Danubia_Texto.pdf. Acessado em: 22/01/2010.

BUTTNER, Daniella Barbosa, **A imagem esfacelada do professor:** um estudo em textos de revistas. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, 2009. Disponível em: http://www.pucsp.br/pos/lael/lael-inf/teses/1daniela_barbosa.pdf. acessado em 20/01/2010.

FREITAS, Marcel de Almeida. **Entre estereótipos, transgressões e lugares comuns:** notas sobre a pornochanchada no cinema brasileiro. Artigo. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/3639>. Acessado em: 22/01/2010.

JAKUBASZKO, Daniela. **Alma Gêmea:** o indígena na telenovela. Artigo. Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/handle/1904/19872>. Acessado em: 23/01/2010.

MARTINS, Renan de Oliveira. **Espiritismo e teledramaturgia:** a clara evidência de um bom “casamento” na atualidade. Projeto de pesquisa PIC. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st8/Martins,%20Renan%20de%20Oliveira.pdf>. Acessado em 10/01/2010.

MATSUDA, Alice Atsuko. Tecendo a aula de português. In: OLIVEIRA, Vanderleia da Silva (Org.). **Educação literária em foco:** entre teorias e práticas. Disponível em: <http://www.faficp.br/dirposgrad/crelit/docs/eb-educliter.pdf>. Acessado em: 03/01/2011.

_____. **Formação do leitor:** problemas e desafios. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1010-4.pdf>. acessado em: 03/01/2011.

NASCIMENTO, Angela do. **O movimento passional do discurso nas crônicas do cotidiano.** Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - , 2007. Disponível em: http://www.pucsp.br/pos/lgport/teses_dissertacoes/2007_angela_nascimento_strufaldi.html. Acessado em: 21/01/2010.

NUNES, Adalgisa Maria Oliveira. **A Literatura na TV.** Artigo. Disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/9/97/GT2-_CELACOM-_04_-_A_literatura_na_TV-_Adalgisa.pdf. Acessado em 19/02/2010.

SILVA, Valdeci Gonçalves da. **“Bofe escândalo”:** a abominável criatura das grifes. Artigo. Disponível em: http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver_opiniao.php?codigo=AOP0200. Acessado em: 22/01/2010.

SILVA, Marlon Basso; DALPIAN, Laurindo. **A crônica de Walcyr Carrasco:** Uma análise estilística. Dis. Scientia. Série: Artes, Letras e Com., Santa Maria, v.1 n.1 p. 113-126, 2000. Disponível em: <http://sites.unifra.br/Portals/36/ALC/2000/cronica.pdf>. acessado em 20/01/2010.

SOUZA, Adalto Moraes. **As conversações espontânea e literária** : um estudo comparativo. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo – Filologia e Língua Portuguesa, 2004.

TESCHE, M. Adayr. **Conhecimento e incompletude na ficção seriada**¹. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002. Disponível em: <http://www.univerciencia.org/index.php/browse/index/102?sortOrderId=&recordsPage=27>. Acessado em 22/01/2010.

_____. **A vingança da mímesis**: historicidade e midiatização da cultura na narrativa seriada televisiva. Artigo. Disponível em: <http://200.144.189.42/ojs/index.php/fronteiras/article/viewArticle/3085>. Acessado em: 20/01/2010.

VALARINI, Sharlene Davantel. **Diários de bordo**: uma viagem pela leitura de textos com o tema infância na Penitenciária Estadual de Maringá. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá - Estudos Literários, 2009. Disponível em: <http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/sdvalarini.pdf>. Acessado em: 20/01/2010.

VIDAL, Marly Camargo; MARQUES, Jane A. **O Cravo e a Rosa – uma tentativa de estudar a estilização paródica**. Artigo. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP14MARQUES.PDF>. Acessado em 15/02/2010.

XAVIER, Cecília Mancílio. **O resgate dos clássicos e a exploração**. Artigo. Disponível em: <http://www.uniesp.edu.br/revista/revista4/publi-art2.php?codigo=8>. Acessado em: 03/01/2011

Sites pesquisados

A gente se vê no teatro. Disponível em:

http://www.agentesevenoteatro.com.br/em_cartaz/index/488/6/te-amo-saao-paulo. Acessado em 10/01/2011.

CARDON, Laurent. Disponível em:

http://www4.ftd.com.br/v4/Biografia.cfm?aut_cod=156&tipo=I Acessado em: 21/05/2010.

CARRASCO, Walcyr. Disponível em: <http://www.walcycrcarrasco.com.br/>. Acessado em: 10/03/10.

CARRASCO, Walcyr. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Walcyr_Carrasco. Acessado em: 08/07/2010.

CARRASCO, Walcyr. Disponível em:

<http://bloglog.globo.com/blog/blog.do?act=loadSite&id=90&postId=7057&permalink=true>. Acessado em 10/01/2011.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em:

http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/pesquisas/edu_escolaridade_media.html. Acessado em 19/02/2011.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=86&catid=222&id=15851:pesquisa-mostra-que-aumenta-a-escolarizacao-dos-brasileiros&option=com_content&view=article. Acessado em 19/02/2011.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em:

http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1215&id_pagina=1. Acessado em 19/02/2011.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em:

http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1766
Acessado em: 16/05/2011

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: (Disponível em:

http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1766.
Acessado em: 16/05/2011)

MATIAS, Simone Disponível em: <http://www.ilustra.art.br/perfil.htm>. Acessado em: 21/05/2010

STEFANO, Alberto de. Disponível em: <http://www.alstefano.com.br/br/>. Acessado em: 21/05/2010

Walcyr Carrasco é empossado na Academia Paulista de letras. Disponível em:

<http://extra.globo.com/tv-e-lazer/walcyr-carrasco-empossado-na-academia-paulista-de-letras-571277.html>. Acessado em 10/01/2011.

Walcyr Carrasco lança obra pioneira com temática homossexual para crianças. Disponível em: <http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL1594912-9798,00-WALCYR+CARRASCO+LANCA+OBRA+PIONEIRA+COM+TEMATICA+HOMOSSEXUAL+PARA+CRIANCAS.html>. Acessado em 12/01/2011.

APÊNDICE

APÊNDICE 1

Entrevista concedida via e-mail no dia 17/08/2010

ENTREVISTADORA: As informações contidas no livro *Em busca de um sonho* são verídicas ou se trata de uma biografia romanceada?

WALCYR CARRASCO: As informações são verídicas. Mas claro que pontualmente surgem elementos ficcionais, exageros. Acredito que isso aconteça em todas as biografias, não?

ENTREVISTADORA: A maioria de suas obras são narradas em primeira pessoa. O senhor poderia esclarecer qual é o processo que utiliza na elaboração de suas personagens? E por que há essa preferência na narração em primeira pessoa?

WALCYR CARRASCO: Eu não tenho um "processo". Essa é a grande questão, quando dou entrevistas. Escrevo intuitivamente, os personagens surgem dentro de mim e à medida que escrevo, se tornam mais elaborados. Talvez por isso a narrativa em primeira pessoa: sempre é uma história que eu "vivo" pessoalmente à medida que escrevo.

WALCYR CARRASCO: Muito obrigado pelo interesse. Pedi a meu assistente que reúna o que tiver de material a respeito. Mas temos dois problemas: o primeiro é que só recentemente comecei a guardar o que sai a meu respeito (autor é desorganizado!); o segundo é que hoje em dia praticamente não existe mais a crítica de literatura infanto-juvenil -- jornais e revistas nos ignoram, simplesmente. Assim, antecipo que o material será escasso.

Fico pessoalmente satisfeito pelo seu desejo de escrever sua dissertação a meu respeito e também pelo fato de você e seus alunos gostarem de meus livros. Tocar o leitor de perto é, afinal de contas, o maior elogio que um autor pode receber!

APÊNDICE 2**Ficha sobre as obras de Walcyr Carrasco
Dados sobre as obras e sobre as personagens****DADOS DA OBRA**

1. Título da obra: _____

2. Ano de publicação: _____

3. Nome da editora:

 1. Saraiva 2. Moderna 3. Ática 4. Scipione 5. Atual 6. Cia das Letrinhas 7. Cosacnaify 8. Formato Editorial 9. Outros

4. Se 'Outros' especifique: _____

5. Principal temática abordada na obra: _____

6. tipo de narrador

 1. heterodiegético 2. homodiegético 3. autodiegético 4. narradores alternados

Você pode marcar diversas casas.

7. espaço onde transcorre a fábula

 1. espaço rural 2. espaço fantástico e/ou maravilhoso 3. espaço urbano de pequeno porte, espaço urbano de médio porte 4. espaço urbano de grande porte 5. espaço não caracterizado 6. sem indícios

Você pode marcar diversas casas.

DADOS DA PERSONAGEM

8.Nome da personagem:_____

9.Sexo da Personagem:

- 1. Feminino
- 2. Masculino
- 3. Sem indícios

10.Faixa etária da personagem:

- 1. Infância
- 2. Adolescência
- 3. Juventude
- 4. Idade Madura
- 5. Velhice
- 6. Múltiplas idades
- 7. Sem indícios

Você pode marcar diversas casas.

11.Posição da personagem na trama:

- 1. Protagonista
- 2. Narrador
- 3. Coadjuvante

Você pode marcar diversas casas.

12.Grau de escolaridade:

- 1. Analfabeta
- 2. 1ª a 4ª série
- 3. 5ª a 8ª série
- 4. Ensino Médio
- 5. Ensino Superior
- 6. Sem indícios

13.Ocupação da personagem:_____

14.Orientação sexual da personagem:

- 1. Heterossexual
- 2. Homossexual
- 3. Bissexual
- 4. Assexuado
- 5. Indefinida
- 6. Sem indícios

15.Cor da personagem:

- 1. Branco
- 2. Negro
- 3. Indígena
- 4. Caboclo (branco+índio)
- 5. Mulato (branco+negro)
- 6. Cafuzo (Índio+Negro)
- 7. Pardo
- 8. Amarelo
- 9. Sem indícios

16.Estrato socioeconômico da personagem:

- 1. Elite econômica
- 2. Classe média
- 3. Pobre
- 4. Miserável
- 5. Sem indícios

17.Relação social da personagem:

- 1. Profissional
- 2. Amorosa
- 3. Familiar
- 4. Amizade
- 5. Inimizade
- 6. Sem relações
- 7. Outros

Você pode marcar diversas casas.

18.Se 'Outros', defina:_____

19.Tipo de morte da personagem:

- 1. Suicídio
- 2. Assassinato
- 3. Acidente
- 4. Doença
- 5. Morte natural
- 6. Não morre

20.Época em que transcorre a fábula:

- 1. Primeira República (1889 a 1930)
- 2. Era de Vargas (1931 a 1944)
- 3. República de 1945 (1945 a 1963)
- 4. Ditadura militar (1964 a 1984)
- 5. Redemocratização (aproximadamente entre 1985 a 1995)
- 6. época contemporânea (aproximadamente entre 1996 a 2010)

7. Futuro

8. Épocas incertas

9. Outros

Você pode marcar diversas casas.

21. Se 'Outros', defina:

22. Desfecho do personagem na fábula

1. Situação de equilíbrio positivo

2. Situação de equilíbrio negativo

3. Situação em aberto

APÊNDICE 3

Relação dos livros publicados por Walcyr Carrasco

Livros	original	adaptado
1987 - Quando meu irmaozinho nasceu	sim	
1998 - As Asas de Joel	sim	
1998 - Meu Primeiro Beijo	sim	
1999 - O Menino que trocou a sombra	sim	
1999 - O Anjo Linguarudo	sim	
1999 - Balança Coração	sim	
2000 - Vida de Droga	sim	
2001 - Os Miseráveis		sim
2001 - O Mistério da Gruta	sim	
2002 - Mordidas que Podem Ser Beijos	sim	
2002 - Cadê o super-herói?	sim	
2003 - O Golpe do Aniversariante	crônicas	
2003 - O Garoto da Novela	sim	
2003 - Irmão Negro	sim	
2003 - O Menino Narigudo		sim
2003 - A Corrente da Vida	sim	
2004 - Sonho de uma Noite de Verão		sim
2004 - A Dama das Camélias		sim
2004 - Contos de Pânico	sim	
2004 - Pequenos delitos e outras crônicas	crônicas	
2004 - O Selvagem	sim	
2005 - Estrelas tortas	sim	
2005 - Abaixo o Bicho Papão!	sim	
2005 - A Menina que queria ser anjo	sim	
2006 - Camarões X Tartarugas: a Grande Copa do Mar	sim	
2006 - O Patinho Feio e outras histórias		sim
2006 - A Rainha da Neve		sim
2006 - Em Busca de um Sonho	sim	
2006 - A Senhora das Velas	sim	
2007 - A Palavra não dita	sim	
2008 - Lendas e Fábulas do Folclore Brasileiro (Volume I)		sim
2008 - Anjo de Quatro Patas	sim	
2008 - Lendas e Fábulas do Folclore Brasileiro (Volume II)		sim
2009 - O Soldadinho de Chumbo e outras histórias		sim

1993 - O caçador de palavras	sim	
2005 – Carolina	sim	
2010 - Ararinha de bico torto	sim	
2010 - Meus dois pais	sim	
2010 - Pituxa, a vira-lata	sim	
A gata borralheira e outros contos		sim
Branca de Neve e a Rosa vermelha		sim
O mistério do fantasma apavorado		sim
2008 - Lendas e Fábulas do Folclore Brasileiro (Volume III)	lendas	
chapeuzinho vermelho e outras histórias		sim
Cinderela e outras histórias		sim
O gato de botas e outras histórias		sim
Iracema em cena		sim
O jacaré com dor de dente	sim	
A volta ao mundo em 80 dias		sim
João e Maria e outras histórias		sim
Dom Quixote		sim
Viagem ao centro da Terra		sim
Este seu olhar	Crônicas	
Histórias para a sala de aula	Crônicas	
A megera domada		sim
Vinte mil léguas submarinas		sim